

**o amor
dos
homens
avulsos**

**victor
heringer**

COMPANHIA DAS LETRAS





*As soon as born the infant cries
For well his spirit knows
A little while, and then he dies
A little while, and down he lies*

Kitty Smart, o lunático *Hymns for the Amusement of Children* (1771)

*A thousand unborn eyes weep with his misery.
Antinous is dead, is dead for ever*

Fernando Pessoa

INFORME METEOROLÓGICO

A temperatura deste romance está sempre acima dos 31°C.

Umidade relativa do ar: jamais abaixo dos 59%.

Ventos: nunca ultrapassam os 6 km/h, em nenhuma direção.

O mar está muito longe deste livro.

1

No começo, nosso planeta era quente, amarelento e tinha cheiro de cerveja podre. O chão era sujo de uma lama fervente e pegajosa.

Os subúrbios do Rio de Janeiro foram a primeira coisa a aparecer no mundo, antes mesmo dos vulcões e dos cachalotes, antes de Portugal invadir, antes de o Getúlio Vargas mandar construir casas populares. O bairro do Queím, onde nasci e cresci, é um deles. Aconchegado entre o Engenho Novo e Andaraí, foi feito daquela argila primordial, que se aglutinou em diversos formatos: cães soltos, moscas e morros, uma estação de trem, amendoeiras e barracos e sobrados, botecos e arsenais de guerra, armarinhos e bancas de jogo do bicho e um terreno enorme reservado para o cemitério. Mas tudo ainda estava vazio: faltava gente.

Não demorou. As ruas juntaram tanta poeira que o homem não teve escolha a não ser passar a existir, para varrê-las. À tardinha, sentar na varanda das casas e reclamar da pobreza, falar mal dos outros e olhar para as calçadas encardidas de sol, os ônibus da volta do trabalho sujando tudo de novo.

2

Li em um dos meus livros de escola que, perto das zonas mais quentes do mundo, existiu um povo que detestava o sol. ☼☼ Os homens gritavam insultos à aurora cinco vezes por dia e, quando anoitecia, rezavam alegres. As mulheres, assim que viam os primeiros raios, cobriam a cabeça e os olhos com um tecido cru, como faziam quando enterravam seus mortos, e só se descobriam no crepúsculo. Por causa do sol, essa gente era preta e seu continente era a África.

Eu, apesar de muito branco quase verde, sou filho desse povo. Desde criança odeio o sol, mas passei a vida sendo lambido por ele, como um filhote. Acabei por tolerar sua presença, em alguns momentos cheguei a acreditar que o amava, mas não: odeio o sol. Murmuro xingamentos a ele cinco vezes por dia.

Nas férias de 1976, eu tinha uns treze anos de idade. O verão nem tinha começado de verdade e minha pele descascava pela terceira vez. Os braços e ombros, inflamados de minúsculas bolhas, logo estourariam em lascas de tecido morto. O nariz ganhava nova demão de queimado. A cabeça torrada não me deixava pentear os cabelos. As costas não me deixavam dormir. Já era quase meio-dia.

Estávamos desde a manhã na piscina. Joana, minha irmã mais nova, mergulhava, boiava e ria sem a parte de cima do biquíni, apesar dos mamilos já estufados. Eu não sabia nadar, tinha que ficar sentado na borda, com os pés na água e as coxas no granito quente, observando o sol morder as sombras do chão aos pouquinhos. Sentada na varanda do segundo andar, Maria Aína olhava por nós enquanto Paulina, a empregada, cuidava do almoço ou da poeira.

Segundo meus cálculos de moleque, Maria Aína devia ter uns 279 anos de idade. Era uma nossa vizinha que vinha cuidar da gente quando mamãe pedia. (Não sei se recebia dinheiro.) Tinha nascido aqui mesmo no Queím, aqui morreu e aqui viveu, num barraco que existia desde que o bairro era uma fazenda. Nunca saiu do Rio — o lugar mais distante que visitou em toda a vida foi a Jurema, onde moram as almas dos índios.

Respirava em longos assobios de bicho idoso e tinha visto todo mundo que era vivo nascer, até papai. Magrela, filha de escravos, falava na língua dos tataravôs quando não queria que a entendessem. Olhava para fruta verde e ela madurava. Fazia doce de abóbora no dia de Cosme e Damião, trazia para nós ainda morno. Nunca me esqueci do gosto, a casquinha quebrava crocante e, dentro, o creme arenoso, polpudo. Éramos os primeiros a comer, depois dos erês: ela deixava uma tigela cheia no meio do mato para eles. Os doces murchavam e sumiam. É

assim que espíritos se alimentam.

Maria Aína gostava de mim porque eu tinha nascido igual a ela, com o cordão umbilical enrolado no pescoço. Anos mais tarde, dias antes de morrer, ela me disse que “Sempre quem nasce assim é porque vai ficar na beira da ameaça, ossí Camilo”.

3

Joana veio até a borda e jogou água nas minhas coxas para aliviar as queimaduras. Saiu da piscina e me protegeu com um guarda-sol. Lembro bem a cara que ela fazia quando cuidava de mim: um sorriso apertado, tímido pela falta de uns dentes, as sobrancelhas em forma de solenidade triste, porque eu não conseguia andar tão bem quanto ela. Tenho a perna fraca. Monoparesia do membro inferior esquerdo. Aleijado, mas não muito. Aos cinco, já mancava; aos oito, de muletas.

Nas férias, eu escondia as muletas e usava um cajado de pau de goiabeira quase da minha altura, recurvo na ponta. Assim me sentia selvagem, andarilho ou xamã, garoto comum. (Na maior parte do tempo, eu precisava me agarrar com as duas mãos.) Esse mesmo pedaço de pau hoje me serve de bengala, envelheci apoiado nele. Pertenceu a algum parente de Maria Aína, foi ela que me deu. Não sei quem fabricou, mas é um dos objetos que mais amo. Quando estou ternurento, chego a sentir alma em tudo o que é feito da mesma madeira.

Sou incapaz de comer goiabas.

Joana pulou de volta na água. Nadou sem vontade por uns momentos e veio de novo até mim. Sorriu, mostrando os desdentinhos.

Eu entendia aquele sorriso. Ela queria me contar algo. Minha irmã morria de vergonha da boca banguela, mas sorria quando queria revelar ou conhecer segredos. Sorria para mostrar que sua boca também era livre de mistério, que sua língua não faria mal a ninguém. Era uma menina aberta. (Quando mamãe morreu, no começo dos anos zero-zero, Joana sorriu escancaradamente, depois me deu a notícia.)

“Mamãe não regou as plantas, hoje de novo ela não regou”, disse, e fez cara de detetive. Para provar, saiu da piscina, saltitou na direção do jardimzinho e voltou com folhas de samambaia. Belisquei uma delas, que descascou na minha mão. O sol havia esturricado o jardim de mamãe. Não devia regá-lo há semanas.

Joana me perguntou algo com as sobrancelhas. Respondi com boca de peixe. Ela suspirou imitando os adultos, mãos na cintura, olhinhos revirados. Sabia muito mais que eu e, mesmo assim, não sabia nada.

Eu só tinha um medo: se as plantas comesçassem a secar, logo ficariam amarelas. Se ficassem amarelas, o outono tinha chegado antes do tempo e o verão acabaria. Sem verão, não havia férias de verão. Teríamos que voltar para a escola.

Nós nem imaginávamos a crise que perturbava há meses o casamento dos

pais. Nem sabíamos quem governava o país. Vivíamos sob a esquisita ditadura da infância: víamos sem enxergar, ouvíamos sem entender, falávamos e não éramos levados a sério. Mas fomos felizes durante o regime. O tecido de nossas vidinhas era escuro e nos escondia completamente, burca sem olhos.

O primeiro rasgão se deu naquele dia. O barulho do carro de papai chegou até nós. A luz invadiria nosso esconderijo. Rom-rorrum, lá vinha o Corcel virando a esquina. Parou na frente do portão e rugiu de novo, vru-vruóm, exigindo entrada. Ninguém foi abrir para ele. Mamãe apareceu na varanda, trocou umas palavras pequenas com Maria Aína, fez que ia ficar, mas voltou para dentro. Papai, que subia o portão de ferro, não a viu. Estacionou em frente à piscina, buzinou e o sol acertou em cheio a lataria amarelo-fleuma do Corcel, bem nos nossos olhos.



Maria Aína se levantou aos pedaços, o esqueleto descadeirado e molenga, e ficou olhando de cima. Joana trouxe meu cajado e me ajudou a ficar de pé, o sorriso sem dentes querendo saber o que papai nos daria de presente, porque ele sempre voltava de viagem com presentes. Saiu do carro, bateu a porta, bufou ajeitando as calças. Calor. O Corcel ronronava desligado, asmático, antes de dormir realmente. Minha irmã deu um gritinho e se enrolou correndo na toalha.

Só então eu vi a cabeça dele emoldurada pela janela traseira. A cabeça raspada de um garoto tão garoto quanto eu.

Mas eu tinha cabeleira e não era daquela cor café com leite. Eu era vermelho no verão e, no inverno, branco-esverdeado. A cabeça dele devia ter essa cor misturada sempre, cor de nada com leite aguado. Parecia ser forte, eu era mais magro, mais quebrável, capenga. Mas os olhos dele é que eram frágeis, como pescoço de passarinho, de filhote que se descobre preso em ratoeira.

Meu instinto inicial foi odiá-lo. Queria furar seus olhos, fazê-lo desaparecer da face do planeta. Sei lá por quê. O ódio não tem razão nem propósito. O amor tem propósito, mas o ódio não. O amor serve para a perpetuação da espécie humana, protege da esterilidade e das solidões mais fatais. O ódio é maior, tem mais tentáculos e fala com mais bocas do que o amor. O amor é uma função fisiológica, o ódio é uma fome sublime e furiosa. É o motivo pelo qual somos a espécie dominante do planeta. O ódio é a perpetração da espécie.

Odiei a voz de papai dizendo “Pode vir, vem”, e odiei a demora do menino em se esgueirar pela porta entreaberta do carro, e odiei o nome dele — “O nome dele é Cosme”, papai disse —, e odiei a camisa azul-bebê que ele estava usando (comprada por papai, certeza), e sua corrida desajeitada até as asas do *meu* pai, que o aninhou com aquela mãozada que tinha. Odiei com ódio ancestral, num idioma que só a Maria Aína devia conhecer e que eu nunca decifrei.

De toalha enrolada na altura dos despeitinhos nus, minha irmã foi toda altiva até o garoto, olhou no meio da fuça dele e deu um oi desconfiado. Ele oisou de volta, o queixo colado no peito, e eu odiei a voz assustadiça dele. Ela falou que se chamava Joana e ofereceu a mão. Ele aceitou, inclinando-se todo cavalheiroso. Papai rarrarriu dos adultinhos e olhou para mim, ainda com lágrima de riso no olho. Aí me dei conta de que eu estava só de sunga, vulnerável quase nu — apoiado na muleta de pau de goiabeira como um lêmure horrendo.

Devo ter sentido vergonha, porque imaginei ouvir a voz de mamãe. Lá de

dentro, mamãe gritava meu nome. Um grito rotineiro, como se ela quisesse me fazer experimentar um pijama novo ou tomar xarope de cereja, que era gostoso e eu bebia sem birra. Mesmo imaginário, o chamamento dela era ímã irresistível, muito mais poderoso do que o terror que sentia da voz de papai, que era grande, maior que um quarteirão. Eu tinha que ir. Pedi licença, sem olhar para o novo Cosme, e manquei na direção da casa grande. Papai não tentou me impedir. Filho homem é da mãe.

“Avisa pra ela que a gente chegou.”

Eu me virei para eles e fiz uma viseira com a mão, para proteger os olhos do sol maldito. Aí perguntei se aquele era nosso novo irmãozinho. Perguntei para machucar. A cara de papai atraiu todas as outras caras.

Ele fez que ia começar a explicar, mas acabou não explicando nada: “É, não é...”. Cosme enganchou naquela frase. A boca ficou em fresta, como se ele estivesse vendo pela primeira vez um besouro furta-cor.

Rua Enone Queirós, antiga avenida Suaçu, 47. O endereço da casa do meu tempo de garoto. Dois andares, quatro quartos, uma suíte, seis banheiros. Sala de estar e de jantar, varandas, dependências de empregada. Quintal amplo, com piscina. Um abacateiro, uma palmeira (a palmeira era minha, o abacateiro, da Joana), arbustos variados, cerca viva, bichos indesejáveis, muitos insetos, de vez em quando um gambá. Vizinhança familiar, sem favelas próximas. Comércio farto, ônibus na porta.

Hoje em dia, fica a duas quadras de um dos maiores shoppings da Zona Norte e a uns quatro quarteirões do apartamento onde moro (2 qtos, 1 suíte). Depois de mais de trinta anos longe do Queím, voltei. Quero morrer aqui mesmo onde nasci. Todo mundo tem vontade de simetria.

O bairro foi quase todo derrubado. Na Enone, de velho mesmo, do tempo da fazenda Queím, só restou a fachada da antiga senzala, porque foi tombada pelo Patrimônio. E só a fachada: dentro virou um estacionamento. Aqui e ali sobem prédios de vidro no lugar dos sobradinhos caquéticos. As ruas foram asfaltadas e as esquinas, arejadas pela Light. Tudo encolheu.

Esta cidade sofre de uma febre que de tempos em tempos causa essas alucinações de belepóque. *Bota abaixo, vamos começar tudo de novo!* É o parasita modernizador, a malária de Miami, que antes foi malária de Paris. No delírio passado, arrancaram uma montanha da paisagem para enterrar um pedaço de mar, higienizaram tudo. No próximo, não duvido, vão higienizar de vez os cariocas.

Enfim.

A casa onde cresci pertence agora ao dono de uma famosa loja de materiais de construção. Valorizou muito. Se eu e a Joana não tivéssemos vendido quando mamãe morreu, eu estaria numa situação bem melhor. Mas, feito-feito, os parentes dos donos da fazenda que deu nome a este bairro devem pensar a mesma coisa: ál, se não tivéssemos picotado tudo em lotes e vendido para aquela gente miúda.



6

Mamãe passou o resto do dia trancada no quarto. A versão oficial pedia que a deixássemos em paz, ela precisava descansar: dor de cabeça, tonturas, efeitos do calor. Enquanto isso, papai improvisava o quartinho de empregada para o Cosme (Paulina não passava as noites): colchonete, lençóis, água, “E o que mais?”, roupas de papai-criança (que jamais caberiam em mim), gibis do Mickey. O garoto o seguia embasbacado, dizendo sim a tudo, e ambos eram perseguidos pela Joana, hiperbárica e prestativa. Eu espiava de longe, sentado na cadeira de balanço da sala, o cajado firme no chão para dar impulso. Sentia minhas sobrançelas muito peludas, porque era assim que eu imaginava a raiva no rosto das pessoas.

A noite caiu rápido. Logo que o menino entrou no quarto e se fechou para dormir, todos se fecharam. Paulina foi embora mais cedo, Maria Aína sumiu também. Os cachorros da rua desistiram de uivar. Nem ventava.

A madrugada se infiltrou calorenta pelas frestas das janelas e portas. O silêncio dos grilos tomou conta, disposto a só renunciar quando o sol retomasse o poder, mas as vozes de mamãe e papai se adiantaram e deram o golpe. As paredes mastigavam de boca fechada as palavras, mas eu sabia que aqueles eram sons de raivas e que os risos não eram risos de engraçado verdadeiro. Brigavam.

Às vezes, longos intervalos de paz e, depois da trégua, crescia de novo o sonzódio. Eu queria tanto chegar perto e ouvir melhor, mas o andar arrastado e o toque-toque do cajado me denunciariam. Fiquei no quarto. Murmúrios sufocados. De repente uma nota aberta: porta que bate! Outra: um desabafo disparava no ar, e sem resposta caía no silêncio. Grilos.

No meio da balbúrdia em surdina, Cosmim escapou. Abriu uma porta, pulou uma janela, tanto faz — a casa dormia toda destrancada. E, sem saber aonde ir, correu, com todos os seus músculos de gato-fossa. Esbarrões nos postes, tropeços nos paralelepípedos, suor. Depois de meia hora, as ruas se confundiram todas e ele se meteu num casarão comprido que não tinha mais portas e as janelas eram só os buracos. E lá dentro não tinha casa, era um matagal sem teto.

O céu começava a puxar o lilás.

O sol nos pegou de surpresa. Papai acordou cedo para levar leite para o menino e só foi encontrá-lo uma hora mais tarde.

Cosme tinha se escondido na antiga senzala, que já naquele tempo era fachada pura. Os negros do bairro, muitos deles parentes dos escravos da fazenda, tinham um compreensível pavorasco do prédio. Só visitavam acompanhados de Maria

Aína, para falar e dançar com os santos pretos. As católicas nem isso. Hoje, a fachada permanece, mas o terreno virou estacionamento e todo mundo é evangélico. Se os santos ainda vivem lá, devem estar com os pulmões podres.

Burro garoto Cosme, mula. Quase posso ver: um metro e pouco, quarenta quilos de carne parda tremendo de suor na senzala baldia, com a certeza de que nunca o alcançariam. Foi o primeiro lugar em que, por instinto, papai o procurou.

Cosme não tentou mais fugir. Passou os dias seguintes amuado, sentado no seu quartinho, ganindo. Só saía quando alguém o chamava duas, três, cinco vezes. Não falava. Quando o alimentávamos, ficava arisco, arrastava os pratos pelo chão do quarto, comia com a mão e cuspia, na afronta primitivinha dos moleques castigados. Nos dias em que mamãe não estava em casa, ele sentava à mesa conosco (papai fazia questão), mas se recusava a comer.

Mamãe viajou bastante naquelas férias. Foi o ano em que minha avó materna morreu, solitária e inconveniente. Vivia lá para os lados de Campos. Mamãe tinha muitos rancores dela e nenhuma irmã; foi obrigada a cuidar da doença e do enterro, que pelo menos foram breves. Papai era médico e precisava dar plantão quando o chamavam urgente. Então não era raro ficarmos sozinhos com a Paulina. Às vezes, Maria Aína aparecia para ajudar no almoço ou na vigia das crianças.

Não me deixavam ir brincar na rua. Um garoto aleijado não duraria muito nas mãos da molecada do Queím. Joana não podia sair porque era menina. Líamos, desenhávamos, a TV não tinha tanta graça como hoje.

Eu ainda não era esta hiena. Tinha um mundo inteiro para viver antes que acabasse. Gostava do Júlio Verne, do Henry Haggard, das voltas ao mundo e d'*A ilha do tesouro*. Ficava sonhando como devia ser a estrada para Minas Gerais (tinha ouro? tinha escravos ainda, bois que pensam, árvores com espírito, reis-salomões?) e fazia planos de ser Deus para criar um planeta. Como é que se inventava o cheiro do café? As cores da pele? Diferentes civilizações?

Eu tinha algum amor pelos homens.

Hoje acho bobo.

8

Nunca vi nada mais agourento que Maria Aína cozinhando língua de boi. Um dia, quase na hora do almoço, um cheiro morno-azedo me atraiu para a cozinha. Lá estava a velha, bigode suado (uns fios brancos e grossos no buço). A panela de pressão fumegando, xique-xique, xique-xique. Ensinava à Paulina como despelar a carne, é preciso tirar o couro da língua primeiro. É preciso escaldar direito e decepar a raiz, mas mesmo assim não descasca fácil, não. “É de puxar com força”, ela disse, os dedinhos nodosos cavoucando, as lascas de couro grudadas no dorso das mãos molhadas.

Imaginei seus dedos puxando um pedacinho de pele queimada do meu ombro, o pedacinho viraria uma lasca e logo uma tira descendo pelas costas, fazendo brotar mil gotículas de sangue. Imaginei a risada escura da Paulina. Um calafrio me subiu tão forte que quase escorreguei e caí.

Maria Aína olhou para mim e sorriu. Deve ter notado minha cara de nojo, porque falou: “Quer ver, ossí menino, esse cheiro sabe o que é? Todas as palavras que o boi não sabe falar”. Paulina riu. (As unhas dela eram muito longas, cor de vinho como casco de barata.) Já estava grávida e nem devia saber.

Foi naquele dia. Quando o almoço estava na mesa, Paulina chamou a gente e o Cosme saiu sozinho do quarto, banho tomado e camisa branca abotoada até o gogó. Sentou conosco, todo educadinho, e comeu a língua com batatas que Maria Aína tinha preparado, e a velha sorria e murmurava aprovando: “dejú Cosmim, dejú...”. E ele respondia — e perguntava como é que era, que time a gente era, se tinha batata frita, se isso, se aquilo, obrigados e por-favores.

Almocei mal. Nem encostei na carne. Pavor na boca do estômago. Suspeitava que a língua cozida do boi tinha algo a ver com a língua desatada do menino.

Ainda sinto na memória o cheiro de Maria Aína, o perfume do creme amarronzado que ela passava nos cabelos. Paulina também. Lembro do couro preto dos pés delas (parecia muito mais grosso que a minha pele). A ternura que às vezes tenho pelas duas, se inchar mais um pouco, vira mágoa. Pelo que sei, foram enterradas aqui mesmo no Queím. Os filhos devem estar espalhados de ambição pelo país. Não tem como saber onde foram parar, ninguém conhece o destininho de tanta gente. Devem ter virado horticultores, anotadores do bicho, bêbados de bar pequeno, com sorte técnicos em automação industrial.

O cemitério do bairro fica num barranco que se enchia de neblina nas manhãs frias. Hoje manhã fria nem existe mais no subúrbio. O planeta parece que vai se acabar em suor e enchente, é o que dizem. Se for verdade, o mundo começou a acabar primeiro no Queím, e já faz um tempo. Todo verão aqui tem dilúvio, queda de barranco, falta d'água e crise energética. Meu pai dizia que, nos invernos da infância dele, a água congelava nas torneiras de manhã. E dava para nadar no rio Carioca.

Por mim, tudo bem o fim do mundo. Eu em breve vou engrossar o caldo dos mortos. Sou jovem, estou nos cinquenta, mas meio século é o suficiente. Cosmim morreu aos dezesseis (quinze?), tenho o triplo de sua idade; para mim, chega.

Sabe quando você está gripado, quando a garganta inflama? Quando você fica com febre e cheio de catarro e banzo e os remédios de farmácia sem-receita não funcionam? Quando você suspeita que talvez seja mais do que um resfriado ou uma virose, talvez seja algo pior? Imagina viver a vida inteira assim, sempre dois ou três tons abaixo dos homens saudáveis, sempre suspeitando o pior. O pior, no meu caso, é bem pior do que o seu. Dois ou três tons abaixo.

E com você, claro, acaba que uma hora fica tudo bem. Só mais uns dias de repouso, mais umas doses de antibiótico.

Sempre achei que tinha vindo ao mundo não para estar nele, mas para ter estado, ter sido, ter feito. Nasci póstumo. Fui um natimorto nos braços de mamãe, enforcado pelo cordão umbilical, roxo, roxinho; o médico me reviveu com um sopro na boca. Meu primeiro beijo. Por pouco não me livreí do incômodo de ter nascido. Daí em diante, foi a teimosia do sangue o que me manteve vivo.

(Aliás, se esta espécie fosse depender da boa vontade de seus membros em continuar vivendo, estava no sal.)

Apesar dos desastres, tive uns prazeres. Minha perna, se não melhorou ao longo dos anos, não piorou a ponto de me entrevar, e aprendi a andar com uma única muleta, hoje bengala. Tive gripes, sofri dos ossos, aftas, azia, gastrite, fungos. Ainda não precisei usar óculos. Comum. Fiz cursos por correspondência e comprei livros, li muitas humanidades, mas fui só até o ensino médio. Trabalhei de bastante coisa, cortador de papel, revisor de jornal. Sempre gostei de desenhar, mas não segui a profissão. Tentei vida em São Paulo, voltei. No auge, tive uma loja de antiguidades na famosa Galeria Cartago, em Copacabana. Passei o ponto e fui parar em Mesquita, onde vivi até minha mãe morrer. Com o dinheiro da herança, comprei este apartamento e outro no Cachambi, que está alugado (R\$ 1150 por mês + condomínio e encargos; o inquilino é um bancário). Ninguém vem me visitar.

Minha irmã tem três filhos (duas meninas) que mal sabem que eu existo.

Joana virou jornalista, trabalha numa revista e ganha bem, mas nunca quis contar nossa história. Tem mais o que fazer.

Ela se tornou uma daquelas loiras muito magras e altas que parecem barrigudas porque têm a postura côncava. Os filhos murcharam os peitos de adolescente e incharam as olheiras. Da última vez que a vi, há uns dois anos, parecia que tinha dormido numa banheira de alvejante. É velha daquela velhice úmida e flácida de quem gostou demais de ter sido jovem.

10

“Quantos anos você tem?”, Joana, trepada de ponta-cabeça num galho do abacateiro, que o Cosme tentava escalar e não conseguia:

“Quinze. Catorze...?”

Eu, aleijento ao pé da árvore, não podia ir embora:

“Como é que não sabe? Sua mãe não disse?”

“Sei não quem é minha mãe.”

Joana sorriu elástica:

“E teu pai?”

Tentei levantar sozinho, apoiando as costas no tronco e com o cajado de alavanca, não consegui. Cosme me ergueu de um puxão só, sem olhar para mim, como se fosse o de-sempre. Por um segundo achei que a pele ressequida de sol tinha se soltado inteira das minhas carnes. Foi a primeira vez que encostamos um no outro.

“Meu pai também n’conheço não.”

Até o dia em que papai foi buscá-lo, Cosme morava com uma velha branca numa casinha geminada em Barbacena. (Daí o sotaque amineirado.) Isso ele nos contou. Quando se entendeu por gente, ela já cuidava dele — o nome era Dora, Maria Doralina Trazim de Souza, mas ele sempre a chamou de “avó” e a vizinhança toda fazia o mesmo. A avó dizia que ele tinha sido deixado ainda bebezinho na ladeira da igreja da Boa Morte, e de mão solidária em mão solidária acabou chegando às dela, as únicas que não quiseram mais soltar. Não sabia quem eram os pais. Quando ele fazia malcriação, a avó dizia que o devolveria aos padres.

A única pista que deixaram foi uma fotografia, nas dobras da mantinha do bebê: trinta pessoas posando sobre os destroços de um avião caído. A imagem me impressionou, parecia que o peso das pessoas é que tinha derrubado o bimotor, que jazia com o nariz enterrado, cheio de gente nas asas e no lombo. Não sei onde foi parar a foto. Cosmim nos mostrou uma vez só. Acho que ele recortou a imagem de uma revista, para inventar qualquer coisa, e eu acreditei.

O fato é que um dia meu pai bateu à porta da casinha geminada, tomou um café com a vó Dora, deu uns tapinhas carinhosos no ombro de Cosme e o trouxe para o Queím. Daqui ele não saiu mais.

A única amizade que tenho é o Grumá, meu vizinho aqui do prédio. José Grumari dos Santos, outro desses que fez de tudo na vida e nada. Vascaíno, cara de marujo. Pescoço grosso, maxilar hipopótamo, tronco e bronco. O rosto enrugado de sol, rabo de cavalo de praiano aposentado. A casa dele tem o cheiro daquelas pipocas doces industrializadas, que nem são pipocas, nem muito doces. É uns cinco anos mais velho que eu. Diz que nasceu em Ipanema, cresceu em Madureira.

Às vezes um porco morre acidentado no sítio da irmã dele. Cai na piscina vazia e precisa ser sacrificado, vira toicinho, lombinho, bisteca e vai parar na cozinha do Grumá. Aí ele me convida para ajudar a dar conta da carne. Limão na brasa, cerveja, cachaça e torresmo. No dia seguinte, meus intestinos ficam inflamados, nunca suportaram carne suína. Mas é só nessas ocasiões que eu encontro meu vizinho de porta, quando um porco morre acidentado em Nova Iguaçu.

Uma vez ele contou uma história de acidente aéreo que eu também ouvia quando garoto. Nos anos 1940, um avião se arrebentou lá para os lados de Pilares. A bordo estavam uma baronesa (às vezes italiana, às vezes espanhola e às vezes condessa), suas filhas e todo o ouro da família, que veio para o Brasil fugindo da guerra ocidental. Era madrugada de ventania, o aviãozinho vinha cacarecante de Santos, onde as mulheres tinham aportado num navio que muda de nome toda vez que contam a história. O pouco povo que vivia próximo ouviu o estrondo e viu de relance o relâmpago amarelo. Alguém acabou indo ver de perto. A avioneta estava com o bucho aberto, todo o ouro vazando, os cadáveres sangrando carbonizados por cima numa última tentativa de protegê-lo.

Homens e mulheres vararam a madrugada saqueando a fortuna. Moedinhas e baixelas e joias manchadas de sangue foram levadas e enterradas por toda a região, inclusive aqui no Queím. Enterradas porque não se podiam usar. Ouro maldito. “Quem é que comeria o arroz-feijão comprado com ouro sangrento?”, o Grumá me perguntou, mastigando arroz e farofa. “Ninguém. Então está tudo escondido na terra e ninguém sabe onde.”

“Mas então por que pegaram o ouro?”

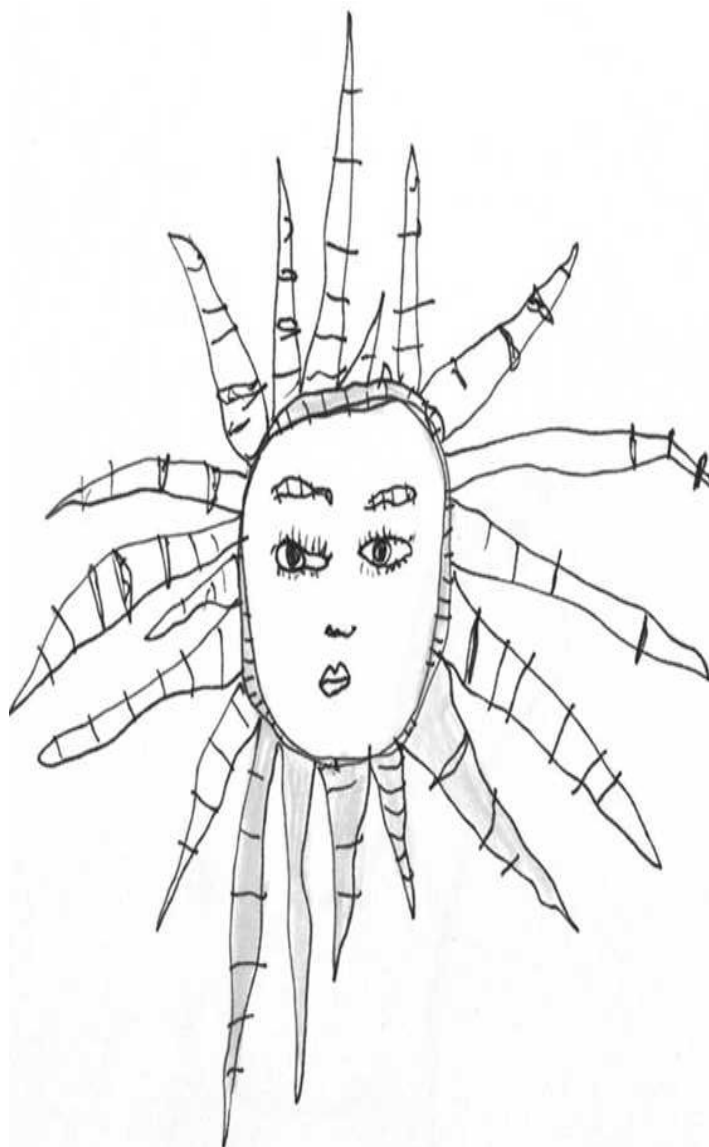
“Quem não pegaria?”

Os corpos foram enterrados nas ladeiras, o avião, segundo contam, também. Em noites de vento, quando aparecem uns clarões amarelados nas montanhas, o Grumá diz que são as damas do ouro procurando o que lhes foi roubado.

12

No canal educativo, um documentário sobre mudanças climáticas. Um tsunami perdido na Ásia. “... cidades costeiras como Nova York, Cantão e Rio de Janeiro enfrentarão prejuízos de até três trilhões de dólares...”.

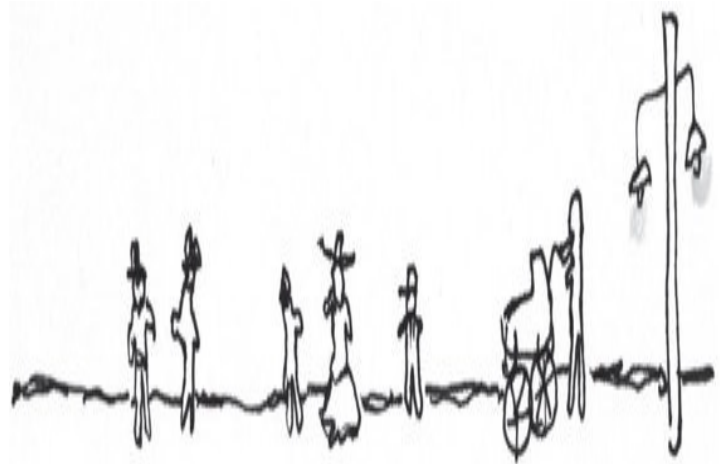
Mais cedo, no jornal, deram notícia de que dois balconistas de lanchonete se mataram a facadas num descampado em Guadalupe. Os urubus avisaram aos familiares onde estavam os cadáveres. A polícia só apareceu depois dos jornalistas.



Não tem lei depois da passarela seis da avenida Brasil, o portal dos subúrbios. Nem corrupção. O homem puro é aquilo mesmo, um bicho esperto o suficiente para inventar a faca e tirar dela a conclusão mais óbvia: o assassinato. Corruptos são os que escreveram os códigos, porque inventaram o crime. Daí em diante, foi aquela coisa de sempre: cadastros, arquivamentos, carimbagens, homologações, prédios de escritórios, planos de previdência, manuais de boa conduta no trabalho, Kafka, engarrafamentos na avenida Rio Branco, departamentos de recursos humanos. Inventaram todo tipo de castração para frear nossas fomes de carniça. Hoje, um urubu é mais homem que o homem — cidadão, funcionário, eunuco.

E este estado perpétuo de ressaca moral.

(Mas também quem vai querer viver faminto?) (Um prédio de escritórios é capaz de, pelo menos, nos proteger do mau tempo.) (O amor médio parece até aconchegante.) (Acreditar em gentilezas pequeninas.)



13

Corriam, eu conseguia ouvir os ecos serpenteados pela casa. As risadas estridentes e os chinelinhos de Joana. Os passos mais espaçados, grossos, de Cosme.

Imaginava como devia ser dentro da pele parda dele, os tendões de trem de ferro, vapor vivo, sangue bombeando, olho fixo no alvo, maxilar endurecido de atenção, a cabeça brincando, mas o corpo predador a sério. Nas esquinas, apoiava a palma da mão na parede para se equilibrar e tomar impulso. As mãos dele eram enormes.

Lá vinham os dois, Joana perseguida, Cosme dando vantagem porque não saberia mesmo o que fazer se a alcançasse — cócegas, um abraço, uma rasteira, uma mordida? Passavam por mim e sumiam.

Papai era quem estava em casa. Foi o dia em que minha avó materna morreu, mas só recebemos a notícia uma semana depois, quando mamãe voltou de viagem. Não me lembro de ter ficado triste. Não a conhecia.

De repente, tudo quieto. Joana vai para um lado, devagar, olhos no alto das paredes. Cosmim vem para outro, escorrega mas se levanta rápido, e desengonçado — como um veado recém-nascido. “Que foi?”, perguntei, e ele “Nada”, e repetiu, nada, e repetiu nada sem que eu tivesse repetido a pergunta.

Esconderam-se tarde adentro. A tarde virou manhã e, pouco antes do almoço do dia seguinte, vieram até mim. O pânico todo disfarçadinho no rosto. Eu estava na borda da piscina, na sombra.

“Aqui”, Joana disse, e Cosme tirou dezenas de caquinhos dourados do bolso, que brilharam doído nos meus olhos, como se o moleque tivesse um monte de sóis nas mãos. Parecia resignado.

Era um dos bibelôs de mamãe, um ovo dourado cravejado de pedrinhas cor de laranja. Ela colecionava esses fabergês de bijuteria, que ficavam expostos numa saleta sem janelas nos fundos da casa. Estantes e mesas empilhadas de ovos de ouro fajuto. Com as luzes apagadas, a penumbra era toda riscada de amarelo fosco.

Sempre detestei aquela sala. Depois que mamãe morreu, joguei quase todos fora. Guardei dois ou três ovinhos.

Joana: “Vão mandar ele de volta pros padres!”.

Aí despencou um silêncio, que ecoou fundo no topo da minha cabeça. Fiquei tonto. Meus pulmões de repente engasgaram ácido. Queria que ele fosse embora, mas queria que ficasse. Não queria abrir mão da minha raiva, estava começando

a me apegar. O medo, filho esperto do ódio, me deu rápido a ideia:

“Enterra ali”, eu disse, e Cosmim fechou as mãos de susto. “Enterra e esquece. Ninguém vai perceber.”

14

A trabalhadeira que custou a morte da mãe, o enterro solitário, as imaginações de vermes futuros, não sei o que era, mas minha mãe voltou da viagem mudada. O táxi — não esqueço: um zé-do-caixão 1600 bege e preto — estacionou no portão de casa, onde estávamos todos à espera, Cosmim inclusive.

Ela desceu do carro e deu oi para o menino. Papai e Joana estupeficaram. Antes, nem olhava direito para ele.

Não foi carinhosa, não abraçou nem chegou perto do garoto, mas falou aquele oi, incendiou minha raiva, que derreteu meus olhos e eu não vi mais nada. Já estava no chão, o cotovelo ralado e o cajado rolando para longe depois de ter acertado o rosto do Cosme. Uma bolha de sangue rebentava no canto do olho dele, que virava para mim ainda sem reação. Quando as minhas raladuras começaram a arder, a ferida dele também deu alarme. Vi que ia pôr a mão na ferida, que estava prestes a gritar, mas não ouvi. Desmaiei.

Aí o verão acabou.

Não eram só raladuras. Eu tinha quebrado o braço. A força com que atirei o pedaço de pau deslocou a articulação do ombro e, quando as pernas não me aguentaram em pé, amorteci a queda com as mãos. Todo o meu peso caiu em cima desse ponto frágil. O osso pulou da órbita e se partiu em dois.

Corremos para o hospital, papai e eu, no mesmo táxi em que minha mãe tinha chegado. No caminho, ele tentou encaixar o braço de volta no lugar e riu com o taxista, “Tem que se quebrar mesmo, é menino”. E ria, rarrarria como se eu tivesse vencido um torneio de beisebol. Vai entender o que é para um pai ter um filho aleijado. Eram onze da manhã, o sol abafava o interior do carro e do crânio.

Vomitei muito.

16

Naquele ano, Paulina minha babá teve uma filha chamada Adriana (homenagem ao marido, Adriano, que logo abandonou a família). Quando o umbigo da mãe já estava um caroço, Maria Aína viu na borra do café que a filha seria tristonha, mas não teria tempo de ser infeliz para valer. Estava certa: Adriana teve um filho no começo dos anos zero, aos vinte e pouquinhos de idade, mas morreu no parto.

Esse moleque ainda vive no Queím. Anteontem o vi no meio de uma ninhada de garotos, uns doze, todos sem camisa (doze tons de preto), jogando bola no beco do Bastilho. Passei puxando a perna a caminho da padaria e ele me olhou. Todos olharam — aberração de circo —, mas ele eu reconheci. É a cara da avó.

Acho que se chama Renato.

O pai devia se chamar Renato também.

Fiquei cinco semanas de braço engessado. Nojo da pele abafada, pálida e sempre úmida, fedendo musgosa debaixo do gesso. Quando voltei do hospital, fui colocado na cama dos meus pais e mamãe veio cuidar de mim, papai apareceu e riu do filho brutal, Paulina me deu almoço na boca, Joana tascou uma beijoca na minha bochecha, para sarar.

E o Cosme, tinha morrido? Tive medo quando perguntei a papai, medo de ser preso e ter que viver para sempre com os bandidos. Ele respondeu muito sério que não, mas quase. Onde é que estava? Papai disse que já nos veríamos, tínhamos que fazer as pazes. Baixei a cabeça, sim, pazes. Detestava fazer pazes (com a irmã, com o coleguinha de escola). Vergonha, nervoso de apertar a mão do inimigo...? Não lembro mais por quê. A verdade é que eu estava curioso para ver a cara dele. Cócegas no peito e nos baixos do peito. Queria porque queria. Estava muito machucado? Papai riu que não. Ficou cicatriz?

Meu ódio por ele tinha desaparecido. Eu acho que o ódio está no mundo em consistência de nuvem, uma coisa que fica ao alcance de quem quiser pegar, deixar fermentar e moldar como quiser. É um apêndice da cabeça. Não tem dono nem mira certa, não dá para prever nem controlar muito bem, é uma gripe bubônica se espalhando, uma peçonha desembestada, lava de vulcão, onda tsunami, não sei a comparação certa. Depois da bengalada que dei nele, meu ódio perdeu o nome e o formato de Cosmim. Aí, de um golpe, comecei a amá-lo.

O capitão Brás tinha o peito forte que desafiava a própria morte. Um colosso impávido. Colã verde e amarelo, máscara azul, herói 100% nacional que eu mesmo inventei. O espadachim da liberdade. Deitado na cama de mamãe e papai, sem poder desenhar (sou destro), relia as poucas páginas que já tinha feito. O capitão combatia um monstro de mil cascas de barata: quando o matava a espadadas, de dentro da carapaça surgia outro igual, só que um pouco menor. O herói apanhava do inimigo e estava prestes a morrer afogado na baía de Guanabara, mas depois venceria, sempre vencia. Eu só não tinha desenhado a vitória ainda.

As panturrilhas, eu tinha uma coisa com as panturrilhas do capitão Brás. Eram difíceis de desenhar, assim como a sunga e a bunda. Menino não desenha bunda de menino, menino nem olha, nem pensa na parte da frente da sunga de outro menino. Uma ansiedade que não entendi na hora me fez procurar outra coisa para ler.

Na pilha de gibis e livros que me emprestaram para gastar tempo, encontrei uma revista de estrelismos, mexericos e desastres do rádio e da TV: POR QUE ACABOU O NOIVADO DE MARLENE? (Não lembro.)

Duas fotos do casal descalço em casa, ar descontraído. Os oxfords bicolores do Paulo Farias, ex-futuro marido da cantora, casualmente em primeiro plano. Os dedinhos dos pés de Marlene Bernard, estrela menor da Tupi. As panturrilhas do Paulo, apertadas nas calças bege. Comecei a sentir de novo as cócegas nos baixos do peito, descendo para os baixos do estômago. Meu pau acordou aos pulinhos.

Quando fui ver, já estava fora da calça. Fechei os olhos, virei de bruços e, sem poder usar a mão direita, apertei com a esquerda. Até então, era assim que eu fazia, de bruços: apertava o pau e as bolas e rebolava até sentir as contrações no fundo da pélvis. Ainda não ejaculava. Esses orgasmos secos foram os melhores da minha vida.

La projetando várias imagens no escuro das pálpebras. Não tinha ainda a perícia açougueira de só imaginar as partes do corpo que me fazem gozar (pés/ panturrilhas/ bunda/ pescoço). Lembranças da escola: os tornozelos do Pedro correndo atrás da bola, Manuela magricela me olhando do outro lado do recreio, me olhava por quê? Queria me ver sem roupa? Paulina pelada. Tudo isso excitava porque era proibido de pensar. Cheiro de suor depois das aulas de educação física. Eu nunca participava. O pau de Cosmim se meteu na fita. Como

devia ser? Gordo e mais mulato que o restante do corpo. Um anel de pele enforcando a cabeça. Espumaria? Os moleques da escola diziam que paus espumavam, mas o meu nunca espumou. O meu era fininho, mas longo. Duro, era a única coisa reta que eu tinha no corpo. Cosme. Cosme com medo de papai. Cosme correndo atrás da minha irmã, as mãos grandes do Cosme. Cosmim. Se a Manuela o visse, ia querer casar com ele.

O que me excitou mesmo foi estar ali na cama dos meus pais, a cama onde fui concebido, onde minha irmã foi, onde se dava todo o sexo que eu conhecia. A sensação de proibido cresceu, tesão, um ruído pontiagudo na cabeça e de repente aquele aperto quente na barriga e um molhado morno na palma da mão. Abri os olhos, susto. Era a primeira vez que saía algo. Achei que tivesse me mijado.

Cosmim estava na porta me espiando, sem camisa, a boca meio sorrindo. Na testa, um pequeno curativo, gaze e esparadrapo, feito por papai, acho que só para me assustar, porque a coisa foi bem menos feia para ele. Não se assustou quando eu me assustei. Nem piscou quando eu me contorci todo para levantar a calça. Continuou quase sorrindo, com aquela calma esquisita. Limpei o gozo gosmento no lençol e esperei. O susto inflou em terror, terroríssimo.

Ele parecia ter ficado adulto de um dia para o outro. A pele escureceu, as coxas espicharam. Pelos. Cheiro de carne lavada. As canelas, que sempre foram gravetos, terminavam agora em pés maciços, largos e chatos. Cosmim, ruim de bola, jogava na zaga. Imprestável para o Exército. Meio capenga, porque o lado esquerdo do corpo parecia mais musculoso do que o outro. Os bicos dos peitos pequeninos, cor de figo. A voz dele estava mudada, mais grossa:

“Esse desenho aí é de quê?”, e chegou perto para ver.

(Com essa pergunta, ele aceitava as desculpas que eu não tinha pedido. Nossas pazes estavam seladas.) Um estremecimento nos meus cabelos da nuca. Ele veio vindo e veio. Pôs a mão direita na minha testa e senti como era áspera, morna. Não sei por que fez isso, acho que ele também não. Parou de falar, parou de meio sorrir, virou e foi embora arrastando os chinelos de borracha, as nádegas dois pistões de motor.

Aí me lembrei da aula de ciências, aí entendi o que era aquilo que tinha melado meus dedos, que eu tinha limpado no lençol de mamãe. Aí tive o horror bisonho: e se minha mãe rolasse ali e ficasse grávida? Eu seria pai do meu irmão!

Foi a única vez que rezei.

Deus ouviu minha prece.

As duas semanas que vieram depois estão deformadas na memória. Uns pedaços confusos, umas coisas não sei exatamente de quando. Mamãe começou a fumar um cigarro que vinha num maço dourado. As aulas estavam chegando. Um dia, ela fez as malas e se mudou para outra casa (um hotel?). No outro, voltou a morar com a gente, tinha perdoado meu pai. O porquê eu não sabia. Será que ele tinha dormido com a secretária? Todos os homens dormiam com as secretárias.

Os dois se divorciariam uns anos mais tarde. Papai acabou seus dias em 1987, num sítio em Queimados, demente paranoico, com medo de que o pusessem dentro de pneus e tacassem fogo. Os bandidos. Mamãe envelheceu carente num sala e quarto na Taquara. Mais tarde ainda, ambos já mortos, descobri uns pedaços dos porquês.

Reunindo as papeladas dela para o lixo, dei com uma pasta etiquetada com meu nome. Dentro, uma carta e uns documentos xerocados (“que o depoente...”; “que supunha médico, aplicou-lhe uma injeção”; “que ouviu o... que desmaiou de...”; “substância que a deixou acordada por três noites”; “que atendia por ‘doutor Pablo’ e ria quando”) que ela tinha recebido, não sei, de um dos amigos militares do meu pai. Se tudo bate (há muitos carimbos oficiais, mas nunca procurei saber o fundo da verdade), papai foi o “doutor Pablo” que ajudava nos porões, mantendo os prisioneiros sobrevivendo. Pode ser invenção do rancor dela. Na carta, mamãe diz que não sabia de onde ou por que meu pai tinha resgatado Cosmim, mas ela achava que era o filho de uma de suas vítimas, talvez do sêmen estúpido dele próprio. Por isso tinha dó, mas nem conseguia olhar para o menino direito *etc.* — e que me amava muito e um beijo da sua mãe que te ama muito ♥

♥♥ Antônia de M. Cruz.

(Carimbo e história são fáceis de inventar.) Mas, se tudo bate, papai deve estar na eterna queima de arquivo que é o inferno. Ou que nada, a gente morre e some no vácuo, o corpo aduba as árvores e quem se lembra de nós um dia morre também.

.....

"A Revolução de 64 é irreversível e
consolidará a Democracia no Brasil"

D. O. P. S.
PROTOCOLO
N.º 413 142
SEÇÃO DE INFORMAÇÕES



Capital do Amapá? Macapá! Os ventiladores não refrescavam, só espalhavam o bafo quente pela sala. Quarenta crianças mais a professora Beth, um fornízio, os germes fazendo nenéns nas nossas narinas. Quando um ficava doente todo mundo ficava. As urticárias eram coletivas. Os piolhos rapavam a cabeça de todos os meninos ao mesmo tempo. As meninas não podiam, tinham que passar xampu-remédio.

Nos primeiros dias da volta às aulas, eu ainda estava de braço engessado, tinha que ser empurrado numa cadeira de rodas. A cara de pena das meninas e dos professores, gentis como nunca. Os meninos tentavam juntar pêsames e respeito num mesmo sorriso. Eu agora era um deles, machinho de violências imprevisíveis. A inspetora me deixava voltar ainda mais atrasado para a sala depois do recreio, eu não precisava copiar nada do quadro-negro, todo mundo assinou meu gesso, tudo é doçura para um aleijado de braço quebrado.

Não tenho nostalgia do meu tempo de escola (colégio São Sebastião, particular, a três quarteirões de casa, ainda existe), foi meio aguado. Serviu para aprender a ler, somar, calcular o por-cento dos impostos e mais quase nada. Descobri também que a fauna humana não é muito sortida. A Manuela magricela, por exemplo (o sobrenome era Pacheco Antino, leio no álbum que nos deram na formatura), cabelo preto enroladinho, rosto abaulado de animal herbívoro, família protestante (vivia com a Bíblia na mochila). Magra sem peitos, medrosinha e estudiosa, sentava no canto direito, a duas carteiras da professora. Parecida-idêntica a milhares de outras magricelas medrosinhas e estudiosas que se sentam nos cantos, perto da professora, em outras inúmeras salas de aula dos cinco continentes.

Tenho certeza de que a minha turma serviu de molde para todos os seres humanos do planeta. A espécie inteira foi resumida naquelas quarenta pessoas (contando comigo), todas as tendências e temperamentos foram representados. Todos os homens, mulheres, todas as guerras, todas as escravidões e divórcios e polícias, a história completa está ali em germe. A humanidade não vai além desses quarenta tipos. Por isso não mantive contato com nenhum dos meus velhos colegas de classe: não preciso, encontro um deles sempre. (Mundo pequeno.) E sempre mais ou menos atraídos, mais ou menos distantes da figura magnética da vez, que na escola era a professora; em casa, os pais; na igreja, o pastor; na empresa, o gerente; na TV, o galã; no estádio, o craque.

3	PRESENTE
4	FALTOU
5	PRESENTE
6	DOMINGO
7	FALTOU
8	PRESENTE
9	PRESENTE
10	FERIADO
11	RECESSO
12	RECESSO
13	DOMINGO
14	ADVERTIDO

A. A. de C. ♂ — Baixinho que enfeou na adolescência, depois de uma infância cheia de atenções. Compensava com um bom humor constante e forçado. Ótimo em matemática. Carteira da frente.

A. B. M. ♀ — Cresceu com porte físico de menino, cara de mamãe-dinossauro, força e interesse por esportes com bola (nunca artes marciais). Sentava-se no fundo da sala, junto com os bagunceiros, mas tirava notas razoáveis.

A. G. dos S. ♂ — Trocou cinco vezes de religião antes dos dezoito anos. Gostava de fingir ser bandido santo, depois ficou mais correto. Hoje, é dono de restaurante no interior do estado.

B. C. e O. ♂ — Gordo violento. Depois bonachão. Comentava toda minúcia da própria vida, os cadernos e canetas de que gostava mais, as comidas e bebidas, os regimes intestinais.

B. C. F. ♀ — Considerada a mais feia do colégio. Sentava-se na primeira fila, mas não conseguia tirar boas notas. Passou a ouvir jazz e a gostar de moda vanguarda, sofisticou-se na Europa.

C. A. C. ♂ — Eu, aleijado, tímido e irritável. Eu me sentava no canto esquerdo da sala, perto da porta (para facilitar a saída). Brigava quando tentavam ajudar ou me faziam privilégios.

C. B. das D. ♂ — Amigo de todos, não bebia álcool até os dezoito. Rei das colas e trapças, nunca tirou nota vermelha. Assim que pôde, virou pai de família. Abominava a violência física.

D. A. C. A. ♀ — Gordinha estourada. Mostrava as banhas para os outros como quem mostra o dedo do meio. Emagreceu na adolescência, mas conservou a personalidade agressiva, útil no mundo do trabalho.

D. H. de M. ♀ — Bonitinha, arrumadinha, branquinha, donzelinha. A maioral.

E. A. A. ♂ — Loiro galãzinho, primeiro a perder a virgindade. Nunca soube que rumo seguir, isso o incomodará mais do que tudo, porque parece que falta um pedaço de pessoa nele. Auge da vida aos dezessete anos.

E. A. dos S. ♂ — Sorria demais. Todo mundo achava que era um tiquinho retardado ou possível maníaco.

E. V. ♀ — Morava com o avô. Obcecada em cuidar dos outros, virou enfermeira. Não conseguiu passar no vestibular para medicina.

F. A. da S. ♂ — Vivia calado, mas vez ou outra não se continha e dançava em cima das mesas, tirava a camisa, tentava fazer todos os gols do mundo, botava a língua para fora e balançava a cabeça e ria e rrrerria e rrrarria.

F. M. V. ♀ — Tímida, apesar do tamanho avantajado. Comportava-se como as meninas pequeninas. Quando a época dos beijos começou, dizia que tudo bem ninguém querer beijar a boca dela, nem queria mesmo, porque era anti-higiênico.

F. de N. I. ♂ — Dava mil cruzeiros em troca de cinco, às vezes duas moedinhas, porque achava moeda um troço mais bonito.

F. T. A. L. ♀ — Garoto sem sobressalências, até se machucar num acampamento. Ficou com uma cicatriz que ia do pescoço até a boca. Todos o paparicavam e ele aceitava. Cresceu acreditando no bom coração das pessoas.

G. C. e O. ♀ — Mutante. Foi, ao longo dos anos, todos os personagens do desenho do Scooby Doo: o magrelo desgrehado e guloso, o bonitão destemido, a moça indefesa e rica, a menina de óculos inteligentes, o cão covarde. Não sei se se decidiu por algum deles.

G. de A. P. ♂ — Amado pelo pai, nunca teve vergonha de dizer que amava os amiguinhos. Colecionará carrinhos de brinquedo até o dia de sua morte.

G. dos S. V. ♀ — Corpulenta e loira falsa desde os catorze. Sonhava em morar na América e casar com um americano. Deixará ter o sexo filmado e divulgado na internet, mas com câmera de última geração.

I. de A. C. ♀ — Pobre esforçadinha. Subiu na vida para defender as potências que a deixaram subir.

J. P.-C. ♂ — Tentou suicídio após terminar o primeiro namoro. Pequênês, latia alto e se considerava viril. Quis a sério ser artista de cinema.

L. D. de A. F. ♂ — Chutou a cabeça de um coleguinha e foi expulso do colégio.

L. S. S. ♀ — Gostava de desenhar palhaços macabros. Foi a primeira de todos a aprender a fumar e a falar inglês, primeira tatuagem. Sentava-se na penúltima fileira. Achava que era mais livre que os demais.

M. H. ♂ — Uma vez me passou uma rasteira porque eu não tinha devolvido o bom-dia dele. Depois me abraçou chorando.

M. P. A. ♀ — Manuela magricela. Até hoje deve achar que Deus é mais.

M. P. de I. ♂ — O primeiro a ter buço. Suava, fedia e aceitava o nojo da biologia. Arrancava lascas de pele dos cantos dos dedos e as mastigava por horas, porque eram salgadinhas.

N. S. ♀ — Não via filmes inadequados para a idade. Quando inventaram os teletões, ela doou. Inventaram reality shows e ela votava. Bonitinha, ótima aluna, muito prestativa e simpática.

P. C. B. Jr. ♂ — Apanhou no vestiário porque estava de pinto duro enquanto os garotos tomavam banho. Teve que mudar de colégio.

P. da S. M. ♂ — Falar de carros puxa o assunto mulher, que puxa o assunto dinheiro, que puxa o assunto futebol, que puxa o assunto carros. Trabalhava incansável até entender um ponto da lição ou até se aposentar.

P. F. C. ♀ — A única negra-negra da sala. Carteira da frente. Virou folclórica: roupas africanas, pano enrolado na cabeça, raízes, muxoxos.

P. R. Q. de M. ♂ — O tipo de menino que vira analista de sistemas com três livros de poesias nunca publicados.

R. de S. ♀ — Espiritualista e bucólica, Deus é o deus em cada um. Só gostava de coisas brancas, casou e foi viver numa cobertura na Barra da Tijuca.

R. E. da C. ♂ — Espichou num adolescente musculoso, enorme, quase deformado de força, mas era calmo como certos gigantes de filme de fantasia. Tendência a dirigir carros minúsculos e aptidão para a música.

R. S. X. ♀ — Queria fazer carreira roubando bancos e fazendo Revolução, mas se viciou logo em cigarro e vinho verde.

S. D. ♀ — Filha da professora Beth. Rebelava-se extrema, por coisas pequenas e quando ninguém mais se agitava. Sabia pôr os alunos contra a própria mãe. Ateísta e solteira convicta.

S. S. K. ♂ — Branco, cara quadrada, topete castanho. Inteligente, quase. Naturalmente se tornou líder, macho alfa da turma. Só podia dar ordens porque os carteiras-da-frente não se importavam de ser ordenhados.

T. de M. Jr. ♂ — Boca miúda, viscoso. Delatava os bagunceiros e escondia o dedo. Quando cresceu, virou gerente de banco e viraria camaradagem do Partido se o país fosse comunista. Delegado de parapeito. Botava a polícia atrás dos pretos suspeitos e garotos cabeludos.

T. H. V. ♀ — Sempre deu mais atenção aos livros do que aos estudos.

V. de A. ♂ — Barrigudo aos treze, casado aos dezessete. Boa-praça. Depositário fiel do sonho brasileiro. Poupança e ponto batido religiosamente, churrasco aos domingos para nunca pensar na morte nem na norma.

V. G. ♀ — Parecia meio arrebetada pela vida, mesmo novinha. Queria casar e ser tranquila. Para manter amizades, fazia piadas de caganeira, repolho que causava gases etc. Os pés dela eram virados para dentro.

Não eram unidades estanques, claro. Ninguém é. Juntavam-se em gangues,

tribos, partidos, patotas, panelas, festas do pijama. Quem gosta de cães e quem gosta de gatos, subdivididos em raças de cães e gatos preferidas *etc.* Eram atravessados por frentes frias e ondas de solidariedade, estouros de boiada, instintos e mal-entendidos. Bilhetinhos, socos, caretas pelas costas, apelidos e brinquedos espatifados (uma vez, G. de A. P. ♂ pisou num avião miniatura meu). Brigavam, conquistavam e eram subjugados, faziam todo tipo de comércio, inclusive o de gripes, contaminavam-se e depois tchau. Cada um para o seu lado, cada um com a certeza absoluta de que era o chimpanzé, o único, com destinos de presidência da República.

Mamãe era uma típica D. H. de M. ♀. Papai, ao que parece, era um L. D. de A. F. ♀. Joana é um caso raro de N. S. ♀ que se transformou em uma espécie de B. C. F. ♀... Só conheci um sujeito que não se encaixava em nenhum dos quarenta tipos: Cosmim. Esse o mundo fez e quebrou o molde. O resto: encaixável.

21

De manhã, a caminho da padaria (a terceira fornada sai sempre às 8h30 na Flor do Queím), vi de novo o Renato, neto de Paulina e Adriano, filho de Adriana. Uniforme branco e azul da escola pública, pele café com pingo de leite, mochila de plástico dos Power Rangers (para meninos cinco anos mais novos que ele). Perguntei se se lembrava de mim, ele fez que sim com a cabeça, apertou minha mão e saiu gargalhando. Não deu tempo de perguntar se ele se lembra do avô.

O bairro é minúsculo, mal aparece nos mapas em escala maior, mas quando Cosmim me apresentou a rua (agora eu podia brincar lá fora, era homem-macho, sim), o Queím se agigantou tanto ao redor que o ar chegou a ficar rarefeito. Engasguei (era medo, sim), ele bateu delicadamente nas minhas costas: “Tudo bem?”.

“Tudo.”

“A rua não morde.”

Avenida Suaçu, atual rua Enone Queirós. Meninos jogavam a mesma bola que jogam hoje, descalços, um time com camisa e outro sem (ou todo mundo sem), quatro chinelos marcando as traves. Os carros vêm buzinando lá da primeira esquina para interromper a partida sem atropelamento nem briga de gol anulado.

De vez em quando isolavam a bola, que subia no ar, subia. Sol escorchante nos olhos. A bola quicava: pó, poeira, concreto pobre, baratas mortas, tampas de bueiro, cheiro de cerveja velha, mijo de cavalo, cavalo sarnento. E ia parar lá no matagal da senzala. Paisagem desbotada de amarelo.

Meu braço estava curado. Eu tinha destrocado o cajado pelas muletas, era aleijado em tempo integral novamente, com meus dois tentáculos metálicos. O Cosme veio e disse “Vamos lá fora?”, eu “Piscina?”, ele “Pra rua”.

Um pânico: “Minha mãe não deixa”.

“Deixa sim, já deixou, diss’que comigo você pode.”

Duvidei, fui perguntar à mamãe e ela rosou um vai-vai-vai. Estava escondida na sala sem janelas, lustrando seus ovinhos de ouro falso. Tinha feito uma cama ali mesmo, colchão de solteiro, dois travesseiros, lençóis de seda, garrafa de vinho. Papai estava onde? Ela balançou os ombros que não sabia.

A primeira coisa que vi na rua foi uma mulher. Preta, magricela grávida, o vestido bege quase caindo dos peitos engordados. Arrancava o matinho do chão às mãozadas (ralava os dedos a cada pancada), a cara de admiração dos débeis mentais. Ia matando as plantas para passar o tempo. Cosmim me jogou uns pêsames com as sobrelhas: aquela tinha as ideias perturbadas, não reconhecia ninguém, vivia num hoje que não acabava mais. Nem nome tinha. Ninguém sabia quem era o pai do bebê, e ela não tinha idioma para denunciar o estuprador. Morreu antes de dar à luz, de crânio rachado na calçada. No dia seguinte, vi a mancha de sangue velho, marrom em forma de ☼ respingado. Tropeçou, disseram.

A segunda coisa que vi na rua foi um semicírculo de gente me esperando. Eu,

o mais branco de todos e o mais jovem, fui apresentado a cada um. O Nó, que se chamava Norberto e era esquelético, todo mundo dizia que ele se drogava (depois diriam que tinha sangue de cazuza e era bicha). O Nó tinha trejeitos de velha magra, vivia com as pernas cruzadas impossivelmente, duplamente (daí a graça do apelido), e fumava muito, com um bracinho apoiando o outro num gesto carmenmiranda. O Tiziu, que era preto-azul dos dentes amarelos (três faltando, os caninos assim encavalados). A irmã caçula dele, que nunca aparecia porque estava grávida. O Otávio, que dizia que era só eu ir falar com Omolu que ele curava minha perna. O Baleião, rolha de poço, que no futebol só servia para goleiro porque tapava o gol todo. Eram uns treze moleques (e algumas garotas) de chinelos, os pés sujos e cascudos.

Foi a primeira vez que percebi que vivia entre gente pobre. Talvez eu fosse pobre também? Não. Logo eles deixaram claro que eu era o diferente — diferente para-o-bem, não diferente para-o-que-pena (o que sempre foi mais comum). Eu era muito branco, tinha sandálias que não eram de borracha (mas de velcro!) e a minha casa tinha portão e muro, ninguém enxergava dentro dela. Papai dirigia um Corcel e a minha mãe ninguém nunca nem tinha visto. Só mulher rica vivia escondida daquele jeito.

“Seu pai faz o quê?”

“É médico.”

Um silêncio de ó.

“Viu?”, Cosmim disse.

Ninguém tinha acreditado.

BOLETIM DE Cosme Henrique de Souza.

Ano Letivo 19 78.

Notas do primeiro bimestre: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira — 6

Educação Artística — 7,5

Educação Física — 8,0

História — 4,5

Organização Social e Política Brasileira — 5,5

Educação Moral e Cívica — 4,5

Matemática — 3,5

Programa de Saúde — 8,5

Ciências Físicas e Biológicas — 8,5

RESULTADO FINAL

.....

Guardei um monte desses documentos dele, certidão de nascimento (2ª via, pai desconhecido, mãe desconhecida, guardiã legal: Maria Doralina Trazim de Souza), caderneta de vacinação, boletim escolar, essas coisas. Para quê? Não sei se na esperança de que algo neles me explicasse o garoto. Era péssimo em matemática, mas ótimo em ciências, isso o que quer dizer? Sabia o que era a força da gravidade. E isso quer dizer alguma coisa? Ele não gostava de sapatos, por exemplo. Quando podia, andava descalço, até na rua imunda. Isso o que quer dizer? Uma vez rasgou o pé direito num caco de vidro, ficou mancando quase igual a mim. Durante dias me chamou de gêmeo. À noite, chorava de medo do tétano, escondido em seu quartinho de empregada. O Nó foi quem contou para ele do tétano. Cosmim não sabia que era vacinado.

Como é absurdo tentar escrever o Cosme, as coisas do Cosme, as falas do Cosme, as caras que o Cosme fazia. Como queria ter uma foto dele para colar aqui. (Não sei se teria coragem.) Ele nunca tirou nem um retratinho. Toda vez que penso nisso, acho incrível: quase todos os seres humanos da história nasceram e morreram sem tirar uma foto sequer. Cosmim provavelmente foi um dos últimos.

(A polícia deve ter foto dele deitado cadáver, o corpo com as chagas da faca, o rosto subsaltado.

Mas assim não.)

Chega uma hora na vida de uma menina e ela tem que virar mocinha. Começa a pingar sangue e pedaços de útero pelas coxas e não pode mais sentar de perna aberta, andar de perna aberta, mastigar de boca aberta. Não pode tossir e espirrar sem fechar a boca e tem que ficar de boca fechada para não engordar e para não falar demais. Uma mocinha não ri nem fala alto, não faz brincadeiras de moleque, não interrompe quem está falando, porque já é mocinha.

Depois que Joana ficou mocinha, se fechou no seu mundo, que eu imaginava ter fedor de menstruação, porque ela começou a olhar para tudo com cara de nojo: para a mãe, para mim, para a rua e seus habitantes. Nunca mais correu, nem por esporte. Falava comigo e com o Cosme também meio asquerosa, como se fosse um favor que fazia. O corpo alongou, mas continuou tábua sem gorduras. Agarrou-se a papai, porque o amava mais que tudo. Quando chegou a hora, eu fiquei com mamãe e ela foi viver com ele em Queimados. (Depois, fez faculdade, casou, tentou ser dama respeitável ou diva do jornalismo, teve duas filhas, descasou. O sorriso aberto foi rareando, rareou, quase nunca mais vi. Joana adulta sorri daquele jeito só como prenúncio de notícia ruim: demissões, tumores malignos e morte na família.) Não sei o quanto ela sabe da história de papai. Acho que não liga muito para política.

Eu já estava me perguntando há quanto tempo não morria um porco na irmã do Grumá. Aí ele tocou aqui em casa, dez horas da manhã, recém-barbeado, desodorante de R\$ 3,30, oi-tudo-bem, se podia entrar (já veio entrando), tomar um café? Eu só tenho uma xícara, a minha. Tive que tomar o meu num copo de geleia de mocotó. Ele sentou na poltrona e eu, no banquinho de madeira que serve de aparador. Ele sorria, olhava: “Você nunca me convidou aqui... Quem é esse moleque ali, você?”.

“Não.”

“Parente seu?”

“Não, não. Veio com as coisas de algum morto sem família. Na loja. Lembra que eu falei da loja de antiguidades? Eu tinha uma em Copacabana.”

“Arrã...”

“Muita gente morre e as coisas não têm para onde ir. Tudo para o lixo. Aí alguém vai e pega e vende para uma loja de antiguidade. O lote todo por cinco, dez reais. Cansei de revender álbum de foto de morto sem ninguém. Tem gente que compra. Tem gente que gosta de foto velha. Essa sobrou quando passei o ponto. Ninguém quis. Achei bonita e mandei emoldurar.”

“Sei.”

(Pausa.)

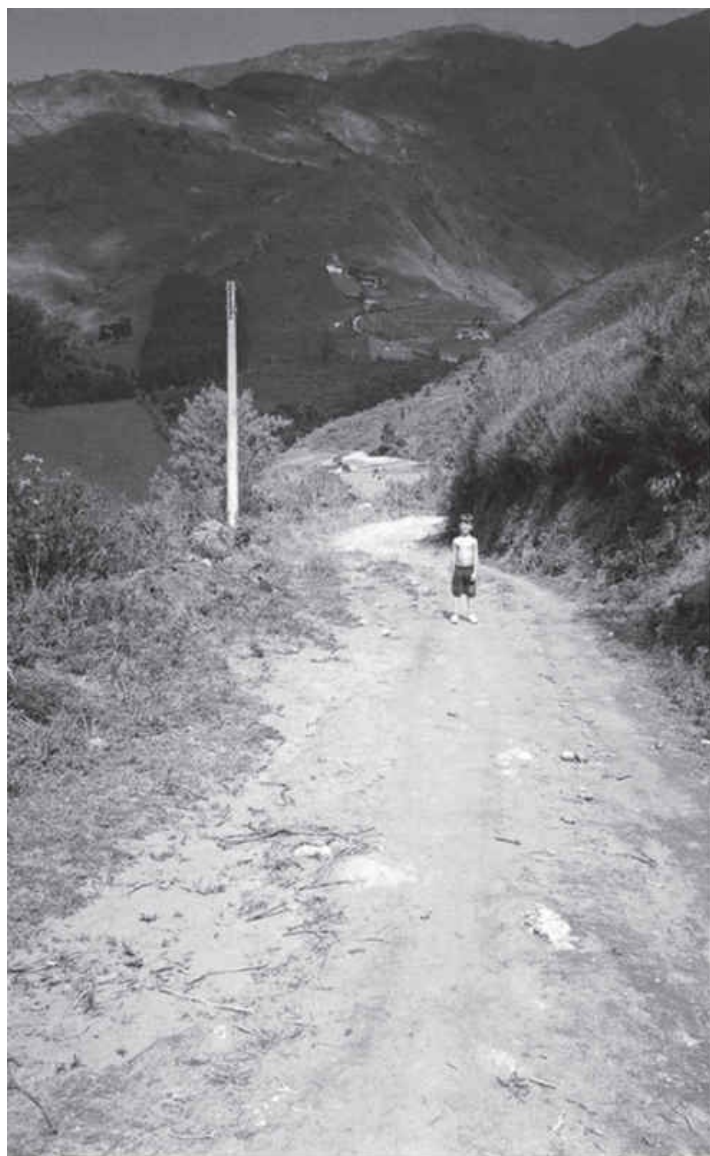
“Não morre mais porco no sítio da sua irmã?”

“Por acidente, não.”

Então, ele começou a falar “Então...”, ele precisava de uma ajudinha, uma inconveniência, na verdade, nada de mais. Precisava de um fogão, o dele tinha pifado, precisava que eu parcelasse o fogão novo no meu cartão, porque o crédito dele estava imundo. “Mais sujo que o Lula”, e rarrarriu. Pagaria tudo, prometia.

O Lula não é mais o presidente há anos, mas o Grumá é meu único amigo. Como é que eu ia negar? Dei cartão e senha, ele foi ao shopping e voltou com o recibo. Fogão DW70, seis bocas, bivolt, branco, acendimento automático, forno autolimpante, prateleiras deslizantes: 123 de R\$ 94,08 sem juros. Entrega em até cinco dias úteis.

Comprou mesmo só o fogão.



Adoro esse menino posando sozinho, descalço e baixinho dentro do mundo cru. Parece tão indefeso, assim sem camisa. Não sei mesmo quem é, nem de quando é a foto (não é muito velha; o garoto deve estar vivo ainda). Não dá para ver bem o rosto, mas ele parece estar sorrindo para a câmera ou para se proteger do sol. Devia detestar o sol, igual a mim. Aliás, se tivesse um pedaço de pau na mão (nessa idade, eu já não ficava em pé sem apoio), poderia facilmente passar por um retrato meu. Somos parecidos, os dois branquinhos, avulsos, os corpos mirrados na rudeza ao redor.

O Adriano saiu do cinema. Estávamos sentados na calçada, o Tiziu contando como seu tio tinha morrido — no chuveiro, lavando o umbigo, que ele pronunciava “imbigo” e que, se futucasse demais com o dedo, matava mesmo. Matava nada, o Iguatemi retrucou (Marcelo Pontes Iguatemi, um pardinho que tinha sobrenome porque queria ser primeiro-tenente da Marinha), enfiando o indicador no umbigo para provar. Aí o Adriano passou, calando todas as bocas.

Trinta anos aparentando cinquenta, porque ficava o dia inteiro debaixo do sol maldito. Cheiro azedo de roupa suada há meses e, por cima, o perfume nauseabundo do longo pau-canela que ele vinha chupando. Acenou com a testa e seguiu caminho. Este era o marido da Paulina, o homem que, em alguns dias, mataria o Cosme. Nenhum de nós o conhecia, ele só acenou por costume, para impor presença.

Acenamos de volta, cheios de medo.

(Quem ousaria fazer a piadinha de que ele era chupador de pau... de canela, pau de canela, rárr! Ninguém. Ninguém fez.)

Vinha do Cine Maier, a uns três quarteirões da nossa rua (o prédio ainda está de pé: virou igreja evangélica). Tinha ido ver o Super-Homem? *O outro lado da meia-noite*? Na época ainda passavam o Tom Mix, o mágico Mandrake, o Falcão Mascarado? No Queím, é bem possível. Teria comido pipoca? Difícil imaginar assassinos comendo pipoca, com caramelos grudados nos dentes, rindo a risada iluminada e pateta do cinema... O assassino amava o cinema. Vivia com paus-canela na boca. Ou eu inventei depois ele assim, sempre mascando um charuto de canela.

Devo ter inventado. A gente consegue se convencer de qualquer coisa. Por exemplo, o Gestas — Alfredo Gestas, o estripador do Queím (não sei se alguém se lembra, se ele é conhecido fora da Zona Norte, fora do Rio; deu muito nos jornais dos anos 80) —, que inventou que tinha assassinado um homem. Fixou naquilo: matou um mendigo a marretadas, esquartejou e desapareceu com o cadáver. Foi capaz de construir essa lembrança até os detalhes mínimos, o jeito torto da luz incidindo na poça de sangue, as ondas de adrenalina, o estalo que dá em qualquer um que mata pela primeira vez, a careta da vítima e tudo. Acreditava tanto na própria invenção que acabou convencendo a polícia. Preso de prisão perpétua. Meses depois, descobriram que o Gestas tinha inventado inclusive a vítima, até então um indigente sem registro no governo. Foi transferido para um manicômio judicial, condenado a internação perpétua. No

hospício, quando estava mais ou menos lúcido, pedia que o mandassem para a cadeira elétrica. Morreu com aquela culpa. Foi um estouro de manchetes.

Sempre quis acreditar, ao avesso, que eu poderia me convencer de que tinha inventado isso tudo, inventado Cosmim e a morte de Cosmim, um assassino marido da babá, meu pai anjo de tortura. Que este mundo inteiro não passou de um delírio da minha mente aleijada. Que outro mundo destes é possível, um quase idêntico (com minha perna ruim, com Queím e tudo, Brasil, miséria e tristeza, não tem problema), mas um pouco menos hediondo.

Ou, se não menos hediondo, um pouco mais variado. Li uma vez num poema que nós “somos bonecos de lava endurecida/ e é com lágrima que nos amoldam”. O poema se chama “Chicago, 1999”, um homem-salário de repente lembra que no país dele tem vulcões. É o tipo de coisa que a gente esquece mesmo, pensa o homem do poema, até que um deles entra em erupção.

Nunca ninguém me disse nada parecido, nem o poeta desse mesmo poema deve dizer coisas assim na vida comum. Então é a vida comum que tem que morrer; Cosmim morreu na vida comum.

Antes desse asfalto todo, a maioria das ruas do Queím era crocantada de pedrinhas redondas, lembranças dum braço do rio Carioca que secou por aqui. Nunca passavam do tamanho de bolas de gude, daquelas graúdas. As cores: marrom, bege, esbranquiçado, cinza ou gelo nublado. As brincadeiras que lembro com mais saudade foram inventadas com essas pedrinhas, catadas grátis na rua. De início, eram cópias dos jogos conhecidos — damas, resta-um, amucum, batalha naval — ou distorções dos mais difíceis, como o xadrez e o gamão. Depois, ainda utilizando os tabuleiros que tinha, passei a criar novas regras. Depois, tabuleiros novos.

O jogo que eu estava tentando ensinar ao Cosme aquele dia era minha obra-prima. Não lembro o nome, só sei que era jogado com muitas pedrinhas pretas, que eram as pessoas em geral, mais algumas pedras de cada cor comum (cinza, bege, esbranquiçado, marrom), que tinham o poder de influenciar as pretas (a matar a pedra mais próxima, por exemplo, ou a virar casaca). E duas pedrinhas nubladas (mais raras), que eram os jogadores. O objetivo era matar o rival.

Não havia tabuleiro. Ou melhor: o campo de jogo era a casa, o bairro, qualquer lugar, qualquer unzinho!, eu ia explicando, tentando esquentar o interesse do meu amigo. Estávamos no quarto. Ele tentava acompanhar, bocejava umas perguntas. Mas era complicado, n’era não? Somar, multiplicar, medir com régua, ler fichas e regras (cinco folhas de caderno só de regras... frente e verso!), coisa muito maçada para ser brincadeira, n’era não? Parecia escola. Mais divertido seria enfileirar as pedras, metade para cada lado, e ir dando petelecos nelas para tentar acertar as do inimigo. Quando eu ia explicar que, sim, tinha hora em que as peças se batiam, e não eram poucas, papai entrou no quarto. Estava bêbado. Cambaleava um pouco, como o filho aleijado.

Trazia uma travessa de pães de queijo. Perguntei onde estava mamãe, ele torceu o nariz que não sabia. Deixou escorregar uns balbuços. Queria saber como estavam os seus garotos. Olhou para as pedras com ternura, sim, ternura. Uma batalha, eu ia começar a dizer, mas papai encavalou que nos amava, assim sem mais nem menos, e que comêssemos. “Pão de queijo”, e ofereceu a travessa.

Não tivemos tempo de pegar. Ele assoprou um í agudo e longo, como um furinho num balão. Os olhos abertos.

Estava chorando, mas sem lágrimas. Soluços ressequidos, roncoss de nariz, papai calado, olhando para nós com aquela cara branquicenta sorrindo de choro (tinha engordado, a barba grisalha eram uns brotos duros na pele flácida), as

sobrancelhas enrugadas em ^ . Apertava a cara para tentar espremer as lágrimas, mas as lágrimas não saíam. Os olhos nem estavam úmidos, só embaçados. Pareciam dois chumaços de algodão, desses que colocam em narina de defunto. Agora, quem se atreveria a pegar o primeiro pãozinho?

Ele pousou a travessa e deitou no chão do quarto. Em cima das pedras mesmo, que fizeram clóque-coloque para todo lado, arranhando o piso de madeira. Bêbado, nem notou as espetadas na carne. (Em todo caso, estava acostumado: nasceu e cresceu no Queím, no chão pé de moleque daqui.) Deitou de lado, em posição de concha ou caramujo, e abraçou os próprios braços. Eu e Cosme ficamos parados naquela cena, um quase velho se enroscando de tristeza, murchando, um homão gordo murchando de dor em cima de pedrinhas miudinhas.

Deitei também e me enfiei de costas dentro do abraço dele, que me aconchegou agradecido. Falei qualquer consolo, não lembro, que desengasgou seu choro. Senti o bafo tossido na nuca, um ôq-o-oô do fundo do esôfago, desesperado de alívio. As lágrimas finalmente vieram, e os soluços acatarrados, os pedidos frouxos por misericórdia, a barrigona massageando a minha espinha.

Cosmim ficou sentado onde estava, olhando admirado.

Um amigo dele tinha morrido. Solução. Teve que fazer o reconhecimento do corpo. Solução. Tanto cadáver papai devia ter na memória de médico, mas aquele o desabou: tiro na nuca, à queima-pele. Cheiro de sangue e cabelo queimado. Bafo quente de álcool misturado ao perfume do pão de queijo. Era funcionário diminuto de um ministério, amigo seu de infância. Não tinha desafetos nem dívidas, muito menos amante. Meu pai era o único amigo-amigo-mesmo. Esposa inconsolável. Sem filhos. Desovaram o corpo num matagal do Recreio.

Por quê? Por nada, ninguém sabia. Vai ver ele deixou cair um cartão de visita no ônibus, um maníaco encontrou e resolveu perseguir até a morte. Vai ver roubaram uns trocados e mataram por diversão, por gosto mesmo. Hoje em dia se matava por nada, a vida de um homem não tinha valor, cada vez menos valor. Afinal, era gente demais no planeta (5 bilhões!), um a mais, um a menos, qual a diferença? Alcancei um pão de queijo e comi disfarçado. O Cosme também, e sorrimos cúmplices. Papai me apertou, porque a tristeza era forte. Senti o osso da cintura dele no meu lombo.

As formigas tinham comido os olhos dele.

“De quem?”

“Do cachorro. Comeram tudo, só ficaram os buraquinhos.”

Estavam brincando de aventura, Cosmim, Iguatemi e o Zetimó (José Timóteo; esse eu conheci pouco). Esgueiravam-se pelo bairro, ralavam as coxas nos muros chapiscados, rastejavam nos quintais dos outros, sussurravam em código e iam imaginando as coisas que os moleques imaginam: Iguatemi, que defendia seu país na guerra, o Zetimó buscava um tesouro pirata, Cosme, não sei, talvez só por acompanhar os amigos. Eu claro que não estava junto, ouvi a história depois, da boca do Iguatemi.

O caso foi que deram com um cachorro morto no jardim do seu Arturo, um espanhol ranzinza e encaroçado, mouro quase marrom, que morava ao lado da ex-senzala. O cão não era dele, mas tinha resolvido morrer ali naquele jardim, porque sim, porque os cachorros podem morrer onde quiserem. O velho achou que os moleques tinham acertado o bicho com estilingues (sempre andavam com estilingues, para duelos de defesa da honra e matação de monstros) e os forçou a remover o corpo. Mas, seu Arturo, aquele negócio já estava morto há muito tempo, até meio fedido, olha só. Isso para ele-Arturo parecia mentira. Mas, seu Arturo, remover para onde? Isso não era com ele. Os assassinos que se virassem.

“E vocês fizeram o quê?”

O Cosme fez. Pegou o cachorro por uma pata traseira e arrastou para o terreno baldio da senzala. Mandou que começássemos a cavar. Cavamos, com as mãos mesmo. (E me mostrou as unhas sujas de terra.) Aí ele pôs um pé na barriga do bicho e puxou uma pata da frente com força, arrancando o pernil todo de uma vez. O cadáver quase nem tinha mais sangue, estava mortinho de pedra. Depois, arrancou as outras três, com cada vez mais fúria, mas sem soltar nem um rosnado. Não conseguiu cortar a cabeça — precisaria de um machado! —, ficou pisando no pescoço para ver se amolecia, chutou o crânio como se cobrasse falta. Nada. Desistiu e foi ajudar a cavar. Enterramos o tronco e as pernas numa única vala.

Resolvido, o problema.

Foi isso que ele disse: “Resolvido, o problema”. O Iguatemi ficou me olhando com aquele susto de capitão de mar e guerra que nunca viu guerra. Como podia uma coisa daquelas? Sem dó nem piedade...

O sol nasce atrás da senzala, sempre nasceu. Às oito da manhã de um domingo (por que estávamos acordados, eu e o Cosme? e já na rua?), passamos ali na frente. A madrugada tinha sido de festa para Omolu, que é o deus da varíola. O matagal estava aparado. Uns panos coloridos pendiam dos galhos de uma árvore e embarrigavam até o centro do terreiro, presos no alto de um poste. O poste estava todo enfeitado com espigas de milho, caquis já meio podres, ramos de folha-perfume e fitas pretas, vermelhas e brancas. Ao redor, cadeiras de madeira. Numa delas estava sentada Maria Aína, toda de branco, a barra do vestido suja de lama.

Na contraluz do sol, a velha descansava as pernas antes de voltar para casa e dormir, finalmente. Cachimbava, coisa que eu nunca a tinha visto fazer antes. Algumas moças, cansadas também da noite virada, recolhiam as travessas de barro e vigiavam as brasas no chão, para que não virassem fogo novo, que podia incendiar. Ainda dava para sentir o cheiro do feijão, o vapor do dendê, da arruda. Espalhadas no terreiro, as sobras do banquete: pudim de milho branco, milho vermelho com cebola e melaço, pipoca, muita pipoca perdida no lamaçal.

(Anos depois, aprendi que nas festas de Omolu sempre havia umas comidas venenosas escondidas entre as verdadeiras. Era preciso saber quais eram quais. Mas no Queím ninguém morria, no máximo passava uns dias de cama.)

Cosmim estava nervoso. Puxou meu pulso, queria ir embora logo. Agarrei sua mão, entrelaçamos os dedos. O sol trepava na nossa cara.

Eu também não me sentia comum. Uma raiva no meu sangue, nascida depois da puberdade, me mandava ter cuidado. Aquelas mulheres podiam nos matar a qualquer momento, dilacerar nossa carne, cozinhar e comer com pasta de milho rosa. Mesmo naquela hora, elas exaustas, os pretos velhos e as pombajiras já longe, de volta no céu, no inferno, em Aruanda. Tem uma coisa nas mulheres, uma ameaça, não sei, coisa de útero. Como eu iria saber? Tivemos medo.

Maria Aína se levantou e veio andando desconjuntada até nós. Ela parecia um boi desnutrido, com os ossos espetando na carne. Susto. Desenroscamos os dedos (vergonha das mãos dadas por tanto tempo, mãos de namoradinhos). Ela sorriu de olho fechado. Sabia de tudo antes de todo mundo.

Não estava de santo pegado, não baixava mais porque nem precisava: estava já com um pé no mundo deles. Chegou bem perto, quase roçando os bigodes de gato na minha cara, e bafou fumaça de cachimbo nos meus olhos. Fiquei cego ardido. Foi então que ela disse que gostava de mim e que me amava como seu

filho, porque eu tinha nascido igual a ela, enforcado no cordão umbilical: “Sempre quem nasce assim é porque vai ficar na beira da ameaça, ossí”. Lacrimejei.

Cosmim gaguejou uma pergunta. Ela respondeu virada em mim:

Maria Aína: “As coisas não precisam da gente, dejú”.

Não sei, não escutei o que ele perguntou. Desde aquele dia tento pensar numa pergunta que case perfeitamente com a resposta de Maria Aína, mas até hoje não encontrei. No fundo, qualquer uma serve.

Três dias depois, Maria Aína estava morta de morte natural. Deixou filhos, netos, bis, tatara. Sua dinastia medonha, transplantada à força para o Brasil, não acabou nos anos 70. Maria Aína bonita, minha vó preta. Não me deixaram ir ao enterro, eu, que era homem praticamente feito, chorei trancado no quarto de Cosmim, o ex-quartinho de empregada.

É tudo mentira. Não que Maria Aína estivesse tentando nos enganar. Não ganharia nada com isso. As filhas de santo, a religião inteira. Não era de má-fé. Mas na verdade qualquer resposta serve, a gente é que não entende a pergunta nunca. O terreiro na ex-senzala: mentira. O transe, os pretos velhos falando em português iorubá: uma mentira elaborada, enfeitada de fitas e caquis, empurrada goela abaixo com pudim e melaço. A gente faz o que pode.

Lembro: Cosmim tinha tanto medo. Queria tanto falar com os santos e saber do futuro, porque no fundo sabia que ninguém, nem as almas, conseguia conhecer o seu passado. O que ele tinha era muito pânico de que um dia lhe dissessem que seu destino era morrer de acidente. Não queria morrer de desastre nem de violência. Não queria o perigo de ficar aleijado, perder uma perna. Morrer de doença, tudo bem.

O garoto está aqui em casa, o Renato, filho da Adriana, neto do assassino, enfim. Veio porque quis. Passei por ele na esquina da padaria, perguntei se queria vir aqui em casa. “Pra quê?”, mas não esperou resposta. Estava sozinho, não tinha nada melhor para fazer, espremeu os ombros e “Vam’bora”. Se entregou sem muitos porquês, como essas meninas pobres que, mesmo com muita honra e amor-próprio, se dão mais fácil aos homens (coisa que minha irmã, por exemplo, nunca faria. Papai tinha dinheiro. O dinheiro compra porquês e compra pudores).

Agora está ali, cochilando na cama que improvisei, colchonete, almofada e edredom no chão da sala. A porta está destrancada, ele pode ir embora quando quiser. Mas não tem o menor medo de mim. Mais cedo, preparei um lanche (cachorro-quente e batata chips) e ele reclamou que só tinha pão francês, não tinha pão fofo de cachorro-quente? Nem Coca? Nem pão doce?

Enquanto o moleque comia (tem o costume nojento de beber enquanto está mastigando, para amolecer o bolo alimentar), fui perguntando. Ele vive com uma garota (Carla, catorze anos, também sem pai nem mãe) num puxado da casa de uma tia dela (Anunciação, idade desconhecida), que era amiga de Adriana sua mãe e o adotou porque é isso que as mulheres fazem. A tal tia fica fora o dia inteiro, às vezes nem aparece à noite, muitas noites.

Da mãe? Não se lembra. O pai sumiu no mundo depois que ele nasceu, assim como o avô. Como se chamava? Se chamava Renato igual a você? Ele não sabia. O bisavô provavelmente também abandonou a família, e o tatara. O moleque faz parte de uma longa linhagem de homens que fogem de mulheres grávidas.

Quantos anos? Dez, quase onze.

Pele grossa. Mãos grandes, mandíbula quadrangular. Um primor da evolução *Homo sapiens*. Deu no jornal um dia desses: os cientistas descobriram que o rosto humano foi moldado para resistir aos socos. Temos esta cara porque a espécie passou milhões de anos levando porrada. Nossas mãos têm esse formato porque evoluíram para fazer punhos e bater. Renato dorme com os punhos cerradinhos, a guarda levantada, bico inquieto.

Vou dormir também.

Vou me deitar ao lado dele.

Quando acordei, lá pelas onze, o garoto tinha ido embora. Não sei se passou a noite aqui e teve pena de me acordar para dar tchau ou se escapuliu no meio da madrugada, com nojo do meu corpo aleijado do lado dele. Está um baita sol lá fora. ☼☼ Faz muito tempo que não chove. (Ou não, não, choveu anteontem.) Dormir no chão me deixou todo encalacrado.

O Grumá pôs um envelope na minha caixa de correio. Dentro, nove notas de R\$ 10. É o pagamento da primeira parcela do fogão — que na fatura do cartão é de R\$ 94,08 por mês. Ele arredondou para baixo. Se isso continuar nas onze próximas parcelas, vai me dar uma volta de R\$ 48,96. Nem se dignou a escrever qualquer bilhetinho, nada.

Não sei, mas me veio à lembrança que, quando as garrafas de cerveja estão geladíssimas, ele chama de “canelas de pedreiro”. O gelo branco-acinzentado que se forma no vidro marrom da garrafa parece pó de cimento.

Relembrei também: uma vez a mãe dele, já uma senhora de oitenta anos, encontrou o Renan Martim no calçadão de Copacabana. É um ator que na época fazia um vilão puro-sangue na novela das oito. A velha foi lá e, rejuvenéscia de raiva, meteu-lhe uma cabeçada na boca! Quebrou os oclinhos e tudo. Os dentes do rapaz rasgaram a testa dela. Ele ficou até meio tonto.

Quando o povo da praia perguntou os motivos da agressão, ela explicou as diabruras que o personagem do tal Martim tinha feito. O sangue escorrendo no rosto. E ele ainda faria muito pior: tinha lido numa revista que isto mau, que aquilo péssimo e aquilo outro horrendo. Mas a senhora não sabe que era novela? Sabia — claro que sabia, não estava gagá, não era idiota. Odiava mesmo assim.

Nunca esqueci essa história. A mãe do Grumá odiava de um ódio capaz de transitar tranquilamente por todas as camadas do mundo.

Lá estavam de novo. Jogando bola depois da aula. Quatro para cada lado, todo mundo sem camisa, a rua interditada de esquina a esquina, dois pares de kichutes fazendo os gols. Eu, na sombra de uma marquise, marcava o tempo no relógio (dois tempos de quinze) e o placar. Não podia jogar, mas gostava de ficar olhando, adivinhando os dribles, as corridas, empurrões, todo o balé troncho. De vez em quando decidia se tinha sido falta ou não. E sabia direitinho para onde iam chutar, quem ia travar a perna de quem, era bom em prever os lances.

Está enganado quem pensa que o aleijado não sabe nada das sanhas do corpo. Somos nós, os mancos, os malformados, os amputados, os obesos e minúsculos, os alérgicos, os hemofílicos, os hemiplégicos, para, tri e tetraplégicos, os anões, os albinos, os sempre-gripados, a legião inteira de indivíduos salvos da seleção natural pela compaixão humana, somos nós que entendemos a glória dos músculos e tendões, as minúcias da troca de calores. (Tantas vezes imaginei jogar bola, brigar de galo, tacar pedra em vidraça!) O corpo sadio que nos falta foi refeito tantas vezes em sonho que somos capazes de inventar um novo corpo, um corpo além, um corpo além de lindo, um corpo de Cristo, mas de pele tão firme que a coroa de espinhos ✠ não feriria e os pregos não conseguiriam perfurar. Imagina quão mais belo teria saído o *Davi* se Michelangelo não tivesse os braços. E a *Vênus de Milo*.

Uma bicuda do Nó na direção do goleiro. Essa bola saiu torta. Essa bola explodiu vermelha no queixo do Otávio, a cabeça deu para trás, ele caiu. Quando foram ver, estava com a boca cheia de sangue. Tinha mordido a língua, mas fez um gesto de não foi nada, foi nada, todos os dentes no lugar, vamos em frente. Cuspiu, conferiu o sangue no asfalto. Sorriu manchado de vermelho. Alguém ofereceu a mão e ele a puxou para se levantar, a barriga suada se dobrou em pouquíssimas gorduras. Peitos e ventres relaram num abraço rápido, braços, tapinhas nos ombros, gotas de suor e segue o jogo. Ai, a pele. Vai, filho da puta arrombado! Panturrilhas e olhos. O ganido seco da bola chutada, câim.

Gol do Iguatemi, do time do Otávio, por entre as pernas de Cosmim, o pior zagueiro do mundo. 7 a 3.

Iguatemi, cracaço de bola, porte militar, barriga para dentro, peito de pombo. Na cadeia social do bairro, ele estava logo abaixo de mim. O pai era funcionário público: casa própria, carro velho mas nada nunca faltando para as crianças. Os outros caçoavam dele quando chegava penteadinho ou quando botava pose, como se os sovacos de suas camisetas brancas não ficassem amarelos iguais aos

de todo mundo.

Reencontrei com ele há uns dez anos. Tomamos uma cerveja, os dois meio a contragosto, só para não desonrar o tanto-tempo. Acabou que não conseguiu entrar para a Marinha. Engordou e criou caroços, igual ao espanhol seu Arturo, uma pele parecida com verrugas de gengibre. Explicou que era uma doença. Explicou que não tinha se casado. Morou com a mãe até ela morrer e depois, e depois, e depois. Agora só conseguia comer putas, não sabia mais falar com mulher real. Falou de TV, das notícias, falou de política. Hoje em dia tudo era podre para o Iguatemi, tinha que fechar tudo e começar do zero. Mas o brasileiro era um povo bunda. Fazia falta uma boa duma guerra civil. Falou de futebol também, mas não falou daquele dia. (Um típico T. de M. Jr. ♂.) Abraço lateral de despedida, promessas de marcar outras cervejas. Já deve ter morrido.

O jogo acabou 9 a 5 para o time do Otávio, seis gols do Iguatemi. O artilheiro do outro time foi o Nó, com quatro gols. Ninguém parava o Nó também, ele se esgueirava na zaga e, de cara para o goleiro, era só dar um toquinho.

Depois, vieram se esparramar na sombra à minha volta. A alegria latejando nas pernas, o sal nos lábios. As cabecinhas tontas de esforço e graça. O calor corporal dos oito era uma única massa de ar quente que pairava a alguns centímetros do chão e nos agasalhava a todos. De repente gargalhavam, revisitavam um lance aos berros, arrarrá, viu isso, Camilo? Eu tinha visto tudo. Bem no meio das pernas. Cheiro de suor salubre. Os saudáveis.

E assuntos diversos: o pai do Iguatemi tinha comprado uma TV e a mãe do Baleião tinha ganhado no bicho (na milhar do avestruz: 1404; lembro exato), estava pensando em comprar uma também. E agora, todo mundo vai ter TV? O Tiziu disse que nunca poderia comprar uma TV. Outro assunto: a irmã do Tiziu grávida de barrigona, talvez de gêmeos ou de um monstro gigante. Qual era a cor do cocô de neném? Marrom? Um marrom mais parecido com a pele de quem? E todos puseram os braços na roda para comparar. (Não lembro o que ficou decidido.) Depois, uma longa discussão sobre as diferenças entre bombinhas, traques, cabeções-de-nego, malvinas e estalinhos.

Alguém ali já tinha ido a um puteiro? Rirrisos.

Alguém conhecia o tal Adriano?

Eu disse o que sabia: era marido da Paulina. Para ver se adivinhávamos algo mais, redescrevemos as feições dele, o jeito de andar, os paus de canela sempre na boca, ia sempre ao cinema, parecia não tomar banho, parecia o Pedro Álvares Cabral — o Cosme disse, com cara de filósofo. O Pedro Álvares Cabral? Parecia nada! Porra caralha, Cosme mula, quem é que sabia como era a cara do Pedro Álvares Cabral?

A nuvem de calor parecia não querer esfriar.

Era esquisito ver como os amigos de rua tratavam o Cosme. Às vezes jogavam areia nele de brincadeira, davam umas rasteiras, xingavam de mula, tudo risonhamente, e tudo ele aceitava rindo. Não me lembro de ter visto brigas sérias entre eles, nunca fizeram piada da orfandade do meu amigo, mas o tinham por animal quase inferior, especialmente em caso de futebol e mulher. Eu sabia que naquele bando ele não era o dominante, mas em casa ele era o único macho jovem e saudável, todos respeitavam. Vê-lo levando empurrões de moleques menores me dava um emaranhão no peito. Quase como aquela cena de *As pontes de Königsberg*, a única coisa de que lembro do filme: um menino passeia na cidade com seu pai. Estão sobre uma das tais pontes quando o pai encontra o chefe da repartição em que trabalha. O chefe humilha, grita, estapeia-lhe o chapéu — sem muita razão, acho que só por estar na frente do menino.

O pai não reage.

Os garotos não estavam mais encharcados, o suor tinha secado em sal fino, cobrindo as peles pardas e pretas com uma camada de pó esbranquiçado. A nuvem de calor que havia ao nosso redor, emitida por aqueles mesmos corpos, se dissipava lentamente, dando lugar ao calor não humano, mais arejado, da rua. De vez em quando, um deles se tremelicava todo em calafrio. Estávamos mais perto uns dos outros, mas fazia alguns minutos que ninguém falava nada. Éramos jacarés depois do almoço, empapuçados à sombra, quase não vendo sentido em tanta existência.

O Nó, reclinado, as pernas duplamente enroscadas, acendeu um cigarro. Baforou para o alto, sultamente. Eu tinha um pouco de medo dele. (Foi isto o que pensei na hora, lembro: que ele seria capaz de marretar os dedos da própria esposa, de me jogar no rio cheio de jacarés da Barra, de chutar um cachorro bem nas costelas. Mas não, o Nó era um amor. Depois virou enfermeiro. Hoje trabalha no Hospital Geral de Bonsucesso. Solteirão. Um E. V. ♀ típico.)

Sem dizer nada, o Otávio levantou e foi andando na direção da ex-senzala. O Zetimó seguiu, Cosmim foi atrás. Fui também, sem saber por quê. Todos fomos, menos o Nó, que voltou para casa: sabia o que ia acontecer e já não tinha idade para isso.

Sei que era à tarde, mas lembro como se fosse noite ou como se estivéssemos numa sombra espessa, verde. Mato. Oito garotos numa roda, num canto da senzala, paus para fora, cigarros apagados na boca, comparando tamanhos, grossuras... Bichos voadores, mato. Mato úmido. Libélulas? Não lembro de libélulas. Cerração. Calafrio. Mato, capim-melado. Alguém riscou um fósforo dentro dos sussurros. De vez em quando, uns tapões nas próprias coxas e pescoços para matar insetos. Aquilo era uma Amazônia miniatura: terra, tronco, musgo e mato trepando: mato, areia, vapores, gravetos, limo, florezinhas. Mato maciço, troncos e cipós atravancados — tudo empilhado como o castelinho de um deus-criança.

Não sei nome de bicho quase nenhum, mas tinha um inseto que fazia um barulho parecido com cigarra e não era cigarra, era um zumbido de hélice, um monomotor de dois centímetros. Besouros, joaninhas. Tinha vaga-lume também, mas esses hoje quase não tem mais. Gambás, camundongos, baratas da terra e baratas de esgoto.

O Zetimó e o Iguatemi ouviram alguma coisa e romperam o círculo, saltaram para o lado, paus de fora e tudo. Do nada o Iguatemi estava com um facão na

mão, Timó olhando de frente, pulando como boxeador, dava cobertura.

Fis, fis: o Iguatemi rasgou duas vezes o chão, perturbando a folhagem seca. A coisa ainda se mexeu sob as folhas e o moleque fatiou o chão inteiro.

O Zetimó foi e pegou: era uma cobra, agora sem cabeça e sem um pedaço da cauda, pingando sangue. Nem um nem outro eram homens de ter medo de cobras, matadores experientes, os pintos pendurados, olhando para nós como foto de fim de pescaria. Aplausos baixinhos, murmúrios de parabéns.

O cadáver da cobra foi jogado longe.

De volta ao círculo, silêncio. Os dedos e punhos começaram a se mover, puxavam os prepúcios, as cabecinhas molengas endurecendo, eu pensando que aquilo devia doer. Gemidos fingidos. Éramos cúmplices no crime puríssimo, crime não misturado com nada, o crime mais imaculado de todos. Tragadas, tosses (ninguém sabia fumar, só o Nó, que era mais velho, mas ele se recusava a ensinar).

Olhei confuso, eu não fazia assim. Mas Cosmim acudiu. “Olha”, sussurrou com a cara, e mostrou como fazer, segurar deste jeito e mexer a mão. Como eu nunca tinha pensado nisso? Puxar a pelinha! E antes de eu começar alguém já tinha gozado. Duas, cinco gotinhas logo bebidas pela terra preta. Tinha sido o Otávio, que levantou as calças, deu as costas e saiu fumando sem tragar, sem dizer nada.

Um a um foram gozando e adeus, sem dizer nada. A coisa toda não durou nem seis minutos.

Isso foi há quase quarenta anos. Toda vez que passo na frente da ex-senzala, lembro do silêncio. Claro que nunca falamos a respeito, mas aquele gozo quieto selou nossa amizade.

Eu também fui bebido pela terra preta.

No dia seguinte, atualizaram os números. Iguatemi: 433 cobras matadas; Zetimó: 297 cobras matadas; o restante: zero cobras matadas. Quanto mais colorida a cobra, mais venenosa.

Meu Cosmim foi perdendo os traços ao longo do tempo. Já não lembro bem como era o seu rosto, só umas linhas gerais, uns nacos requentados milhões de vezes na imaginação: a cara de quando ele provou limonada sem açúcar, a retorção da primeira vez. Um sorriso cansado em fim de pelada. Sobrancelhas em ponto morto numa tarde de tédio. Os olhos predadores perseguindo a Joana. A solidariedade na boca ao me ensinar como gozar... Lembrei tantas vezes essas lembranças que agora o que eu vejo não é mais a cara de carne e cartilagens do meu amigo, mas uma imagem desgastada, soterrada embaixo de catorze mil memórias. E até mesmo esse rosto ralo vai desaparecendo na espuma, focinho de hipopótamo submergindo em água barrenta. (Nunca vi um hipopótamo, nem no zoológico. Só pela televisão.)

Que falta faz uma foto.

Ontem sonhei com ele. A cara era reconhecível, mas mais velha, cavada de rugas escuras, mas ele estava grávido, muito grávido, igual à irmã do Tiziu. Gêmeos. Fizemos sexo, ele de ladinho, acariciando a barriga, parecia entediado. Ou era náusea. Ou era rancor porque eu não tinha cumprido uma promessa velha. Ele estava seco e me machucou. Nós morávamos juntos em Jacarepaguá, numa praça cinza e amarela. Árvores pobrinhas, porque as raízes só chupavam água de esgoto. Casas gradeadas. Amei o Cosmim como você amou o seu primeiro amor, que se chamava Bruno ou Pablo ou Ilyich, Ricardo ou Rhana, Luciano, Eduardo, Diego ou Carlos Octávio, Kátia, Mariana, Lucas, Marisa ou Carlos Eduardo, Rafael, Raí ou Solange, ou Luíza, Fabiana, Adolfo, Lígia, Joana, Érica, Mateus. Amei como Lucas amou Sophia e Daniel amou Gabriela. Como Denilson amou Raiane, como Aline amou Michael, como Raquel amou Guilherme, que morreu de meningite. Como Dimitri amou Cristina ou Estefânia, como Lucas amou Ana Carolina e Ana amou Murilo. Como Carolina amou Victor, Marília amou Leonardo, Rodrigo amou Amanda, Marcelo amou André, Nathalia amou Rodrigo, Marianna amou Cadu e Laura amou Antoine. Como Fernando amou Clarissa e Daniel amou Gustavo, como Thiago amou Diego e Domingos amou Inês, como Leandro amou Cynthia e Marcos amou Daisy, como Sylvio amou Maria Beatriz e Júlia amou Fernando, como Sofia amou outro Fernando, que tinha o apelido de Xina. Como Cecília amou Natanael e Mirna, Jean. Como Matilde amou Maria e Fabiano amou Suzi, como Dinah amou Cláudio e Carla amou Ademar. Como Franklin amou Leônia, como Rodrigo amou Flora, como Guilherme amou Thiago, como Luca amou Ana, como

Aparecida amou Renato. Amei como Felipe amou Gabriela, Mauro amou Olívia, como Felipe Augusto amou Pedro, como Natália amou Juan. Luciane amou Jefferson e Otávio amou Rui como eu amei Cosmim. Ana amou Rodrigo como eu amei Cosmim. Danilo foi amado por Mayara, Luis foi amado por Lorena, Vinícius foi amado por Ana Luíza e Théodore foi amado por Eugénie como eu fui amado por Cosmim. Roxana amou Eduardo, Renato amou Roberta. Jorruan amou Késsia, mas era amor platônico. Jorruan amou João. Julia amou Gabriel, Giovani amou Alan, Patrícia amou Elisabete como eu amei Cosmim, como Márcio amou o Gilsinho e o Tarik amou a Ana. Cristina amou Xan, Roberta amou Marcus Vinicius, Graziela amou Paulo, Isabel amou Felipe, Maria amou Anselmo. Eu amei Cosmim. Karina amou André, Luis Felipe amou Joaquim, Guilherme amou Marianne, Leonor amou Marcos, Pacelli amou Erick, Amanda amou Maíra. Eu amei Cosmim. Sandra amou Luís, Jean amou Aloísio, Ricardo amou Sara e Isabella amou Victor, o autor deste romance. Eu amei Cosmim como Bárbara amou Guilherme, como Johnny amou Mariana, como Douglas amou Ana, como Gustavo amou Raquel, João amou Victoria, Eudes amou Gilberto, como Kamila amou J. Luiz, como Diego amou Olímpio, como Paulo amou Isabel, como Gedion amou Renié e Tiago amou Jéssica. Eu amei Cosmim. Como Jeannie amou Murilo eu amei Cosmim. Como Márcio amou Gustavo eu amei Cosmim. Como Mariana amou Adriano, como Camila foi amada por Glauber, como David amou Lele, como Raíssa foi amada por Otávio. Eu amei Cosmim como Juliana amou Laura, como Melissa amou Tales e Guilherme amou Dolores. Kemy amou Felipe, Ellen amou André, Amanda amou Fábio, Mariano amou Joana como eu amei Cosmim. Clarissa amou Rafael, Alice amou Bernardo, Daniela amou Ricardo, Thiago amou Natália, Priscila amou Andreas, Diogo amou Luciana, Leonardo amou Ícaro como eu amei Cosmim, pela primeira e única vez. Marília é amada por Leonardo e eu amo Cosmim. Sérgio amou Greice, Julia amou Leonel, Pedro amou Maurício, Luiz amou Ana, William amou Karina, Mariana amou Paulo, Leonardo amou David. Eu amo o Cosmim. Isabela foi amada por Diego, Pedro foi amado por Julia, Luís Felipe foi amado por Carolina, como eu fui amado por Cosmim. Fernanda amou Valentim, Cristiano, Christian, Álvaro, Ulisses, Eduardo e Dimitri, todos pela primeira e única vez. Cristiane amou Leandro, Priscilla amou Felipe, Raquel amou Leandro, Manoela amou Gustavo, Aline amou Maikon, Mariana amou Marcelo, Pedro amou Flávio como eu amo Cosmim. Natasha amou Igor, Iris amou Felipe, Lucas amou Gustavo, Ana amou Carlos e Guilherme amou Camila. Maísa foi amada por André, Diana foi amada por Kleber, Jefferson foi o primeiro amor de Isadora, Lucas foi o primeiro amor de Fernanda, Caio foi o primeiro de Mariana, Maria Barbara foi o primeiro de Diogo. Eu amo o Cosmim como Amanda amou

Michael e Gisele amou Jean, como Suzane amou Rodrigo e como Flávia amou Rodrigo, como Chiara, Laia e Li Xin foram amadas pelo mesmo Gregório, como Williams amou Natália, como Francesca amou Massimiliano. Liliane amou Manuel, Catarina amou Eduardo e o primeiro amor de Achilles foi Suzane. Eu amo o Cosmim. Paola amou Anna, Mariana amou Rafael, Juliana amou Pedro, Tatiana amou Gabriel. Eu amo o Cosmim. O primeiro amor de Eduarda foi José, e o de Bárbara, Flavinho. Eu amo o Cosmim. Jéssica amou Mariana, Luana amou Tiago, Mariana amou Clarissa, Carolina amou Gustavo. Eu amo o Cosmim. Andrea amou Sérgio, Ingrid amou Jonathan, Daniela amou Maurício, Lola amou Elisa. Eu amo o Cosmim. Luciane foi amada por Rafael, Felipe foi amado por Luana como eu fui amado por Cosmim. Arthur amou Andréia, Lorena amou Antônio Carlos, Laíza amou Vitor, Petra amou Thomas, Zeone amou Rafaela, Christina amou Jairo, Fábio amou André como eu amo o Cosmim. Juliana amou Caio, Ana amou Álvaro, Daniela amou Jorge, Hellen amou Lilian. Eu amo o Cosmim. Patrícia amou José, Danielle amou João Pedro, Tatiane amou Marcos, Márcia amou Gilberto, Leusa amou Carlos Eduardo, Ronaldo amou Ângela, Kazue amou Renato, Márcia amou Cynthia como eu amo o Cosmim. Ana amou Rafael, Paula amou Márcio, Tânia amou Fernando, Tatiana amou Gladson. Priscila amou Wilken, Bianca amou Bernardo, Sheyla amou Agostinho, Lucila amou Cadu, Alberto amou Marta. Messias amou Beatriz, Natália amou Gabriel, Cecília amou Gustavo. Eu amo o Cosmim. Como Beatriz amou Lorenzo, eu ameí o Cosmim. Como Luciana amou Roberto, eu amo o Cosmim. Gilberto amou Eda Lúcia, Luciana amou Roberto, Marcelo amou Luciana, Letícia amou Wanderley, Mayara amou Guilherme. Eu amo o Cosmim. Tatiana amou Alberto. Douglas amou Bruna, José amou Maraísa, Renata amou Bruno. Eu amo o Cosmim. Daniel amou Leilane, Ricardo amou Gabriel, Carla amou Silvana, Camila amou Mateus, Francisco amou Mariane, Rúbia amou Estêvão. Eu ameí Cosmim. Luís amou Nyanne, Thiago amou Luciano, Fernanda amou Julia, Marcos amou Beatriz. Vanderson amou Júlio César. Eu ameí Cosmim. Como Orlando amou Ana e Marta amou Fernando, como Caco amou Bia e Daniel amou Fernanda, Rodrigo amou Douglas e eu ameí Cosmim. Renato amou Débora, Suzana amou Frederico, Amanda amou Hudson, Maria amou Jorge, Ethel amou Décio, Rachel amou Petrônio. Como Ana amou Rafael e Ana foi amada por Marina, como Afonso amou Tiago e Márcia, Luciano, Hugo amou Jonny e eu ameí Cosmim. Daniel amou Maria, Ricardo amou Karina, Abyellyes amou Poliana e Alessandra amou David. Como Anna amou André e Ana amou Carlos, eu amo o Cosmim. Como Alice amou Quequi, como Bárbara amou Henrique, como Lídia amou Gabriel, como Marina amou Rafael, como Lívia amou Francisco, como Karina amou Ricardo, como

Cassiano foi amado por André, como Eduardo foi amado por Samara, eu amo o Cosmim. Como André amou Luca, como Tayana amou Nanda, eu amo Cosmim, o primeiro e o único.

O dono da padaria Flor do Queím é o seu Xande, Alexandre Matias, apelidado de “russo” ou “galego”, como acontece com todo branquelo. (Os daqui dizem “vou no galego”, nunca “vou na Flor”.) É neto de padeiro russo e filho de Iansã, ele me disse. Gordo, pastoso e sardento, o nariz inchado e vermelho dos bebuns. Descabelado, grisalho, a unha do mindinho esquerdo muito longa — para limpar o nariz. Parece ser um homem inteiro, desses que não se fazem mais, cheio dos demônios que se agitam no sangue dos russos. É tão imenso que o olho é sempre atraído primeiro para ele, não importa quem esteja ao seu lado.

Estava de pé na porta da padaria, alheio a tudo como o pai do mundo: se equilibrava numas calças de moletom cinza, camisa cor de vinho e cabeleira tonta de tormentos logo de manhã. Perfume de pão quente (“O melhor pão francês da região”, como está no letreiro). Na esquina, um despacho: vasilhas de barro com farofa, frango esturricado, velas vermelhas, cartas de baralho, sete de ouros, sete de espadas, sete de paus. Entre a macumba e o galego, o Renato me esperava.

Camiseta preta estampada, COMPANY com letras pegando fogo, jeans desbotado, roupa de moleque rico dos anos 1990, provavelmente de segunda mão. Boné com a aba apertada em $\cap$ e, na testa: “GODIM VEREADOR 18.926”. Desodorante forte demais para um menino sem pelos no sovaco.

Quando me viu, abriu o sorriso. Estendeu a mão, apertei, mas pelo balanço do corpo entendi que o que ele queria era me dar um abraço. Queria ir ao circo, o Circo Garcia estava de passagem pelo Queím, vamos-vamos? Expliquei que eu não podia, que sou um velho, um aleijado, não tenho energia mais não. Chega uma idade em que não dá mais para ser respeitável público. Mas, olha, ele podia vir aqui para casa ver TV.

ELE: TV tem em casa...

Mas veio mesmo assim.

Comprei pão quente, mortadela fininha, manteiga artesanal (marca Flor do Queím, vem numa lata) e Coca. Ele está comendo agora, de costas para mim, virado para a televisão. No canal educativo, um documentário sobre mudanças climáticas. Um deserto engolindo o México e grande parte dos Estados Unidos.

... “1103 espécies serão extintas até dois mil e...”

Ele está com calor. Acaba de tirar a camiseta. Um urso-polar na tv, ele aponta para o urso e sorri para mim. É muito magro. Tem o mesmo tom de pele que tinha o Cosme, os mesmos mamilos cor de figo.

Perguntei e ele disse que nunca foi ao zoológico.

EU: Sabia que eu conheci sua avó?

RENATO: (!)

Não tirou os olhos da TV, mas eu vi seus ombros se espantando.

EU: Mãe da sua mãe. Trabalhava lá em casa quando eu tinha a sua idade.

RENATINHO: (*Ainda de costas*) Mentira.

EU: Sua mãe eu também conheci, mas era mais nova que eu. Você ainda lembra? Da sua avó, foi ela quem te criou até... (*Pausa*) Seu avô, também conheci seu avô. Ele gostava de ir ao cinema.

ELE: Eu também gosto. Já fui mil milhões de vezes.

EU: Era uma pessoa comum, sua avó. Sem graça, até. Não posso te dizer nada sobre ela, não adianta.

ELE: Mmm...?

TV: ... ventos árticos castigam a Terra...

(*Pausa*)

EU: Sabe com quem você mais se parece?

ELE: Com quem?

EU: Com o teu avô. Pai da sua mãe. Ele andava sempre chupando pau de canela. (*Ele rirri*) É verdade. Igual um charuto. Ei. Olha pra mim.

ELE: (*Ainda vidrado na TV*) O quê?

EU: Você já aprendeu a ler?

ELE: Muitos anos já.

EU: Estou copiando nossa conversa. Depois mais tarde eu coloco quem disse qual coisa, o jeito de falar de cada um.

ELE: Pra quê? Colapso irreversível.

TV: ... ecossistemas entrarão em colapso irreversível...

EU: Quantas vezes você já viu esse programa?

ELE: Duas. Da outra vez que eu vim aqui também estava passando, lembra não?

Que esquisito.

ELE: Duas. O monte Ki-ji-man...

TV: ... o monte Kilimanjaro já não tem neve eterna...

EU: Ei. (*Pausa*) Olha pra mim.

O que eu vejo agora é isto: na parede direita, meus livros trancados na cristaleira, empilhados. Consigo ver a capa carcomida do *A vingança do judeu*. Nunca li. O móvel tem um espelho no fundo, que há muitos anos não vê a luz (de qualquer jeito, está enferrujado). Ao lado da cristaleira, o Renato, sem camisa, assiste a um documentário sobre a derrota do Brasil na Copa de 1950. A movimentação na tela o enfeitiçou, os ombros vão seguindo a corrida dos jogadores atrás da bola como se puxados por ímãs fraquinhos. Nas gravações antigas, os jogadores correm bem mais rápido, como se fossem todos o Buster Keaton.





EU: Você não sabe? Essa a gente perdeu.

Ele nem ouve.

Pela janela, uma nuvem de poeira bege embaça o prédio em frente. A nuvem não se move. Faz calor, mas já nem sei qual foi a última vez que me senti suado. Seu pouco. Minhas camisetas brancas nunca tiveram manchas amarelas nos sovacos. Três da tarde. Quem vai ser o primeiro amor desse garoto?

Ele não gosta ainda nem de meninas, nem de meninos. Mas uma hora vai gostar. O primeiro amor é o único. Os anos, o sexo e as pequenas construções (filho, casa própria, poupança) fazem aceitar mais fácil as cópias desbotadas que a gente diz amar ao longo da vida, mas até a nossa cova aberta, esperando, fala daquela ausência. O primeiro amor só pode ser primeiro amor porque existe um segundo, claro. (Na tv, gol do Uruguai. O garoto comemora. Ele não sabe quem é quem. É tudo em preto e branco.) Aquela boca de terra aberta, salivando de chuva fria. A minha vai tentar gritar o nome de Cosmim quando lhe derem de comer o meu caixão. Vai engasgar, mas cova não tosse.

Outro dia, li no jornal a entrevista de um artista, já idoso, que disse ter ido para a cama só com mulheres parecidas: loiras baixinhas com um defeito qualquer na boca (lábio leporino, cicatrizes diversas, sequelas de derrame). E ele mostrou fotos de suas três ex-mulheres e as comparou com a esposa atual, que foi fotografada sentadinha ao lado dele, aquele sorriso de tacho. Eram todas parecidas, com boca defeituosa, e iguaizinhas à namorada de infância do tal artista. Achei de mau gosto, publicar assim, com foto e no jornal de terça-feira, mas entendi o impulso.

A. G.: *É uma tentativa, então, de reviver o primeiro...*

B. C. O.: Não é só isso. Com os rostos iguais, eu consigo me concentrar melhor nas outras coisas, porque a paisagem de fundo é familiar...

RENATINHO: (*Ainda vidrado na TV*) Sumiu um moleque.

EU: Como assim sumiu?

TINHO: Sumiu sumindo, puf...

Na TV, um documentário sobre os índios.

EU: Quem?

ELE: Da rua do Almirante. Botaram foto nos postes. Foram no shopping perguntar se alguém tinha visto.

EU: Tem quanto tempo, isso?

ELE: Sei lá. Joguei bola com ele. Cinco vezes.

TV: ... índios no Brasil: quem são eles?



EU: Vai ver fugiu de casa.

ELE: Não. (*Pausa*) Só teve um que fugiu, mas esse...
Ele desmunheca o pulso para dizer que esse era viado.

EU: O pai expulsou de casa?

Ele não sabe.

EU: Foi morar com o namorado?

ELE: Deve sim.

EU: Namorado mais velho?

Ele não sabe.

(E se eu tomasse um táxi que me deixasse na entrada do shopping? As portas se abririam automaticamente, o bafo do ar-condicionado me convidaria a entrar. E se eu entrasse, para ver como os clientes estão reagindo ao sumiço do garoto? O chão de granito refletiria as luzes fluorescentes, como se encapado com uma película de plástico. Neon. Os mesmos letreiros que há em toda parte, os mesmos cheiros de qualquer praça de alimentação, dos shoppings do Leblon aos de Costa Barros.

O pé-direito alto ecoaria passos e risadas e conversas. Somem tantas pessoas anualmente numa cidade como o Rio de Janeiro. Quem se importa...? Essa moça que vai subindo a escada rolante, de calça de ginástica lilás: ela não se importa. A quarentona orgulhosamente solteira namorando sapatos na vitrine não se importa. O pai que prova a amostra grátis de perfume com seu filho não se importa. O filho, assim que entrar no ensino médio, também não vai mais se importar, nem com as crianças que desaparecem, nem com a Amazônia, nem com o ozônio, nem com nada. Só as professoras de primário têm coração para essas coisas, porque precisam ensinar nas aulas. Em geral, usam cartazes de cartolina.)

Fui deitar cedo. “Você pode ficar aí quanto tempo quiser”, eu disse ao menino, que fez urrum sem tirar os olhos da tela da TV (ainda o documentário dos índios). Troquei de canal, ele não protestou. Um filme, que depois de uns segundos reconheci: era *As pontes de Königsberg*. Esse é um clássico, eu disse. No fim, esse velho de chapéu se joga da ponte. O pai desse menino.

ELE: Por quê?

Não tive coragem:

ELE: Pra nadar no rio.

ELE: O menino pula também?

Troquei o canal de volta ao documentário dos índios.

Acordei me sentindo doente. Devo estar com febre.

Sonhei que andava pelo cemitério do Queím, que estava em ruínas, tomado por plantas, as raízes estrangulando as lápides. Procurava a sepultura de Maria Aína; no sonho, só ela sabia onde estava o corpo do Cosme. Não encontrei porque muita gente tinha morrido por cima da minha babá, que acabou sumindo debaixo de tantas lápides novas e terra e frutas podres. Tem muito mamoeiro no cemitério daqui. Quem come esses mamões? No sonho, fiquei pensando na língua dos cemitérios, o idioma redundante: do pó ao pó, descansar em paz, voltar ao lugar de onde se veio.

Engraçado, porque sei exatamente onde o Cosme está enterrado.

No meio da noite, o Renato foi embora. Acho que veio se despedir de mim, acho que o vi parado ao lado da cama, meio sorrindo. Não era para eu ficar triste, foi o que ele disse. Perguntei se não era perigoso ele sair àquela hora e ele disse que o sol estava nascendo. Aí pôs a mão direita na minha testa e eu senti como era macia, morna. Não sei por que fez isso, acho que ele também não.

A sala dos ovinhos agora estava com um cheiro esquisito. Mamãe tinha se mudado lá para dentro, só saía para ir ao banheiro e tomar banho. Polia seus bibelôs de ouro falso e olhava e polia e olhava e bebia vinho tinto e dormia e polia e olhava com dureza. Nada fica polido o suficiente.

Foi o início da sua fase negra, manchada de ouro enfermiço. Faltavam janelas no quarto. Paulina, já inchada com a neném, levava comida, tentava arrumar as pilhas de roupa, bater os lençóis, dar uma arejada no corpo cavernoso. De vez em quando eu aparecia para dar oi ou um beijo e sentia o cheiro. Não era fedor, porque minha mãe não fedia — nunca descuidou do leite de rosas nem do perfume franco-brasileiro, contrabando dos camelôs da Cidade Nova. Era um cheiro de banheiro desinfetado, mas trancado há muitas horas. Cheiro de dentes quase podres, mas recém-escovados.

(Trocava palavras com papai, sim, eu lembro. Trocavam, mas não destroçavam. Um ficava com as palavras do outro e ponto final. Não existe conversa, só existe monólogo. Não se beijavam. Nunca mais vi os dois de mãos dadas.)

Papai dava plantões e bebia nas horas vagas. Bêbado, era amigaço inteiro vaselina. Falava e falava e dizia que nos amava com aqueles lábios. Um dia, teimou que ia construir uma casa na árvore para nós, escolheu uma amendoeira da rua e deu palmadas no tronco para ver se aguentava mesmo. Aguentava! No dia seguinte, arrumou tábuas, cordas e pregos. No terceiro, ficou sóbrio. As tábuas foram roubadas antes que o sereno as murchasse.

Às vezes papai se enfiava num silêncio e todo mundo via na cara dele que era dolorido, todo mundo pensava que era porque ele via muita gente morrer.

Estávamos sentados no sofá, eu e o Cosme, minhas muletas cruzadas, dois vergalhões repousados no meio das pernas. A nossa família tinha um sofá em casa como todo mundo. Três lugares, tecido áspero, cor de chumbo fofo, pago à prestação, um sofá decente de família brasileira. Eu devia estar quieto há muitos minutos, porque Cosmim me perguntou o que é que eu tinha.

“Está triste?”

“Não.”

“É porque morreu a velha? (*Pausa*) É por causa da sua mãe?”

Disse que não e não e voltei a ficar quieto.

Eu estava calculando.

Acho que foi nesse tempo que comecei a gostar de calcular e de catalogar e de classificar as coisas. Sei bem quem eu sou hoje, que tenho um olho clínico, quer dizer. Mas não sei onde foi que começou. Veio de antes, foi antes da morte do Cosme. Depois que ele foi assassinado, eu poderia ter virado alguém que adora demais fotos de bebês, um vitimista, um religioso, um deslumbrado, um nervoso, mas não. Sou isto aqui. (Ex.: Um ser humano chora 121 litros de lágrimas, em média, durante a vida. O coração bate 35 milhões de vezes por ano.)

Estava calculando: quantos litros de sêmen eu tinha produzido até aquele momento? Menos da metade de um copo de geleia? Mais do que uma dose de cachaça? O Nó já bebia cachaça, mas a gente não podia não. A gente não era homem ainda não. Quanto gozo um homem qualquer produz na vida? Um galão de dez litros, uma garrafa de guaraná? Obsessão que os meninos têm por essas coisas... Cosmim pôs a mão no meu ombro, depois me fez um cafuné breve.

“Fica triste não.”

Aí tentou se meter de costas nos meus braços, como tinha me visto fazer no dia em que papai chorou porque mataram seu amigo, mas as muletas dificultavam a manobra. Tentei tirar as duas grades do caminho, mas não deu tempo: ele logo ficou tímido e se afastou. Sorriu, rerrerriu e repetiu:

“Fica triste não.”

Eu vi, uma vez, minha mãe pelada. Ela estava saindo do banho, sem toalha sem nada, ainda pingando. Voltava correndo para sua caverna, com saudade dos ovos de ouro. E eu vi as banhas balangando, apesar da magreza. Eram pelancas da minha mãe murcha, mulher alongada como as duquesas da Inglaterra e meio enlouquecida como as rainhas de Portugal. Ela tinha peitinhos de menino gordo, que não são seios porque não podem ser. A barriga de mãe dupla pendia enrugada, sem nenhum pelo. Tinha a idade que tenho hoje, mais ou menos. As nádegas de fumante, caveirosas, saltitavam: um, dois, quatro passos e mamãe me viu e quase tropeçou sumindo dentro do quarto. Lá de dentro veio um ó contido, ela bateu a porta.

Eu nunca tinha visto uma mulher nua. Foi como ver uma pintura dessas modernas, como era mesmo o nome daquele pintor? Não sei, não vou pesquisar para saber. É feio, mas é bonito, assim, a distância. Todos aqueles detalhes decrépitos. Varizes, calvícies, mirragens, descolorações.

Depois ela ficou uma semana sem olhar na minha cara. Só falava comigo através de uma fresta na porta. “Mamãe está gripada, filho.” Não queria me contaminar.

Fiquei pensando no menino que sumiu, que jogava bola aqui nestas ruas que não pegam asfalto direito (o asfalto no calor dura menos, cria bolhas e estoura em buracos), entre as caminhonetes dos anos 70 e os monzas rabo-de-peixe, as belinas, as Brasília's, todo o ferro-velho que os bairros da praia não querem mais.

Onde foi parar esse moleque? Em Copacabana e Ipanema, onde estão as atrizes e o dinheiro? Sol. No Humaitá, onde o mar ainda ecoa e os miseráveis tentam se entender com os carros e restaurantes e malabaristas de semáforo. No centro da cidade, perto da Candelária, onde de noite os passantes se aliviam do estresse tacando paralelepípedos na cabeça dos meninos de rua, espalhando cérebro para tudo quanto é lado. ☼☼ Tudo isso eu já vi, porque fiz passeios por esses lugares. Já vi o Cristo Redentor de perto. Onde foi parar aquele moleque? Está onde os cabeçudos analisam e propõem planos econômicos para os jornais. Nada de parentesco sagrado ou compreensão, nenhuma piedade. Só a fome um tanto entediada do carbono e do cálcio, carne e dente.

Deve ter sido preso, o moleque.

As pessoas desaparecem fácil.

Não tinham passado nem duas semanas do enterro de Maria Aína quando Paulina resolveu fazer língua de boi para o almoço, igualzinho como a velha ensinou. No centro da mesa, a travessa de vidro oval, uma lama molho ao fundo, gordura amarronzada que, ao esfriar, viraria gelatina. Cinco, sete, onze fatias de língua. Na hora eu achei que era esquisito e até agora acho esquisito. A velha nem tinha morrido direito ainda e aquele pedaço de carne quentinha perfumegava.

Meu pai, cabeceira da mesa, lambeu os beiços e fez mmmmm para agradecer à cozinheira. Eu à direita, Cosmim à esquerda, “Senta, Paulina”, meu pai disse, e ela sentou do meu lado. Sem muita cerimônia. Minha mãe, trancada no quarto dos ovinhos, não sei o que ia almoçar, mas lembro que na época ela estava fissurada em sementes de girassol. Comia feito um ratinho, e as casquinhas atapetavam o assoalho.

Eu ouvi, sim. Ninguém vai dizer que eu não ouvi a língua murmurando no prato. Mas é claro que não entendi o que dizia. Boi morto. Boi ou vaca?

A pele de Paulina tinha cheiro de suor seco e sabão de coco. Os intestinos também deviam ter. Não sei o que meu pai viu nela para ficar olhando e sorrindo, olhando fixo e sorrindo. Primeiro, fez umas perguntas médicas: como ela estava se sentindo com o bebê, se sangrava assim, se sentia este enjoo, se doía ali... Ela sorria sem graça e ia respondendo e “Que isso, seu Cruz!”, quando papai fazia uma pergunta sobre suas partes peludas. Ele ria.

“E o seu marido?”

“Não é meu marido não, doutor.”

“Bom...”

“Era para ser.”

“Ele faz o quê?”

“Trabalha em obra.”

(O assassino tinha cheiro de suor seco e pó de cimento, então, por debaixo do perfume enjoativo da canela.)

Meu pai comeu. (Eu também comi. Todos nós.) Depois, pediu licença, levantou antes de todo mundo. Veio por trás de mim e passou a mão na minha cabeça. Vi o sorriso de papai refletido no de Cosmim, que devolvia qualquer sorriso que lhe dessem, não importava quem. A mão, ainda suspensa, foi levada até a nuca da Paulina, que arrepiou inteira, ai, seu Cruz. Rirririram.

Tive raiva.

A gente passava muito tempo no terreno da ex-senzala. Talvez tempo demais. Teve um dia, estávamos conversando, sentados no chão mesmo, em círculo. Umas lâminas de sol picotavam no mato úmido, penumbra verde, zumbidos. Foi quando eles me mostraram a versão que tinham feito para a musiquinha do corre-cotia.

Corre, cotia	Corre, cotia
de noite de dia.	comi tua tia.
Corre, cipó	Corre, cipó
na casa da avó.	não como tua avó.
Lencinho na mão	Piroca na mão
caiu no chão,	um toletão,
moça bonita	moça bonita
do meu coração.	do meu coração.

A roda de meninos se agitou, troncos arfando, braços para o alto ou mãos batendo palmas, bundas esfregando no chão rumo à catarse. “Corre, cotia...”, seguia a cantoria, aumentava. Um deles levanta e corre ao redor de nós, por trás de nós, imitando a brincadeira original. Carinhos furtivos nas orelhas e tapinhas nas nucas. Palavrões, gargalhório. Eu não conseguia rir; abria o sorriso triste da minha irmã quando me ajudava a ser menos aleijado: sobrancelhas em forma de solenidade triste. Camilinho não vê graça em porra nenhuma, larga de ser babaca, “moça bonita do meu coração”. Eles tinham outras, muitas versões de canções de roda e versões do mesmo corre-cotia (comi tua tia, caguei na pia, lambi tua filha, vem cá e enfia, matei tua cria...).

Recomeçavam: “Corre, cotia...”.

Um tédio, as pessoas. Os artistas de TV, os filmes de ficção científica e novelas de mistério, os napoleões, os puladores de ponte e os poetas tristes... São todos só o negativo do mesmo tédio, reverso duma moeda que sempre foi fosca, puta que me parola!, que a vida de um é tudo igual à vida do outro, só muda o endereço. E não tem tanto elemento assim no universo, todos catalogáveis. Da concha ao bombardeio de Gaza tem pouca mudança. Ouve só,

bomba e onda têm um marulho parecido. Entre um homem e um rato, tem somente trezentos genes de diferença. Lembro que li um dia: um exército de macacos tecendo a esmo em máquinas de escrever uma hora vai acabar escrevendo um livro do Shakespeare. A gente bateu muita punheta naquele mato. Os meninos sempre quiseram ir lá em casa para tomar banho de piscina, mas tinham vergonha de pedir.

Não vejo o Renato faz quase duas semanas. Estou começando a ficar preocupado. Vou à padaria de manhã e à tarde, e há onze dias o garoto não está lá. Não sei, achei que ele fosse vir aqui em casa todo dia, que estaria sempre me esperando, uma coisa natural, namorico de esquina. Não sei onde ele mora nem quem é a moça que cuida dele. (Mas não seria difícil descobrir.) O galego da padaria não sabe, não viu. Toda vez que pergunto, olho bem dentro do rosto russo dele, inspeciono a pele de frango depenado, veinhas vermelhas de alcoólatra, cheiro de farinha. Os olhos dele são verde-piscina. “O menino não tem ninguém”, ele disse. Entendia minha preocupação. “A gente se apega nesses bichos e depois sofre.”

O galego tem uma cicatriz bem embaixo do olho esquerdo. Quase ficou cego. Tiro de revólver de feijão, segundo me contou, uma arminha de moleques, fabricada com pregadores de roupa, caixa de fósforos com duas pilhas AA dentro e câmara de pneu. Acertaram um feijão na cara dele e saíram correndo. Não eram daqui do Queím, os moleques. Crianças. Ele riu lá do jeito poço dele quando contou a história. Estas ruas são faroeste infantil.

Subiu a perna da calça, quase caindo de cabeça para a frente, e me mostrou outra ferida, um rombo vermelho-aberto na altura do joelho, com as bordas feias de pus. Um pouco abaixo, na canela, a cicatriz de uma ferida parecida, igualmente mal tratada. Esses eram disparos de estilingue, com brita de obra, uns pedregulhos cinza com pintinhas pretas, do tamanho de ameixas. São das crianças daqui, ele explicou, mas não sabia identificar de quem eram filhos.

Só então descobri que o galego é alvo constante de ataques, um cachorro gordo detestado sem motivo. Vira e mexe uma horda passa urrando na frente da padaria e lá vêm pedras, pedaços de pau, frutas, o que tiverem à mão. Uma vez quebraram o vidro do mostrador.

E esse é o homem que faz o pão de todos.

“O seu menino não”, disse. “Ele até me defende.”

Do apartamento em frente, casa do Grumá, vem um samba abafado. Quase não dá para ouvir, mas eu sei que é aquele disco do Nelson Cavaquinho que começa com “Juízo Final”: “quero terrólhos pra ver... a maldade desá... parecer”. O sol há de brilhar mais uma vez e tal. Ele vive ouvindo o mesmo disco, de vez em quando canta junto, berrante desafinado, mas não me dá nem um oizinho há mais de mês. Não gosto muito de música, mas dessa do Nelson sim. Ouço sempre. É o único disco que eu tenho. Foi o Grumá que me indicou.

Hoje ele não está cantando.

“Tem um garoto aqui para você”, o síndico me disse pelo interfone. “Aqui em casa.” Desci o mais rápido que pude, a porta do 102 estava entreaberta, o Renato sentadinho no sofá em posição de castigo, barriga para fora, queixo para dentro. Quando me viu, deu um sorriso de triunfo, levantou e veio saindo. O síndico o impediu com um puxão no ombro.

O moleque tinha invadido o prédio, foi o que ele disse. Um morador legítimo entrou, ele aproveitou a fresta e se esgueirou junto. “Sorte que o porteiro pegou, senão faria o quê? Esses meninos da rua... não pode, fica feio pra mim, fica feio pro prédio. *(Pausa)* Quando ele mencionou o nome do senhor eu nem acreditei. O senhor nunca deu problema, um condômino modelo. Tem esse rosto simétrico apesar do..., pois é, cara de bom caráter, o senhor conhece Lombroso? *(Tentou apalpar o meu rosto; me recusei)* O senhor conhece esta criança? Está cheirosinho, mas não sou bobo. Às vezes nem faz nada, mas quem põe a mão no fogo. O senhor põe? No fogo?” Dei a mão ao garoto. “Conheço sim”, e viemos sem mais satisfações. O síndico ficou olhando com aquela cara de cão de guarda que caiu do camburão da polícia.

O síndico — que se chama José Clay — é um tipo claro de T. de M. Jr ♂. (Ou o síndico é algo mais fundo. Talvez, debaixo do esqueleto da personalidade e da capa de gordura das manias, todos nós tenhamos alma de síndico de prédio.)

Fiquei 23 dias sem notícias. Nesse meio-tempo, o Grumá deixou outro envelope com noventa reais na minha caixa de correio (está me evitando? Por quê?); gripei e desgripei; o galego da padaria levou mais umas tantas pedradas (mas não quebraram nenhum vidro). Onde estava o garoto? Ninguém imagina os horrores que eu imaginei. Quase não consegui fazer minhas coisas direito. E onde ele estava?

“Por aí...”

“Eu achei que você tivesse sumido.”

Ele rirrirriu.

EU: Você tem amigo?

RENATINHO: Tem o Manuca e tem o Tiziu.

Por um instante, achei que fosse o mesmo Tiziu que conheci quando moleque, mas óbvio que não. É um apelido que atravessa gerações. A população de tizius no Queím gira sempre em torno de meia dúzia de indivíduos, não importa a década. O pássaro mesmo, que inspirou o nome, eu nunca vi. É preto-azul e canta “ti-ziu, ti-ziu” (ouvi na internet), só isso: “ti-ziu, ti-ziu” a vida inteira. Quando um personagem negro faz sucesso na TV, o número de tizius tende a diminuir, porque as crianças acham outros apelidos: Tião Macalé, Mussum, Pelé, Vera Verão, Obama.

EU: E você faz o que com eles?

RENATINHO: Ué, tudo.

EU: E é bom?

RENATINHO: Ué, é.

Ele ligou a TV. Um documentário sobre vida marinha. Depois de uns minutos vidrado no aquário, perguntou se eu andava de ônibus.

EU: Às vezes. E você?

RENATINHO: Andei já oitenta e duas vezes.

EU: Este ano?

RENATINHO: Não, no sempre.

Ele queria saber se eu fico triste quando as pessoas não sentam do meu lado no ônibus, porque sou assim, ele disse, e engasgou o resto da frase e emendou numa história que uma vez ele tinha visto um homem muito feio, que tinha a boca costurada de cicatrizes, no 367 (Queím-Praça xv). O ônibus lotado e ninguém sentava perto dele. Não estava fedido, não. Nem com cheiro de suor. Contou muitos detalhes: a roupa, as regiões grisalhas da barba pós-expediente, formato e cor dos sapatos, gravata, mas eu só lembro que o homem encostava a cabeça no vidro da janela e fechava os olhos, porque estava triste, foi o que o garoto disse.

51

Foi à luz do dia. Na esquina de casa. Eu me lembro do sol na testa, no couro da cabeça, ☀ nos meus braços, o suor na pele colada às muletas. A eterna neblina de poeira bege. Meu primeiro beijo.



Estávamos andando, aí paramos nesse lugar da foto, que fica a quatro

quarteirões daqui. A conversa não era sobre nada de mais. Parar é que foi meio atrapalhado, porque não tínhamos motivo para de repente não seguir caminhando. Foi Cosmim que parou primeiro, eu finquei as muletas e me equilibrei, com cara de pergunta tonta. Silêncio. Aí ele me deu um beijo. Agarrou meus dois braços e puxou (delicado, para não me derrubar), eu fui, bettemente, davismente. Os lábios dele estavam secos, as lasquinhas de pele dura me espetaram. Passei a língua para amolecer. Gosto salgado. Ele abriu a boca, língua com língua lembrando a língua de boi que Maria Aína fazia. Depois do nojo de bolo alimentar, foi como se a gente tivesse tido essa vontade desde sempre.

Eu não me sentiria seguro nunca mais. Descobri na hora, isso. Meu coração começou a tossir ar gelado nas veias. Coisa de criança, pânico de qualquer primeiro beijo mesmo. Depois, quando a gente começa a pagar as próprias contas, sente uma coisa idêntica. É um desamparo. Na primeira doença séria, desamparo. Nos aniversários de década, sobretudo no primeiro enta, desamparo. Depois se acostuma. Hoje em dia, vou à padaria desamparado, compro pão desamparado, mortadela desamparado, queijo, que é mais caro, só de vez em quando.

(É improvável que o assassino estivesse por perto na hora. Mas na minha memória essa cena tem um cheiro quase fraco de canela.)

No dia seguinte, choveu. Era uma segunda-feira, e era de agosto. O céu amanheceu limpo e foi esquentando, esquentando tanto que, lá pelas nove, choveu. Eu nem lembrava a última vez que tinha chovido. (Também não lembro há quanto tempo não chove no hoje em dia. O ar vive úmido, mas não chove. O céu, azul-piscina, só ameaça.) Foi uma pancada só, o suficiente para refrescar as plantas e enxaguar as baratas mortas de volta para os bueiros.

Aí abriu o sol de novo. ☀ E começou um idílio, o único que experimentei.

Às sete, Paulina tinha vindo me chamar para a escola e eu fingi doença, gripe, tosse. Gemi. Ela sorriu e disse que devia ser mesmo, porque o senhor Cosme também estava dodói, foi assim que ela disse: “senhor Cosme”, “dodói”. Achou que nós tínhamos combinado, mas não combinamos. Ela consultou meu pai e ele consentiu. Que ficássemos em casa; menino tem que matar aula de vez em quando. Sinal de que estávamos cada vez mais irmãos. Bons camaradas, foi o que pensaram. Camaradinhos.

Depois da chuva, Cosme veio até o meu quarto e se enfiou na minha cama. O calor não era mais tanto. A língua dele era áspera e morna, como suas mãos. O idílio acabaria em exatos catorze dias.

Todo idílio termina em tempestade, e da tempestade à enchente são poucas horas. Todo mundo sabe como é ruim o nosso sistema de esgoto, as galerias subterrâneas, entra prefeito, sai prefeito... A enchente logo vira dilúvio e o dilúvio, oceano. Aí vem o luto, que é lento e quieto sobre a face das águas, mas no fundo é fértil: o plâncton surge logo, os corais se formam, nascem peixes e algas e polvos e cardumes de golfinhos e baleias cospem água para o alto e o enlutado uma hora se reanima. Eu fiquei. Cosmim desapareceu e eu fiquei, como o tentáculo amputado de um polvo. Aprendi isso no documentário sobre vida marinha que assisti com Renatinho. Mesmo quando decepado, o tentáculo dos polvos continua vivo, anda por aí à procura de comida. Quando acha, pega o alimento e faz o gesto de levá-lo à boca, como se ainda estivesse conectado ao corpo.

Até hoje eu vivo o luto do polvo, o luto de um pedaço do polvo, aliás, um pedaço até ridículo, porque tentáculos de polvo se regeneram igual ao rabo das lagartixas.

Na terça-feira, não teve escapatória: escola (ele para uma, eu para outra). Ele foi me esperar na saída, com um presente nas mãos. Era um aviãozinho de chumbo embrulhado em papel rosa e barbante de padaria: um Spitfire modelo MK I PR, tipo A, que não fazia estrago, só voos de reconhecimento.

Perguntei onde ele tinha conseguido aquilo e ele disse, rarrarrindo, que roubou do Iguatemi. Da casa do Iguatemi, do quarto.

Iguatemi filho da puta. Iguatemi mais pobre do que eu. Iguatemi que nunca seria marinheiro. Podia morrer afogado. Morri de ciúme.

Até morrer, Cosmim me deu tanta coisa...:

- 2 pedrinhas nubladas (as mais raras);
- 14 pedrinhas pretas;
- 1 disco de vinil achado numa caçamba de entulho (Victor Talking Machine, com o cãozinho atento na vitrola);
- 4 figurinhas representando tribos de índios;
- 1 caixa de fósforos Guarani;
- 3 pés de sapato avulsos (2 femininos, 1 de homem);
- 1 broche branco;
- 1 coruja de porcelana sem a orelha;
- 12 botões de roupa sortidos;
- 1 boina marrom;
- 1 livro do Darcy Ribeiro sem a capa;
- 2 blusas de mulher (cor-de-rosa e azul);
- 1 exemplar da revista Sétimo Céu com a cara do Tarcísio Meira na capa (“Regina Duarte conta o final de Fogo sobre terra”);
- 1 lata de biscoitos amanteigados (guardei a lata);
- 1 flor de lótus vermelha (ficou dentro da revista);
- 2 almofadas de carimbo pretas;
- 1 sonho de padaria (guardei o guardanapo, que perdeu há muitos anos as manchas de gordura);
- 1 alfinete com ponta vermelha;
- 3 fitas cassete virgens (permanecem virgens).

Na porta do meu colégio (o dele era público), eu disse que não queria encontrar a turma. Ele entendeu sorrindo; ele não tinha medo. “O que você quer, então?”, e eu queria que ele me chupasse enquanto ainda estivesse mole, que meu pau endurecesse dentro da boca dele. Eu disse isso e só não me arrependi até hoje porque ele respondeu que tudo bem, sem nenhum espanto, sem insulto nem risinho. Mas acabou nunca acontecendo. No dia, a gente simplesmente

esqueceu. Nos doze seguintes também.

(Guardei tudo o que ele me deu, junto com outros documentos e tralhas. Está num baú de madeira e couro, herança de mamãe.)

O garoto queria mortadela, o Renato, e pão novo. (Ele está aqui sempre, agora. Volta direto da escola, quando vai. Não obrigo. A mulher que cuida dele nem procurou saber. Não tem foto do menino nos postes nem comitiva ao shopping.) Fui à padaria e, quando voltei, ele estava olhando uma coluna de fumaça subir na tela da TV. Hoje é dia 13 de agosto, 2014. São 21h24 e o jatinho do Eduardo Campos, candidato a presidente da República, caiu em Santos.

RENATINHO: Isso é em Santos. Santos é na praia de São Paulo.

EU: É o quê?

RENATINHO: Caiu um helicóptero.

Fiz o lanche dele. Ele comeu, bebendo Coca para amolecer o pão-manteiga-mortadela, enquanto atualizavam as notícias. (No apartamento ao lado, o Grumá ouvia o disco do Nelson Cavaquinho: “Este mundo é uma escola... não te esqueças de aprender, meu amor...”.). Não era um só helicóptero, era um avião que bateu no helicóptero. A Força Aérea confirma isso, desconfirma acolá. Talvez fosse o avião do presidencial, afinal não era helicóptero, era só um avião. Caiu numa área residencial, destruiu uma academia de ginástica e a casa de uma senhora. A casa de mais alguém? Os repórteres não sabiam. Parece que era o jatinho do presidencial. Era sim, confirma um deputado do mesmo partido, diz que amigo pessoal. Almoçamos (arroz e nuggets de frango com batata palha; não sei fazer feijão). Comi muito. Mas por que caiu? Especialistas são chamados a dar opinião. Começam as buscas. Logo mais, todos vão fazer um pronunciamento. Os populares choram nas entrevistas. Um deles disse ter resgatado a cabeça do candidato, viu os olhos azuis do candidato. Não sei, acho importante registrar. Caiu um avião, o avião era pequeno. O que no começo da manhã era fumaça virou, na hora do almoço, um candidato à presidência do Brasil.

RENATINHO: Nunca andei de helicóptero. Nem de avião.

EU: Quer andar um dia?

Ele disse sim com a cabeça e arrotou Coca-Cola.

Quarta-feira. Na rua, o tapete da calçada estava esticado para nós, eu e o Cosme, lado a lado. Lá na frente, um altar nos esperava, feito só de moleques, uns sentados, outros escorados na fachada da ex-senzala, o Nó fumando pelo buraco que um dia foi janela. Meu noivo tentou me dar a mão, mas as minhas estavam ocupadas em caminhar, muletas, uniforme da escola, a pele cheirando a manhã rançosa — aulas de matemática, português, prova de geografia no último tempo. Levei bomba.

Sol a pino, mas não tanto calor. ☼☼ Cosmim estava mais confiante do que eu. Sabia direitinho o que fazer. Eu só intuía. Também de uniforme, caminhava lento junto comigo, meio valsante, como se de fraque e gravata dourada, sapatos novos, peito estufado. Acenou de longe, acenaram de volta. (Onde é que estava o assassino nessa hora?) Ele também tinha feito prova, de história. Cosmim era bom em história. Não chegou a saber a nota que tirou. (Também não sei. A diretora da escola devolveu seu boletim para o meu pai, mas os professores não lançaram as notas. Só estão as dos dois primeiros bimestres.)

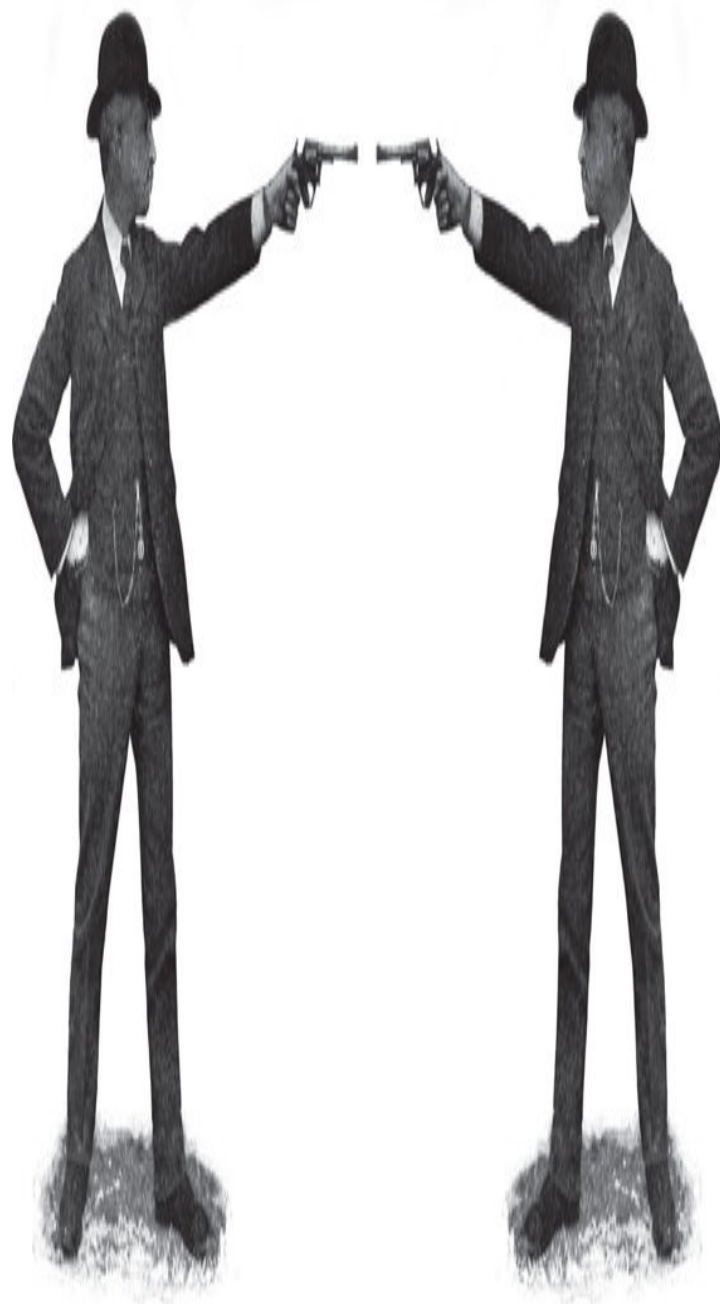
Meu rosto não é feio. Tenho uns traços romanos, macios e meio arredondados pelo bom trato, lábios grossos em boca pequena, narizinho que parece reto, mas de perto não é. Sempre fui ao dentista com regularidade. Sobrancelhas curvas e cabelo encaracolado, hoje quase todo branco. A pele, branco-mármore com veias verdes, já não é muito lisa. Fui uma criança bonita, éramos uma família bonita. Eu com Cosmim daríamos um filho com cara de deus egípcio.

Chegamos os dois ao pé dos moleques (nenhuma menina). Ele apertou meus dedos com as duas mãos e me deu um beijo de pode beijar a noiva.

Ficaram sem reação por muito tempo, as caras travadas como se tivessem visto um homem com cabeça preta de cachorro. Imagino, em pânico, que um deles pula e chuta o meu joelho esquerdo, quebra minha perna aleijada; outro soca o nariz do Cosme, manda abrir a boca e esfrega os dentes dele na parede chapiscada. Imagino que nos prendem e despejam óleo fervendo na nossa pele. Que atravessam um vergalhão nas nossas coxas, unindo os dois feito um brinquedo de plástico. Que se levantam sem dizer nada, tão decepcionados, e vão embora cheios de nojo. Ou que tentam argumentar, por amizade: mas e se todo mundo fosse assim, igual a vocês, a espécie humana não se reproduziria mais! Ou que começam a rir, rirrirrir, rerrerrir, rarrarrir. Imagino todo o antigo caldo de horrores no qual boiam cabeças decepadas e carne de veado queimada na fogueira. Sopa velha, requentada e ressalgada a cada geração de meninos,

desde que o primeiro imperador de Roma achou que para ser limpo o homem devia ser virgem de mulher e duplamente imundo era o macho que se deitava com outro macho.

As caras amoleceram do primeiro espanto, voltaram a se mexer e a olhar umas para as outras. Tinham a obrigação da raiva, do asco e da piada, mas ninguém queria começar. Olharam para nós. Não rimos. Encaramos.



Aí o Nó pulou a janela de volta para a rua, atirando o cigarro longe (a brasiinha faiscou no asfalto). O coração geral se preparou: era agora. Minha vista escureceu nas bordas e foi escurecendo até que só sobraram dois furinhos, escopeta cano duplo. Eles iam atirar primeiro, eu não tinha visto filmes de banguê-banguê o suficiente. Os moleques fincaram pés, o sangue inteiro nas pernas, pronto para atacar. Vou cair. Cosmim me segurou, me reequilibrei nas muletas, vou cair. O Nó veio vindo.

Parou na frente da turma. Sorriu para apaziguar. Agora eu já conseguia enxergar melhor, mas meus joelhos bambinhos. Os meninos atrás sem saber do sorriso do Nó. *(Pausa)* O Iguatemi olhou para o Zetimó e eu vi: o braço do Zetimó pegou impulso e virou-lhe um soco de peito de mão bem no pescoço do Iguatemi. E a cara do Zetimó ficou toda desnorteada, e o Iguatemi caiu tossindo no chão.

Puxava ar como se acabasse de ser salvo de um afogamento, as mãos tentando rasgar o peito. Ar.

O Zetimó ficou observando o próprio braço, o braço e os meninos, os meninos e o Iguatemi, que agora estava rodeado, Cosmim lá no meio, de joelhos. O Baleião pôs as duas mãos no peito do amigo caído e começou a empurrar, como tinha visto fazerem na TV. Vai fazer respiração boca a boca? Você vai quebrar ele, filho da puta!, e o Tiziu deu um chega-para-lá com o ombro. O Baleião caiu de ladinho.

Gordo filho da puta!

Já dava para ver que o Iguatemi estava tossindo-rindo.

Uma pausa e avançaram no Zetimó para tirar satisfação. Cosmim inclusive. Uma rasteira, ele caiu bem perto do Iguatemi. Um chute, dois nas costelas. O Zetimó aceitou, levantou a mão da trégua, fez sim com a cabeça, sim. O Nó desceu-lhe um tapa na orelha, Cosmim deu um empurrão no Nó para dizer chega.

Todos se entreolharam, adivinhando a possibilidade da porradaria generalizada. O Iguatemi se sentou e ficou respirando. Zetimó enfiou os dedos na boca, a ver se tinha perdido algum dente. O Baleião disse parou, caralha, parou!

Depois, pra dizer qualquer coisa, o Nó fez um comentário sobre eu ser branco e ele marrom, eu rico e ele pobre. Golpe do baú. E riu, porque também não podia só mudar de assunto e seguir em frente.

Foi isso.

Em poucas horas, eles se recuperaram das porradas e se acostumaram com a ideia de que seus dois amiguinhos viraram namorados. Vai ficar um roxo só e tudo bem. Quando a gente se beijava eles faziam eca e pronto, de vez em quando tacavam coisas: terra, tufos de mato. Não faziam piada, mas pararam de xingar e empurrar o Cosme. Durante duas semanas, eles respeitaram.

No dia seguinte ou no outro, sei lá, a irmã do Tiziu pariu, em casa mesmo. Gêmeos, um menino e uma menina, sem pai, só mãe. Eles fizeram eca também quando ouviram falar de placenta, e tacaram tufos de mato, chamaram de filho da puta. É provável que tivessem mais nojo da irmã do que de nós. Ainda nem tinham perdido o medo de menina direito.

A notícia se alastrou, mas o escândalo não veio das caras amolecidas dos meus amigos. Veio das caras das velhas e das moças de família — tenho certeza, foram as caras duras das velhas que se sentiram ofendidas primeiro. Vai ver uma delas estava espiando a rua, com o tsc-tsc-tsc engatilhado na língua, pronta para disparar ao menor sinal de indecência: mulher desacompanhada, barbearagem de trânsito, macumbeiro, bêbado ou batedor de carteira. Mas um beijo entre meninos ela nunca tinha visto. Talvez nem tenha conseguido estalar a língua, vai ver foi direto chamar a moça mais nova (onde tem velhas, tem moças). Vem ver, vem ver. E o vem-ver de uma se multiplicou em dez, duzentos, trezentos você-vius? Na fila do pão ou na visitinha da tarde, você viu que agora os garotos andam se beijando? Plena luz do dia, sem vergonha, uma indecência, duzentas indecências! Onde este mundo vai parar.

Nada disso chegou aos ouvidos do meu pai. Claro. Até onde eu sei, ele morreu achando que as mulheres é que não gostavam de mim.

Tento lembrar, mas as coisas que Cosmim fez e disse naquelas duas semanas foram sumindo, a lembrança certa se perdeu. O jeito como eu o enxergava também desbotou quase inteiro. Hoje aqui, amanhã não se sabe: tudo pode apagar de vez e eu não teria onde me agarrar.

(Vai ver este é o último estalo antes do esquecimento.)

Por isso eu gostava dos clientes da loja de antiguidades. Minha loja de antiguidades na Galeria Cartago, a Cartago famosa. Nunca tive tanto dinheiro como naquele tempo. Cheguei a morar no Lido. Mesmo assim fui à falência.

Peguei o ponto de um velho chamado Amílcar Meireles, e quase todos os clientes continuaram a me chamar de Amílcar, até os que me conheciam de longa data. Era o nome que estava no letreiro.

Do balcão, dava para ver a Nossa Senhora de Copacabana lá fora. Eu conseguia distinguir de longe os meus clientes. Eles se destacavam do frenesi da avenida, da força bruta de Copacabana, um bairro que, até hoje e até aos domingos, se movimenta com a violência de uma eterna sexta-feira à tardinha: acidentes automobilísticos, buzinas, brigas de rua, traições, especulação imobiliária, assovios, apitos, aumento de tarifas, tropeços no asfalto quente. Mas os clientes eram alheios a tudo isso, Copacabana não era com eles. Eu os reconhecia de longe. Eram os que sabiam, já naquela época, que as esperanças de uma nova bossa nova estavam acabadas.

Boa gente. Donas de casa doidas por bibelôs, colecionadores de broches dos anos 60, de livros extintos, de enciclopédias desatualizadas, de sombrinhas lilás; juntadores de jornais e revistas, de brinquedos e eletrodomésticos estragados e sapatos ridículos. O tipo de gente que acha que nada do que existiu deve desaparecer. Gente disposta a pagar o que for. E eu nem lucrava tanto assim.

Gente que depois morre. (Em Copacabana morre muita gente.) E essa gente quase não tem ninguém que se interesse pelos cacarecos acumulados. Entra o zelador, encaixota tudo e joga fora. (Quem recolhia esses entulhos era uma empresa de caçambas chamada Santa Eufêmia.) De vez em quando, a caminho da loja, eu topava com essas caixas de papelão em cima dos escombros das construções e reformas, e dentro sempre tinha algo que eu podia vender, álbuns de fotos, discos, livros, roupas, chapéus. Tudo de graça, mas, se não fosse eu, essas coisas iriam parar num lixão de subúrbio. As caçambas da Santa Eufêmia não têm misericórdia. (Eufêmia foi mártir por rezar quando não devia e hoje em dia dá nome a um pequeno asteroide, 630 Euphemia, que nunca vai entrar em

rota de colisão com a Terra.)

Quando eu morrer, sei que alguém vai entrar aqui (o zelador, minha irmã, o síndico) e enfiar tudo o que é meu numa caixa de papelão, que vai acabar numa caçamba dessas (não sei de qual empresa). Espero que alguém a encontre, porque dentro vão estar meus cadernos, a foto do menino avulso, os boletins escolares do Cosme, os meus desenhos de infância... Minhas coisas têm alguma memória, e a memória delas está atrelada à de Cosmim, e a dele está atrelada às de outras pessoas, e assim por diante. Como eu gostava dos clientes da loja. Eles sabiam que, no fim das contas, estamos todos ligados; nossos laços são caixas de papelão cheias de tralha.

Misericórdia, caçamba.

Tinha um, não vou saber de cor o nome dele agora. Era um garoto muito branco de cabelo cinza. Só comprava manuais, manuais de pesca de trutas, de armas, de confeitaria, de elegância, de magia de são Cipriano, qualquer coisa. Uma vez parou para conversar comigo. Disse que era estudante de mestrado e que todo mundo no país era delegado de polícia. “Uma nação de delegados”, foi o que disse. Esperto mesmo era quem era juiz. Esperto mesmo era quem inventava as leis. Esperto mesmo era quem mandava inventar as leis e ninguém sabia quem era. Mas isso ninguém queria ser, ele disse.

Hoje todo mundo quer. A raça evolui.

EU: O que você quer ser quando crescer?

RENATINHO: Motorista de helicóptero.

O sol abre rachaduras nas calçadas, sempre. A administração pública tenta consertar, mas o sol trabalha contra, resseca o cimento e reabre as fendas. Os jornais atacam a Prefeitura, mas o sol amarela as páginas. Os cidadãos reclamam, mas o sol anestesia a raiva e dá praia. O sol odeia todo mundo, sem distinção. ☼☼ Outro dia um vereador tropeçou numa dessas rachaduras solares e caiu de boca num degrau da escadaria da Câmara. Quase morreu. Já era mais idoso, V.^o S.^o o vereador Chico Sforzinda (PP), defensor ferrenho da remoção das favelas. Usava dentadura. Deu no jornal.

Estávamos sentados. Cosmim arrancava as graminhas que nasciam nas rachas da calçada, como se as folhas tivessem forçado passagem pelo concreto. Não falava nada. Quase não olhava para mim. Perguntei qual era o problema, ele não respondeu. Achei que estivesse parando de me amar. Qualquer silencinho dele e eu já previa o fim, começava a calcular o meu suicídio. Tive medo, depois raiva.

ELE: “Quem você prefere, seu pai ou sua mãe?”

“Mãe.”

Vi que a cabeça dele deu uma quebrada para a esquerda. Careta de câibra na barriga, aquela que dá vergonha. Cosmim sabia que os meus pais estavam na boca da separação. E ele jamais ficaria com mamãe. O sol perturbava. ☼☼ Estendi a mão, abrindo e fechando, pedindo a mão dele:

“Me ajuda.”

Ele se levantou e me puxou. Firmei nas muletas. Ainda raiva:

“E se eu tiver que ir embora?”

“Pra onde?”

“Nova Iguaçu.”

“Não sei onde fica.”

“Nova Déli.”

“Não sei onde fica.”

“Você não quer ir?”

“Pra onde?”

Aí ele me abraçou.

(Cosme burro, mula. Não entendia nada.)

Apertei meu abraço também.

Hoje, o matinho ainda cresce nas rachaduras do cimento. Encontra espaço, finca raiz. Outro dia, o síndico mandou uma circular dizendo que era preciso cortar a árvore que fica na frente do prédio, já que a Prefeitura não faz nada. É um fícus muito grande, as raízes quebraram a calçada. Pediu minha contribuição, minha assinatura, dinheiro.

A árvore já estrangulou o meio-fio e agora avança na direção das grades da portaria. As raízes se infiltraram nas tubulações, o que explica o gosto de terra na água da torneira. Quem plantou? Ninguém lembra. O síndico disse que se não tomarmos providências um idoso pode morrer. A dona Vera do 701 já tropeçou na calçada estufada. Podia ter quebrado o cotovelo!

Não dei minha contribuição.

Acho bonito quando as árvores fazem isso. Durante anos as raízes vão crescendo quietinhas debaixo dos nossos pés, crescem, endurecem, se esparramam — e vão forçando a superfície da calçada.

Eu queria ter um ouvido aguçado para ouvir o som da raiz desgastando o cimento, empurrando, ganhando espaço. O atrito surdo e prolongado, os estalidos da madeira, os leves assobios no escuro, os miasmas. E um dia, enfim, a luz.

Queria viver muitos séculos, para que a vitória parecesse ter a rapidez dum murro. Queria ver os garis recolhendo os cacos depois de meses de reclamação no telefone tal, abaixo-assinados, visitas à Secretaria de Parques e Jardins. As autoridades não se mexem nesta cidade!

Eu queria ser a árvore.

“Ir para onde?”, foi o que Cosmim me perguntou.

Onde tivesse espaço.



O garoto tenta mudar de canal. A TV a cabo está fora do ar.

EU: Está sem sinal.

Ele nem ouve. O polegar aperta, a unha tem um risquinho branco. O nome disso é leuconiquia, não é uma doença séria. Na minha época, diziam que quando apareciam essas manchas era porque alguém estava apaixonado por você.

Diziam também que, se a gente é capaz de imaginar como uma pessoa vai ficar quando velha, é porque ama. Mas tem que conseguir ver mesmo. Tem que ficar comovido com a decrepitude do amado.

EU: Desde quando você está aqui?

RENATINHO: Setenta e quatro dias.

EU: Acha que vai ficar por quanto tempo?

(Pausa)

EU: Você consegue me imaginar quando eu era da sua idade?

Ele dá uns risinhos de alívio e diz que não, que eu fiquei velho já demais. Digo que eu sim, eu consigo imaginar como ele vai ficar quando for velhinho. Ele ri, mas não continua a conversa, fica olhando para a TV chuviscante, todo se tremendo. Tem medo de ter que ir embora.

(Perdi a imagem exata de Cosmim, não consigo imaginar como ele seria velho. Enquanto era vivo, nunca pensei nisso.)

O assassino saiu do cinema. Estávamos sentados na calçada, Cosmim de mãos dadas comigo, o Iguatemi contava da vez que um navio brasileiro atacou um cardume de golfinhos achando que era um submarino alemão (“Mentira!”, “É verdade!”, “Fala verdade, Guatêma!”, “Verdade, meu pai que disse!”). Foi um banho de sangue. Aí o assassino passou, como das outras vezes — pau-canela na boca, cheiro de suor e cimento. Ia ver filme na hora do almoço, enquanto os outros pedreiros dormiam ao sol. ☼☼ Podia esticar tanto assim o almoço por quê? Não sei se ele era o chefe dos pedreiros. Engenheiro é que não podia ser.

(Isso eu lembro: no Cine Maier estavam reprisando aquele filme do John Wayne, *O homem que matou o facínora*. Eu e Cosmim fomos ver no dia seguinte. O lanterninha era amigo da turma e deixou a gente entrar pelos fundos. Sentamos na última fileira. Não tinha pipoca. Foi o nosso único cinema.) Assisti esse filme muitas vezes depois: “Ei, peregrino! Quando a lenda vira fato, publique a lenda”. Aqui é o Oeste.

O assassino acenou com a testa e seguiu caminho. Acenamos de volta. Ninguém tinha mais tanto medo dele. Nem sei se viu nossas mãos dadas. Deve ter visto. Torceu o nariz e virou a cara, mas podia só estar cheirando a própria inhaca de bêbado. Todos os pedreiros bebiam cerveja preta Xingu no meio do expediente.

Eu gostaria de dizer que vivi dois anos em duas semanas com Cosmim, mas não. Duas décadas. Essas coisas não acontecem. Vivemos catorze dias. Amei cada centímetro dele, mas nem todos os minutos. Ao todo, foram 20 160 minutos, muitos deles perdidos com escola e banhos, almoços. Quando estávamos juntos, outros mais foram perdidos em silêncio, com os porquês do silêncio. Foi por causa disto ou daquilo, foi porque eu tive que fazer a lição, foi porque você não gosta mais de mim? A gente disse que se amava, mas isso não era a coisa que é hoje.

E medo, um medo que só seria sanado se de repente eu e ele, muito mais que siameses, virássemos uma coisa só. Um troço. Dois braços, duas pernas, pelos, fedentina de menino, pele café com leite, cara de deus egípcio, um pênis, cabeça de cachorro. O monstro que pesa o coração dos homens depois que morrem.

Terça-feira (na segunda seguinte, ele estaria morto). Devia ser umas quatro da tarde, nessa hora a casa ficava fantasma: o barulhinho da panela de pressão, xique-xique, sem pressa, xique-xique-xique, Paulina ia preparando a janta, xique-xique-xique-xique. Papai dormindo para o plantão da madrugada, mamãe enfurnada com seus ovinhos de ouro. Cosmim dormia do meu lado na cama, o lençol abafava os nossos recém-calores. Os pelos da perna dele me faziam cosquinha. Nós dois, o monstrengo de dez tentáculos. Um umidinho de suor na testa dele.

Ouvi uns passos pesados lá fora, pés de botina. Meu quarto sempre teve um cheiro forte de madeira, os móveis eram todos de lei. A porta não estava trancada. Os passos vieram para perto, pararam.

Agora eu não podia trancar, o ruído da chave chamaria mais atenção.

Depois pareceu que iam embora, mas voltaram mais rápido, o barulho da maçaneta acordou o Cosme e lá estava o assassino dentro do quarto.

Cosmim puxou o lençol até os peitos e eu nunca tinha percebido como era grande, o marido da Paulina. Devia ter quase dois metros, aquele olhar de boi, eu devo ter deixado o queixo cair. Viu logo que estávamos nus. E sentiu o cheiro de madeira com gozo e suor limpo. As pernas dele bambearam, queriam ir embora. As mãos fizeram um gesto esquisito, como se agarrando um chapéu e apertando a aba. É um gesto velho: os camponeses o faziam para os seus suseranos, os capatazes de fazenda para os seus coronéis, os burocratas para os seus gerentes. Timidez de pobre em casa grande. Só que naquela época quase ninguém mais usava chapéu.

Ele pediu desculpas sem dizer a palavra, tentou murmurar mais alguma coisa e não conseguiu. As calças estavam sujas de lama, a camisa com manchas marrons de suor, cabelo com pó de cimento, como deixavam entrar no cinema assim? Virou as costas e foi saindo. Com certeza tinha vindo atrás da Paulina, vai ver meu pai mesmo é que tinha deixado entrar, tudo tem explicação fácil. Mas antes de ele dar as costas o Cosme se apoiou num braço e perguntou, todo hominho, o que é que ele queria ali.

Foi naquele momento que começou a morte do meu amigo.

O assassino resmungou que nada, bateu o pé de cavalo para bufar o ódio e foi embora. Cosmim só o veria de novo na hora de morrer. Eu nunca mais.

EU: Vem cá, me dá um abraço.

Na TV, desenho animado. Um menino elástico e um gordinho troncudo constroem uma casa na árvore, martelam em câmera lenta, orquestra bombástica ao fundo (uma variação com bumbos da dança dos cavaleiros de Prokofiev). O gordinho balança, vai cair. O garoto veio me dar o abraço, mas sempre com o rabo do olho grudado na TV, cara de obrigação tranquila. Abraço de filho amado todo dia e sem ameaça. (Não, foi o magrinho-elástico que caiu.)

Quando ele se pendurou em mim, meu pescoço estalou. Ri da cara arregalada dele. Não quebro tão fácil. (*Pausa*) Como ele é parecido com o avô.

A cara do assassino eu não esqueço. Vinte e seis facadas no tórax, eu me pergunto se a polícia sentiu o perfume de canela escondido no fedor de sangue seco. Cosmim foi encontrado às cinco da tarde de uma segunda-feira, por uma mulher que eu imagino bunduda e toda vestida de amarelo, com dois cães pretos na coleira. Os cães sentiram o cheiro e foram atrás. Ele estava de bruços, só de cueca no mato alto da ex-senzala (onde mais ele teria ideia de desovar o corpo?). A camiseta estava no meio da rua, a dois quarteirões de distância. As calças, ao lado do cadáver. Pele bronzeada pelo sol da tarde, os ombros tostados de vermelho. Se ele estivesse vivo, não ia conseguir dormir de noite. O rosto sem nenhum arranhão, só meio sujo de terra.

O assassino foi buscá-lo na porta do colégio. Cosmim foi com ele (por quê?), porque era o mesmo caminho, porque era como essas meninas pobres que, mesmo com muita honra e amor-próprio, se dão mais fácil. Não sei o que se disseram. Meio-dia e uns quebrados. ☼ Quando saíram da vista dos professores e coleguinhas, ele o agarrou pela cabeça, com uma só mão, e começou o arrastamento.

O chão é crocante no Queím. Cosmim deve ter gritado, mas ninguém acudiu (por quê?), porque não era da conta de ninguém, vai ver o garoto era impossível, todo mundo sabe como são impossíveis, os garotos. Ele se debateu, conseguiu se livrar, tentou correr, mas era péssimo em educação física. Um enrosco de pés, pá, pá, o assassino muito mais predador que ele, que só corria atrás da minha irmã e nunca alcançava. Em algum momento, o assassino o pegou pelo pé, ele já devia estar desacordado (por quê?). Foi assim que ele perdeu a camiseta (por quê?).

Hora da morte: aproximadamente 13h00. ☼

A faca do crime desapareceu. O assassino fugiu. Que os vermes que lambem

carinhosamente seus ossos não deem descanso, Adriano de sobrenome desconhecido, bisneto de todos os fedores e bisavô de chorumes eternos. Pústula de varíola na cara de imperador asteca. Que exista alma e que a sua só possa beber leite podre, diabo do mundo, candidíase do mundo! Assassino! Cansaço de Deus no oitavo dia, logo depois de ter inventado essa raça espalhadora de sementes, raça de conquistadores e quebradores de recordes, de escaladores do Himalaia, homens e mulheres que fazem os maiores castelos de cartas, puxam caminhões com as orelhas, constroem os prédios mais altos e armam as maiores guerras de bolas de neve da história e depois morrem. Depois morrem, os imbecis! E passaram a vida inteira parados no trânsito, reclamando de sono e de fome e de falta de amor. De vez em quando trepam com um estranho que conheceram no ônibus e dormem abraçados no motel, porque estão sempre com muito sono. E acordam achando que as exclamações todas da vida estão pipocando no sangue, e toca a xerografar a carne noutras carnes. Nasce o filho e o pai foge e a mãe diz que aquele vai se chamar Adriano, quando poderia muito bem se chamar José, Luís das Côrtes ou Maria Odete. É a perpetração da espécie, peluda espécie dos que sabem que vão morrer, mas estudam para enfim conquistar aquele emprego médio de tribunal e consertar os dentes tortos e casa própria e filho ingrato e depois morrem, os imbecis! Os filhos vão nascer de dentes tortos também, os imbecis. Que a sua alma fique cinza e apague o sol ☼ e que o sol apague os vivos pela última vez, com tortura, eu inclusive, que estou que não me aguento, porco morto que arde nos meus intestinos! Sabe o homem de Boskop? Era um parente nosso que viveu há uns dez mil anos na África. Era mais inteligente que nós, o cérebro era maior, os dentes eram menores. O homem de Boskop era o homem do futuro. Nós matamos o homem de Boskop. O *Homo sapiens* matou o homem de Boskop. Dez mil anos atrás, nós matamos o homem do futuro. Por quê? Porque sim! Que o planeta seja deixado às outras raças, as outras raças não precisam de consolo. Nós estamos exaustos. Só uma espécie cansada inventa o carro-forte, o telemarketing e a plástica no nariz. E é tarde demais para morrer com elegância. Que o urubu-rei assuma o trono da presidentia desta república, e com ela vamos todos para a vala. Os deputados e seus cunhados e os advogados e os doutores e a polícia e os ladrões. E os milagreiros da Cinelândia e os dos templos. E os escritores que teimam em fazer livros para adultos que se borram de medo da malha fina do imposto de renda. E os que estão isentos do imposto de renda. E os chocólatras. E os cinéfilos. E todos os grandes compositores da grande música e os inventores do avião. E os que não sujam as mãos com dinheiro. E essas velhotas que parecem bonecos de cera. E as magricelas que tomam café com adoçante. E os escravos mortos, o

que diriam se soubessem que as dietas de hoje condenam o açúcar que eles plantaram? E os trabalhadores de museu, que teimam em lembrar. E os donos de brechó, e os clientes de brechó. E todo mundo que lembra com carinho. E todo mundo que acha importante. E os coveiros. Nosso destino é ser geologia e ninguém mais no mundo saber o que é geologia. Adriano, este é o último estalo antes do esquecimento. Está lá o meu vizinho ouvindo o mesmo disco do Nelson Cavaquinho: “o sol... há de brilhar mais uma vez. A luz... há de chegar aos corações...”. É bonita. ✨ Quem me deu a notícia foi a minha mãe. Papai não teve coragem. Eu estava dormindo, sono de adolescente, que sabe que as coisas acabam, mas não sabe de verdade. Ela veio e disse acorda, o seu amigo morreu. E passou a mão no meu ombro. Não me abraçou. Mamãe me abraçou muitas vezes depois, mas na hora ela não pensou nisso. Explicou o que tinha acontecido, coisa dessas que a gente só lê no jornal, assassinos de criança, um maníaco no Queím. A turma toda viu o cadáver, mas eu não podia ir lá não, eu nunca mais sairia de casa, foi o que ela disse. Eu sei que ela tinha esperança de ver o retrato falado do assassino no jornal, mas os jornais não deram bola. Depois daquele dia, ela não me deixou sair de perto, parei de brincar na rua, não vi nunca mais o Tiziu. Mais tarde meu pai me abraçou, porque estava sem chão nenhum. Abraçou pesado e eu tive que me segurar nas muletas. Ele também viu o corpo, acompanhou a perícia. Sempre chamou policiais de “os polícias”, o que é esquisito, porque foi um homem estudado. Abraçou a minha mãe também. Ela se deixou ser abraçada, depois voltou para o quarto dos ovinhos. Nunca mais dormiram juntos. Por quê? Porque sim. A Paulina estava no meio, tentava ajudar, não sabia que o pai do seu bebê estava fugindo. Andava tonta pela casa, com medo de se meter onde não devia. Alguns amigos do meu pai apareceram também, eram gordos, todos eles, e tinham sobancelhas peludas. Camisas sociais. O ser humano inventou as camisas e os sapatos que dão calo para depois inventar as cintas e os cremes e os talcos de pé. Por quê? Porque sim! A mesma raça que fez chaminés e agora recicla garrafas de plástico. Não faz diferença. Este planeta começado na lama vai terminar na lama: todo mundo tem vontade de simetria. É maior do que a gente. O Grumá travou no “Juízo Final”, a música acaba e ele põe de volta: “Do mal... será queimada a semen... ti”. E eu cresci mais triste que um pombo. Fiquei adulto irritado, imprestável e sujo. Meu pai repetia sempre que pombo é rato com asa, porque é cheio das doenças. Eu não tenho asa. Eu sou aquilo no qual ninguém quer pensar enquanto está almoçando. Este calor, este suor que nunca brota direito dos poros! ✨ O assassinato tomou domínio de mim para o resto da vida. Fui colonizado. Quase não consigo achar beleza nas coisas, só raramente: na barbearia, por exemplo, acho bonito todo

mundo cortando o cabelo sem pensar no tempo que os fios levaram para crescer e que eles continuam crescendo após a morte, pelo menos por algum tempo. Ou é a carne que enruga. Acho alguns homens bonitos e sinto desejo, mas acho todas as crianças tristes, por exemplo. Não vejo graça em poesia, em sapateado, no Chico Buarque nem em filme de suspense. Passo mal quando sinto cheiro de canela, vomito mesmo. Uma vez entrei num táxi que tinha vários daqueles sachês de perfume pendurados no retrovisor. O carro não tinha ar-condicionado, as janelas traseiras não abriam. O taxista foi me contando de todas as pessoas que tinham feito mal a ele, guardava uma lista no porta-luvas: uma que o traiu, outro que pegou emprestado e não devolveu, um amigo que não telefonava mais... Rancores pequenos de um homem que tinha muito medo de feder. Quando vi que entre o sachê de morango e o de eucalipto tinha um de canela, vomitei no braço e nas coxas dele. Ele ainda me levou até o hospital, a quase meia hora de distância (eu ia fazer uns exames na perna boa, varizes). Ele todo sujo, fedendo sem dizer uma palavra, e eu ainda enjoado, mas já sem nada no estômago. O cheiro dos sachês, do calor, do vômito, dos nossos desodorantes. Pedi desculpas muitas vezes, ele só respondeu: arrã. Tentei pagar a corrida (R\$ 43,20, que arredondei para R\$ 45), mas ele se recusou. Devo ter entrado para a tal lista de vilões, mais um canalha entre os canalhas — e dinheiro de canalha ele não queria. Quem se importa, assassino? O importante é que o salário dê para o mês. O importante é saber quem está comendo quem no escritório, nos palácios de governo e nas novelas. E a inflação? Cosmim foi violado antes e depois de morrer. Descobriram na autópsia. O assassino teve a gentileza de vestir a cueca de volta no cadáver. Minha mãe foi quem me contou, mas só bem mais tarde, como quem conta que uma vez viajou para Maceió ou Parati e foi legal, mas comeu uma casquinha de siri que não caiu bem. Estávamos tomando café, com bolo de cenoura e biscoitinhos amanteigados, desses que vêm em latas com paisagens da Suíça. Abusado, rendido, enrabado, violentado, estuprado, currado, esgarçado, despregado, arrombado. Se você quer saber, era ele quem me comia. Sempre. Com óleo de amêndoas roubado da minha mamãe, mamãe, mamãezinha. Não é isso o que incomoda? Então, eu é que devia estar morto, esfaqueado ao meio-dia. ✨ E ninguém sabe para onde fugiu o assassino. Não sei se a polícia foi atrás, nem deve ter ido. O maior perigo para um menino é encostar num fio desencapado e babau, era isso que eu achava quando era moleque. Não sei se essa comissão que tem agora descobriu que meu pai estava nos porões dando remédio para os torturados. Evito notícias. Evito, não leio. Troco de canal. Será que as vítimas se perguntam se aquele enfermeiro do porão tinha filhos? Se soubessem de mim, será que me considerariam herdeiro da

covardia dele? Não sei, as vítimas dessas coisas ficam sempre meio santas, cheias das benevolências. Até o jeito de falar muda. O jeito de mexer as mãos, como quem oferece comida a quem não pagou. Eu mudei, mas diferente. Acho que não me culpariam, não me odiariam por herança, mas uma coisa é certa: no meu sangue tem o meu pai. Talvez tenha também o Emílio Médici, com aquela cara de buldogue emagrecido. Vai saber. O teu neto, assassino, é a tua cara. Você fugiu antes de ver a mãe dele nascer, e o pai dele fugiu antes de vê-lo nascer. Teu pai também fugiu, mas as mulheres ficaram, como em geral ficam mesmo, muito mãemente. São bondosas! De mãe em mãe, ele acabou vindo parar aqui em casa. Acaba de me dar um abraço. Não é conveniente? Agora o fio desencapado sou eu. Ele está logo ali, o garoto, de costas para mim. Na tv, o gordinho e o magricela construíram a casa na árvore, falta só o telhado. Agora estão serrando uma janela na parede com um daqueles serrotes de dois cabos. O gordo está dentro da casinha e o magro está fora da casinha, a cegueira causando altas confusões. Basta ir até a cozinha, puxar uma faca de pão da gaveta e tentar enfiar na nuca dele. Vou botar o CD do Nelson Cavaquinho para tocar, para abafar os gritos. O garoto não vai reclamar, vai só aumentar o volume da tv, como sempre faz quando faço barulho. Lá na casa do Grumá, a música recomeçou. O início do disco é um tradedalá-dalá-daladá-lada-lão de cavaquinho e violão. (Pausa) “O sol... há de brilhar mais uma vez.” ✨ Em algum momento, a “Juízo Final” daqui vai parecer um eco da “Juízo Final” do vizinho, as duas vão quase coincidir: “A luz (*a luz...*)... há de chegar (*chegar... aos*)... aos corações (*rações...*)”. Não sei se vou ter energia para ir até o fim, não sei se tento acertar a jugular do menino ou se tento um enforcamento (com as mãos? Um cinto?), se vou ter força para enterrar a faca no poço da clavícula. Vai espirrar muito sangue. ✨ Não deu tempo de comprar chumbinho — seria mais prático: só botar na comida dele e esperar. Vou até a cozinha procurar veneno de rato, mas nunca na vida eu comprei veneno de rato. Curioso, quase não tem rato no Queím; muito pombo, muita barata. Uma faca, vai ter que ser. A faca de pão aqui de casa tem trinta centímetros, a lâmina é toda ondulinha, inoxidável, o cabo é de marfim falso. É leve demais (pelo tamanho, parece mais pesada), vou deixar cair assim que a tirar da gaveta. Um gesto de malabarismo desastrado — opa, opa, êpa — e a faca voa longe, por pouco não vai parar debaixo da geladeira. Quando eu me escorar na porta da geladeira para abaixar e pegar, vai escorregar tudo para trás e eu vou cair sentado. A adrenalina vai começar a pesar no meu peito, coração, calor, suor. Enfim, suor. Vou ficar uns momentos olhando ofegante para a faca no chão. Os dedos trêmulos vão atrás, ela vai fugir um pouquinho. Tremedeira de antecipação, não de covardia. Vou levantar com

menos dificuldade do que o usual, quase sem precisar da bengala — é o impulso do sangue. O punho fechado com força ao redor do cabo. Vou. Vou e ali vai estar o moleque, de costas nuas, marrom. Hoje ele não foi para a escola. Na TV, o jornal da hora do almoço, boletim do trânsito, notícias da pacificação das favelas. Os cabelos da nuca vão eriçar sem ele saber por quê. Ele vai ouvir o toque-toque da bengala, mas não vai se virar. Nem se eu chamasse duas vezes pelo nome ele se viraria, só na terceira. Cavaquinho, violão, lada-lão. (*Pausa*) Vai, Nelson! “O sol... há de brilhar... mais uma (*O sol...*) vez...” A mão esquerda segura o ombro esquerdo dele — por alguns segundos ele acha que é uma brincadeira, faz que vai rarrarrir — e a direita enfia a faca de pão na fossa do ombro direito. Minha bengala vai ao chão.

(“há de brilhar... mais uma ve-êz”)

Fico de pé apoiado na faca, enterrada firme dentro das costelas do garoto. Não bateu em nenhum osso, foi direto nos órgãos moles. Respiro fundo. Brota algum sangue, pouco, ao redor da lâmina cravada. “Quero terró... (*terróelhos...*) pra ver...” O menino não gritou. (*pra ver... a maldadi disá...*) Ondas de adrenalina. Sinto o estalo que dá em qualquer um que mata pela primeira vez. Não vejo a careta dele de quem já morreu. O mundo tem só uma fronteira: do lado de cá, todos nós que já matamos alguém.

(“a maldade desá... parecer...”)

Entra o coro de vozes de mulher. “O amor... será etér... no novamente...” (33) e acabou. Morto. Na casa do vizinho, “Juízo Final” recomeça, o Grumá está trancado nessa música. Aqui, o disco vai seguir como se nada tivesse acontecido: “Quando piso em folhas sê... cas. Caídas de uma manguê-eira...”. Na TV, um comercial de sabão em pó. A faca não deve ser retirada, ou vai sair sangue a rodo, uma cascatinha cremosa pelas costas e peitos do menino vai alagar o piso, depois para limpar vai ser um inferno. Preciso ter cuidado ao abaixar para pegar minha bengala, para não puxar a lâmina para baixo e rasgar ao meio as costas dele. A pele fininha vai se abrir como uma linguiça crua, as tripas vomitadas inteiras, dois pedaços de carne para cada lado, um de vinte, outro de trinta e poucos quilos. Cada naquinho de víscera vai bater no chão e se dividir em dois, e esses dois vão se subdividir em oito e assim por diante, até que não se possa nunca mais limpar nada aqui dentro. O corpo tem aproximadamente oito metros de tripa, o Brasil tem oito mil quilômetros de litoral, a minha sala tem onze metros quadrados. Cada milímetro do assoalho vai estar sujo de entranhas. Eu não teria chão seco onde apoiar a bengala, escorregaria, teria perigo até de quebrar o fêmur, a bacia ou coisa pior, Deus me livre. Fora o cheiro de intestino. Eu teria que tentar recolher tudo e botar num saco plástico, depois lavar e desinfetar, lavar e lavar e desinfetar e tacar fogo nos panos usados. Não deve ter

saco preto em casa; só compro os azuis. Ou uso os do supermercado mesmo, que são brancos, todos meio transparentes. Mas também não tenho força para carregar o cadaverzinho inteiro para fora. Não tenho carro, não posso chamar um táxi. Onde eu desovar o corpo? Na ex-senzala? Hoje é um estacionamento. Eu largaria o garoto ali mesmo, entre dois carros do ano, a perna esquerda agarrada na porta de um Palio 99 verde-varejeira. De madrugada. Um aleijado puxando a perna e puxando um cadáver pela perna. Teria que entrar no elevador, passar pela portaria, pela árvore que o síndico quer mandar derrubar. E daqui até lá são uns bons quarteirões. Eu teria que conviver com o cadáver até anoitecer, um pedacinho de carne se equilibrando sentado de frente para a TV, com um cabo de plástico perolado enfiado no ombro. Depois de umas horas, vou acabar me acostumando com aquela presença, e a faca vai começar a parecer um desses brinquedos de pôr na cabeça, um arco de plástico com um cabo de faca de um lado e a lâmina ensanguentada do outro. Assim, na posição em que o garoto sempre ficava, e com a TV ligada, vai parecer que está meio vivo. Talvez até me pegue conversando com ele.

EU: Está com fome? Quer almoçar?

EU: Quer botar nos documentários?

EU: Você tomou banho hoje?

EU: Amanhã você vai pra escola?

EU: Está com fome? Quer jantar?

Quanto tempo leva até um morto começar a cheirar mal?

RENATO: Que foi?

Na TV, o gordinho e o magrelo estão, enfim, construindo o telhado da casa na árvore. O garoto me olha. Fazia tempo que ele não me olhava assim por tanto tempo, sem se virar para ver o que está acontecendo na tela. Peço outro abraço. Ele me dá. Pergunto se ele está com fome. Não está. Amanhã você vai para a escola?

RENATO: Amanhã é domingo.

O gordinho caiu da árvore. Fez um rombo no chão do quintal, foi caindo, cavando um buraco no meio do planeta e caindo até que caiu para cima no céu, uooô, depois caiu para baixo de novo, ôoou, de bunda no chão.

Tinha ido parar na China.

E não sabia falar chinês.

Uma vez eu dei uma rasteira num cachorro. Era um cão de rua, que estava sentado ao meu lado na calçada há um tempão, como se eu fosse seu dono. Cachorro se apegava fácil. Não dei comida para ele, não fiz carinho nas orelhas nem nada. Ele ficou ali do meu lado, de guarda. Deve ter achado que eu era mendigo.

Meti a muleta atrás das patas da frente dele e puxei. Sem motivo. Por tédio, eu acho. Ele abriu as pernas e caiu de cara no chão, câim, mas se levantou logo e olhou para a minha cara, como o Renato olhou. Ninguém estava comigo, mas senti muita vergonha, me arrependi na hora. Abracei o cachorro. Ele não entendeu e fugiu de mim. (Tanta ternura mal colocada nesta vida.)

EU: Você nunca vai esquecer de mim?

Ele faz que não. Sorri. Põe o dedo na testa.

RENATO: Sou bom de lembrar.

No dia seguinte, acordei e a vontade de Cosmim já não estava no mundo. O corpo estava por aí, apodrecendo numa mesa do IML, mas só se movimentava pelas mãos do legista, examinando, atestando, tentando retardar o apodrecimento. Cheiro de formol. Da janela dava para ver um céu branco que nem de longe prometia chuva, só mesmo esse rame-rame nublado, suor em coisa suja. Era o ódio boiando solto, recobrindo o ar inteiro. O ódio é um apêndice do mundo. É uma coisa que fica ao alcance de quem quiser pegar, deixar fermentar e fazer o que quiser.

(A barriga do meu olho latejava. Estava cansado. Nunca mais dormi bem.)

Minha irmã estava sentada na ponta da cama, cabeça baixa, me esperando acordar. Olhava as próprias unhas num gesto de menina: com as mãos abertas, as palmas viradas para baixo, porque olhar as unhas com as mãos semifechadas, o pulso virado para cima, era coisa de menino. Deu bom-dia, o rosto inchado ainda chorando um pouco. Aí arreganhou aquele sorriso dela, de quem quer contar/ouvir segredos. Foi esquisito: ela abriu o sorriso, mas o resto da cara ficou triste, só a boca mudou. E, por cima da cara triste, ainda tinha a cara de nojo que ela adquiriu depois da menarca. Só vi esse sorriso assim duas vezes: quando morreu Cosmim e quando morreu mamãe.

Ela queria me dizer várias coisas:

- 1) ela sabia que o Cosme estava morto assassinado;
- 2) ela sabia o que a gente fazia, eu e ele;
- 3) mamãe não sabia, nem papai;
- 4) ela não ia contar para ninguém;
- 5) ela me amava.

O velório foi de caixão fechado, mas tinha uma janelinha de vidro para ver o rosto dele, o rosto não foi esfaqueado nem tinha raladuras. O restante do corpo estava coberto de flores brancas. A cara dele estava gorda e cinza, baiacu cheio d'água.

Na época, o Queím tinha $\approx$ 9000 moradores (no censo de 2010, tinha exatos 23 567). Pelo menos duzentos desses acompanharam o enterro. O coração alegre do povo, que se junta quando tem tragédia. Povo solidário, povo brasileiro. Duvido que 3% dos que apareceram sabiam quem era, menos ainda que ele fazia comigo o que fazia. As velhas ofendidas ficaram em casa, com suas moças a tiracolo. As moças ficam velhas e é assim que é. Antinatural é isso que aqueles lá fazem, e a natureza mesmo se encarrega de não deixar prosperar, vê só como não podem ter filhos. Se pudessem, seria outra coisa. E as moças envelhecem — se tiverem sorte, com muitos filhos e netos para amar. E lá vêm moças novas, cheias de esperança de barriga de nenéns. Coração alegre do povo. No cemitério, chegaram a cantar para Deus, alguns gritaram justiça, como quem comemora gol. Bateram palmas quando papai jogou a primeira mãozada de cal na cova. Só não fizeram camisetas com a foto do Cosmim porque eram os anos 70 e ele não tinha nenhum retrato, nem havia fotógrafos para registrar a comoção geral.

Não pude carregar o caixão. Eu seria um dos carregadores naturais, e por uns instantes papai esqueceu que eu não conseguiria: até me chamou, mas logo fez cara de vergonha e chamou outro qualquer.

Manquei atrás deles até a cova.

Lá do fundo veio um menino, vencendo a multidão até o pé da sepultura, onde estávamos eu e papai (mamãe e Joana não foram ao enterro). O nome dele era Caíque, Caio, não sei. Era do meu colégio, algumas séries acima de mim. Um garoto quadrado, bonito, cor de cobre (um típico S. S. K. ♂). Os moleques das séries menores tinham medo dele porque ele parecia malvado, porque era mais velho e mais forte. Eu não o conhecia e ele nem sabia da minha existência até Cosmim morrer. Mas veio se espremendo, pedindo licença e empurrando até me encontrar. Aí me deu um abraço, disse qualquer coisa de carinho bruto e foi embora. Nem falou com meu pai.

O que aconteceu depois de Cosmim morto e enterrado: nada. Um homem fugiu no mesmo dia, mas a polícia decidiu que a fuga tinha muito mais a ver com a barriga inchada da mulher do que com a barriga esfaqueada do menino. Era o que fazia mais sentido mesmo. Pura coincidência, foi o que decidiram. Ele não tinha nada a ver com a família dos patrões da mulher, foi o que decidiram. A investigação morreu à míngua. Um crime de acaso, sem motivo e, por isso, era impossível achar o culpado. Foi o que decidiram. Nenhum policial veio falar comigo. Papai não contratou detetive particular porque ninguém faz isso de verdade. Acreditou na polícia. Mamãe acreditou na polícia, minha irmã acreditou. Os duzentos indignados do cemitério também: voltaram para suas casas para pensar em como, meu Deus, arrumar dinheiro para o mês que vem. Ficou tudo por isso mesmo, eu só não pude nunca mais sair para a rua. Hoje, se a gente pesquisa o nome completo do Cosme no Google, não aparece nada.

Alguns dias depois, fui confrontar papai, perguntar o que ele achava e falar do que eu tinha certeza. Uma coisa delicada, porque eu não podia dizer tudo, mas também não podia não falar nada. Seria uma conversa de homem para homem, então eu me arrumei para ir falar com ele: camisa de botão, calça longa, os mesmos sapatos que usei no velório, pente, escova de dente. Desodorante.

Ele estava sentado na cama de casal, em perninha de índio e com um prato à frente. No prato, um queijo minas rechonchudo que ele ia cortando com uma faca de carne. Espetava a lâmina na fatia e levava à boca. Os pés inchados, como os de um neném velho, as unhas dos dedos sujas nos cantos. Quando eu entrei, ele perguntou, divertido, por que eu estava todo arrumado assim. “Quer queijo?” Não. Um cheiro de quarto de doente, mas doente de uma doença simples: gripe, desarranjo de intestino. Ele dormia sozinho ali há meses.

Como eu não tinha ensaiado o que ia dizer, disse de uma vez: “Quem matou o Cosme foi o marido da Paulina”.

Ele caiu na gargalhada. (Por quê?) Todos os buracos do corpo dele se abriram para rarrarir, rarrarrarrir. Foi como se eu tivesse enfiado a piada perfeita no momento certo: enquanto ele comia queijo, enquanto tudo ainda estava triste. Piada de velório. Ele menos esperava. O cheiro de doença piorou, era o bafo saindo de todos os buracos. Um pedaço de queijo mastigado voou no lençol. (Por quê?) Toda a minha vida eu tive a sensação de que a maioria das pessoas sabia de coisas que eu nem imaginava. E o vice-versa não funcionava tão bem: o que eu sabia e quase ninguém sabia quase ninguém ia querer mesmo saber. Senti vergonha, mas meu pai sentiu mais. Decepo rapidinho a gargalhada, e o rosto borrachudo derreteu. Os dedos dos pés retraíram. Os dedos da mão eram grossos e aplastaram o queijo cuspid no lençol quando ele tentou limpar. Passou a unha em cima, para tentar arrancar. Não deu. Virou mancha. Mancha branca em lençol branco.

Ele descobriu ali na hora que eu ficaria ressentido para sempre.

Ele relaxou os dedos dos pés.

Ele comeu mais uma fatia de queijo.

Eu saí.

A questão Paulina, tinha ainda a Paulina, grávida e tonta no meio da nossa casa. Na volta do enterro, demos com ela chorando sentada na cozinha. (A nossa cozinha tinha mesa e cadeiras de fórmica azul-clarinha. Em cima da mesa, uma jarra de vidro azulado imitando casca de abacaxi. Vazia.) Quando me viu, abriu os braços e tentou falar: a boca abria e fechava, a baba grudando nos lábios, mas não saía palavra nenhuma. Abracei. Eu também estava chorando. Ela logo estendeu o abraço para caber também o meu pai, que se deu sem nenhum pudor de patrão. Como papai estava de pé, a cara da Paulina ficou bem na altura da cintura dele.

Ela não foi demitida, nem pensou em pedir as contas. Era vítima da farra do macho tanto quanto eu, e do mesmo macho. Fui forçado a conviver com ela. Primeiro tive raiva, depois me acostumei. Todos eles achavam mesmo que a identidade do assassino era um mistério. No fundo, dava na mesma. Aqui, mistério nenhum era solucionado. Tudo por isso mesmo.

Agora sinto ternura por ela. Paulina ficou na família até o divórcio dos meus pais. No fim, quando os ovinhos de bijuteria consumiram totalmente a atenção da minha mãe, era Paulina que fazia o seu papel. Apesar do aspecto lamentável dos pijamas e da falta de higiene nos fins de semana, papai ainda botava comida na mesa e pagava o salário da Paulina, o que não a impedia de dar esporros nele — toalha molhada na cama, pão desperdiçado (ofendia Jesus), chinelos virados (senão a mãe morre) *etc.* Tinha todo um elenco de superstições. Proibições: manga com leite; trazer flor comprada em porta de cemitério para dentro de casa; pôr roupas do avesso (atrasava a vida); passar debaixo de escada; quebrar espelhos; deixar cair sal (sinal de briga na família); sonhar com o Silvio Santos (azar financeiro); apontar para estrelas (dava verruga na ponta do dedo); matar esperança (o inseto); cortar rabo de lagartixa (dificultava fazer filho mais tarde). Mas a gente podia, por exemplo, comer formiga, que fazia bem para a vista.

“Já viu tamanduá de óculos?”

EU: Você não vai sumir mais, igual daquela vez.

O Renatinho rrrerri e diz que não, não. Outro dia, perguntei se ele achava que a Anunciação, a moça que cuidava dele, sentia sua falta. Ele deu a mesma resposta: rrrerriu e disse não, não. Nem a Carla, que era a menina que vivia com eles. Fez questão de explicar que não era sua irmã. Não devia nada.

Está preso comigo.

RENATO: Como chama esses riscos brancos que ficam boiando no olho quando a gente fecha o olho?

EU: Não sei.

RENATO: Igual quando a gente toma soco no olho.

Nunca tomei soco no olho.

Mamãe não sentiu muito. Agora, quando releio as cartas rancorentas que deixou para mim, percebo que ela achava que Cosmim estava predestinado a desaparecer, que, filho de uma vítima de papai, ele próprio se tornaria vítima de papai. Era uma das leis da vida, filho meu querido. ♥ Se o meu pai não o tivesse trazido para o Queím, ele ainda estaria vivo, perdido em Barbacena com seu destininho (policial, guarda-noturno, burocratinha de prefeitura). Mas era melhor seguir quase não existindo do que morrer de vez, não era? Era o que ela queria dizer.

Morto, Cosmim realmente morreu para ela.

Sua vida seguiu igual, vinho e ovinhos (lir polir polirpo lirpo) e fígado acebolado (seu prato preferido). Eu é que nunca mais pude sair para a rua. De vez em quando, ela gritava meu nome lá de dentro do quartinho, para ver onde eu estava. Eu sempre estava perto. Nunca desobedeci a mamãe.

O Renato vem e me dá um beijo na bochecha, a boca entreaberta. As laterais do meu pescoço, subindo até as orelhas, se agudizam.

UM SOL DENTRO DE CASA



Na hora você acha que é o Saddam Hussein. O Saddam passou muito mais tempo na TV, tanto que os traficantes prestaram atenção e grampearam a cara dele nos saquinhos de cocaína: um papelinho com a cara do primeiro-ministro xerocada em preto e branco, o nome da boca de fumo embaixo e a quantidade de pó. A boca principal do Queím se chamava Salto Azul e virou Bagdá.

Mas não é o Saddam Hussein. Esse morreu faz quanto tempo? Quase dez anos. Meu Deus, parece que foi ontem.

Na sala do apartamento de Camilo, não era o Saddam. Era outro morto, mais recente, na TV. Mas a semelhança é incrível.

O menino Renato vidrado.

TV: ... na casa onde presos políticos eram torturados e mortos...

CAMILO: Muda de canal.

O garoto não ouve.

CAMILO: Renato!

TV: ... o coronel Paulo Malhões, o “doutor Pablo”, quebrou o silêncio...

RENATO: Paulo Malhões foi encontrado morto em abril de 2014...

TV: ... em sua casa em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense...

GRUMÁ: Quantas vezes esse moleque viu isso?

CAMILO: Ele tem boa memória.

GRUMÁ: Deve ser bom aluno.

O Grumá foi até a cozinha, checar o porco, que já cheirava, espalhando vapor de limão pela casa. Agora, era a sua geladeira que tinha pifado. E uma chuletinha sem cerveja gelada não dá. Melhor fazer na sua casa. Camilo ofereceu o cartão de crédito para comprar uma nova, mas o amigo recusou.

E esse porco quem comprou foi o Grumá. Não era porco acidentado, não. Aliás, a irmã dele nem criava mais porcos no sítio de Nova Iguaçu. Ele bateu à porta com o bicho quase inteiro, retalhado e embalado em sacos plásticos brancos com o logo vermelho do Açougue União. A cabeça não veio junto.

Descontando a cabeça, quanto custou o porco? Mais do que os R\$ 48,96 que o Grumá levou na compra do fogão.

O Grumá já tinha visto o menino pelo bairro. Sabia que não era filho dele, mas vai saber de quem também. Vai pegar para criar?

CAMILO: Estou dando uns livros para ele ler.

Que bom. Ficar na frente da TV o tempo inteiro derrete os olhos. Ninguém quer ter que pagar óculos de vista cansada para um moleque de dez anos.

Camilo deu *Viagem ao centro da Terra* para o menino e comprou umas revistas de mãe, dessas modernas, para ler, porque hoje em dia não pode mais bater, porque quem é que sabe como criar um filho: ninguém.

GRUMÁ: Nem uma chineladinha?

Grumá disse que apanhou bem, e riu. Tamancada e cinto, com o lado da fivela!, não o rabo mole. A mãe do Tiziu chicoteava com vara de marmelo, ficavam umas cobrinhas doloridas nas pernas e nas costas pretas dele. O pai do Iguatemi preferia o tapa na bunda ou nas pernas fugitivas. Palmada pode? “Em determinadas circunstâncias, um golpe leve...”, é o que dizem as revistas. “Marcas físicas, como vermelhidões e hematomas, são sinal de que os pais passaram da conta”, mas cada mãe é soberana e sabe o que faz, é o que dizem as revistas. O Camilo não vai bater, está decidido. Nunca apanhou dos pais. Nem teria força para enfrentar o Renato. Está crescendo. Uma rasteira dele na bengala e acabou o respeito.

54

O Grumá voltou como se nada, sem dar nem pedir desculpa pelos meses de ausência. Tocou a campainha e entrou, com uma garrafa de uísque (nacional) na mão. Acertou na milhar do carneiro: 7126, bem no cabeçote, foi o que disse. Sorria. Se não tivesse ganhado no bicho, também estaria sorrindo.

Na noite anterior, tinha sonhado que se matriculava numa escola de mordomos. Não era novinho, era burro-velho já. Botou terno e gravata e foi aprender a ser mordomo, como aqueles de filme. A escola ficava dentro de uma igreja na Glória no sonho, e o professor ensinava a empinar o nariz e a segurar bandeja, mas no fim os alunos viravam era padres, não mordomos. É assim que eles enganam você.

Quando acordou, consultou o seu *Livro dos sonhos* e ficou na dúvida: tinha sonhado com igreja (milhar do gato: 9356), com padre (cobra: 0234) ou com mordomo (carneiro: 7126)? Ele não lembra se virou padre ou mordomo no sonho, mas o que queria era mesmo ser mordomo, então cravou todo o dinheiro que tinha no carneiro, bem no cabeçote: sete um dois meia.

GRUMÁ: Você sonhou com que hoje?

CAMILO: Não lembro.

GRUMÁ: Vamos marcar um dia e você sonha e me diz.
Marcaram.

GRUMÁ: Eu trago o porco.

CAMILO: Você sabe que porco me faz um mal danado?
(*Risos, primeiro de um, depois dos dois*)

GRUMÁ: Guarda o uísque. Trago outra garrafa.

53

Onze da noite, o porco comido, o Renato dormindo, os intestinos do Camilo ainda tranquilos. Abriam a garrafa nova de uísque e foram buscar o *Livro dos sonhos* na casa do vizinho. Mais cerveja para gelar?

GRUMÁ: Sonhou com o que hoje?

CAMILO: Agora não dá mais para jogar.

GRUMÁ: Vai ter que sonhar de novo. Eu sonho todo dia. Hoje foi com ovo. Ovo em cima do bife.

Sonhar com ovos, segundo o livro, quer dizer gravidez na família, mas tudo vai dar certo. Tem que jogar no galo, milhar 0449. Sonhar com ossos? Problemas no trabalho, desencontro numa relação sexual: grupo do porco, milhar 2469. Sonhou com boletim escolar? Joga no camelo. Com televisão? Joga no cachorro e prepare-se para longas viagens de negócios. Com bife? Joga na vaca. Comer bife durante o sonho significa que você deve confiar mais na intuição.

Mais uísque e o sentimento foi crescendo. Procuraram o que significava sonhar com mar, porque era uma coisa bonita demais para o Grumá. Sonhar com mar calmo: notícias boas vindas de longe. Mar agitado: problemas futuros. Mas o bicho era o mesmo para os dois: cavalo. Camilo não via o mar há muito tempo.

GRUMÁ: Vou dar uma mijada.

Na volta, mais uísque e cerveja e pularam para o verbete “amigo”. “Amigo” ou “Amigo morto”?

Trocaram juras. Gostavam muito um do outro *etc.* pra caralho. Os laços estreitados dos homens com a bexiga solta. Mais cerveja. Prometeram que amanhã jogariam ambos no amigo. Nunca no amigo morto.

Amigo é ótimo sonho.

Sonhar com amigo simboliza amizades sinceras, prontas a ajudar, sempre interessadas.

O sonho com amigo também significa que alguém de fora trará boas notícias há muito aguardadas.

E sonhar com amor à primeira vista? Aí é pavão! E amor proibido? Mm, cobra. E amostra grátis? Coelho!

E o que que é sonhar com minha mãe? Grumá tinha tanta saudade da mãe.

52

Na hora das confissões, a garrafa praticamente vazia, o Grumá chorou uma história enorme de quando tinha um caminhão e uma mulher em Saquarema. Um mercedão azul, 85, forte mesmo. Teve que vender depois de um enrosco com a polícia rodoviária.

Em troca, Camilo tentou mostrar seus cadernos para o amigo. Cadernos de escola, dez matérias, espirais de arame e capas com fotos de surfistas e carros de corrida. Ali estava sua vida inteira. A caligrafia é boa. Talvez ele fosse o único a ler, queria queimar tudo antes de morrer, para que o filho não soubesse de nada.

Mas é muita coisa. O Grumá não era bom leitor, não. Ia demorar cinco anos. Preferia dito de boca.

Foram para a cozinha, melhor, se o menino acordar a gente vai ouvir.

51

Contou da irmã, que o Grumá não conhecia porque não era repórter de TV. Da mãe, que colecionava ovos de bijuteria — se ele tivesse guardado, podia ter revendido, itens de colecionador. Das empregadas. Do pai médico.

Contou que uma vez a mãe foi até a área de serviço e entornou uma xícara de café preto nas roupas brancas do marido, que estavam de molho num balde. O amigo riu. Já tinha visto fazerem pior.

E falou de Cosmim, em detalhes que o amigo, já trêbado, soube ouvir com a cara de marujo que tinha: vento no rosto, os olhos apertadinhos no horizonte. Um homem com outro homem, dois garotinhos, o Grumá não sabia não. Mas é claro, nunca tinha visto o Camilo com mulher. Mas também nem com homem. Mas, já trêbado, lembrou daquele da novela, como era? O vilão era desses... gostava de homem. Era vilão, mas depois virou mocinho. Camilo sorriu.

(Pausa)

GRUMÁ: Tinha um chamado Sandrinho! N'A próxima vítima!

E os papéis? Os papéis do garoto. Não deve ser tão simples, cadê as certidões dele? O Camilo não sabia, mas iria a um posto. Desaparecer é fácil, aparecer é um tanto mais complicado. E, no fundinho, enquanto ouviam a carcaça do porco sizilando no forno, o Grumá não acreditava bem no que ouvia. Ele sempre esturricava os restos do bicho antes de jogar fora.

CAMILO: Você conhece seu pai?

GRUMÁ: Não.

CAMILO: Você tem filhos?

GRUMÁ: Não que eu saiba. (*Risinho*)

CAMILO: Sabe que vão cortar a árvore aqui da frente? Depois de amanhã.

GRUMÁ: Demorou. Ajudei na vaquinha. Sabe que a velha do 701 quase quebrou o cotovelo? Tropeçou na raiz.

CAMILO: A árvore não tem culpa.

GRUMÁ: E quando você ficar velho?

Uma quentura nasceu nos rins do Camilo e se alastrou borbulhante pelo ventre, quase até a altura do coração. O uísque ajudou a incendiar o estômago estufado de cerveja gelada. A carne de porco se liquefez e desceu inflamando pelos intestinos, empurrada pelos vapores do inferno lá em cima.

As beiras do esfíncter, lava.

CAMILO: Preciso ir ao banheiro.

GRUMÁ: Quem vai ser o padrinho do garoto?

A primeira coisa que o Camilo ensinou ao filho foi a comer de boca fechada e a engolir a comida antes de beber Coca-Cola. Você quer um cachorro? Renato não queria, já conhecia cachorro demais na rua. Você foi batizado? Como não lembrava, disse que não. O tio Grumá vai ser seu padrinho de consideração. Tudo bem.

Não precisavam ir à igreja.

A memória do garoto era uma coisa maravilhosa. Parecia registrar tudo o que chamava sua atenção, esquecia pouco — ou aprendeu a esquecer o que convinha: o dever de casa e o prato sujo na pia. Era péssimo aluno, ainda não

sabia ler muito bem. O *Viagem ao centro da Terra* estava jogado no quarto há meses. Camilo pensou em comprar um computador para ele, dez vezes de R\$ 71,55 no lojão do shopping. Vai precisar para fazer pesquisa na internet. Disse isso ao menino e ele nunca mais o deixou esquecer. Dez vezes de R\$ 71,55.

O moleque é esperto, contou ao Grumá. Aprendeu a chamar de “pai” quando falava sobre o computador. Conseguia recontar um filme inteiro, com aqueles detalhes que a gente esquece na hora, todas as cores dos vestidos da mocinha na ordem em que aparecem, o nome do pastor-alemão do policial. Ontem repetiu um discurso inteiro que viu na TV Senado sobre aquele negócio do petróleo. Não era uma coisa normal. Ele deve ter visto um pediatra duas vezes só, imagina se alguém levou a um médico de cabeça. Esse tipo de talento vem sempre com uma armadilha, pressão alta, derrame, cegueira, impulsos esquisitos.

CAMILO: O que você lembra do seu pai?

GRUMÁ: Agora assim do nada é difícil dizer.

CAMILO: Ele vai lembrar de tudo.

GRUMÁ: Apanhei muito.

47

Na primeira gripe mais forte, Camilo ficou em pânico. Segundo as revistas de mãe moderna, “papais de primeira viagem exageram quando o filhote fica doente”, mas isso era diferente. Começou com uma tosse de cachorro, depois evoluiu para falta de ar, assobio nos pulmões, uma coceira no meio dos peitos que não parava. De repente, o Renato se encatarrou inteiro, a respiração atolou, não conseguiu mais dormir. Semanas, isso durou. O menino aprendeu a cuspir a geleia bege dos pulmões, decorou o mapa dos ralos da casa.

CAMILO: Quantas vezes você já foi ao médico?

RENATO: Três.

Levou o garoto a todas as clínicas que podia, tudo pelo SUS, não podia pagar um plano de saúde. O garoto não tinha documento nenhum e o Camilo não tinha coragem de ir pedir à mulher que cuidava dele antes. Vai saber se ela tinha também. Aos burocratas de hospital, deu a desculpa de que ainda estavam tirando as segundas vias, perderam tudo num incêndio, na mudança, na última enchente. Não tem uma autorização que ele podia assinar? Sempre tem.

Médicos, remédicos, remarcações de consulta. O Renato gostava de andar de ônibus. Viroses, remédios para verme, xarope para tosse. O neurologista do Geral de Bonsucesso disse que era um menino normal, tem gente que tem mesmo boa memória. O senhor é o pai? Diz para a mãe dele que está tudo bem.

Eles querem só que você saia da sala deles. Um problema a menos antes de almoçar. O pequeno está só encatarrado.

46

No dia em que reencontrou o Iguatemi e foram tomar cerveja, ele disse que o Nó era enfermeiro no Hospital Geral de Bonsucesso, mas foi há tantos anos. Nas vezes em que foram lá, Camilo perguntou por Norberto, por um enfermeiro magricela, por Nó? Ninguém soube dizer. Tem ninguém ali com esse nome, eles sabiam, porque enfermeiro homem quase não tem, a gente lembra.

Também, ia dizer o que a ele?

Este aqui é o meu filho?

45

Estão num pronto-socorro do Queím. Um domingo. O Renato tossindo, coçando os peitos. Coça tanto que abriu ferida, como se tivesse operado o coração. Já se acostumou à coriza, nem funga mais. Há uma crosta de muco embaixo das narinas, que se renova a cada passada de braço. O antebraço tem um risco de catarro duro preso nos pelos, do qual o moleque parece se orgulhar.

Uns poucos doentes: o único que Camilo reconhece é o Tatuí, que trabalha na marcenaria do pai. Quebrou o braço jogando bola. Está sozinho, ainda com as chuteiras profissionais de neon verde e o uniforme da pelada: vermelho com uma listra diagonal branca, C.R.Q. — Clube de Regatas do Queím. Não tem clube nenhum no Queím, muito menos de regatas. O nome é que é bom. O cotovelo esquerdo inchado-roxo, elefantisíaco. Agora que o corpo esfriou, o Tatuí geme um gemido grave. Agora quem vai ajudar o pai na marcenaria? O cheiro de suor seco lembra o dia em que o Otávio levou uma bolada no queixo e ele aprendeu como se fazia para gozar.

Tenta conter uma ereção.

Há outros pacientes, uns dez. As paredes azulibrancas do posto de saúde, limpas como uma propaganda do governo do estado. O ar ralo, descontaminado e fresco. Os rostos meio sombrios, mas nenhum desesperado.

Camilo olha para os dedos dos pés de um bebê negro, os dedos preto-pálidos das mãos da mãe do bebê, a cara de preocupação da mulher. O bebê funga e cafunga e geme, faz que vai chorar. Os dedinhos estão inchados, os pés dois cachos de uvas, cheios de caroços alérgicos. O Camilo sorri para a mãe, dá oi com a mão, pensa que vai ficar tudo bem, seu filho vai sobreviver, tem que

sobreviver, tomara.

O bebê começa a chorar. Os outros pacientes nem parecem ouvir, mas as terminações nervosas do Camilo em fogos de artifício, as exclamações da vida todas espocando no corpo aleijado dele. O amor esquisito pelo filho alheio, que chora, mas não corre perigo. Ninguém ali vai morrer agora. A mãe faz xxxx, embala a criança, olha com vergonha. Camilo aponta para o seu menino.

CAMILO: Está gripado.

A mulher sorri, sem querer conversa. Ele sorri de volta, enquanto as caras quietas dos outros doentes pressentem, ao muito longe, os ris-ris da morte.

44

O garoto ficou bom, claro que ficou. Além das quatro civilizações de vermes florescendo no intestino, nada muito grave. Impressionante como ele nunca reclamou de dor, disse o médico. Devia doer desde sempre. A vida dele vai ser diferente sem esse incômodo. (Talvez *agora* ele ache que tem algo errado.) E é uma sorte: nenhum parasita infectou o cérebro. O senhor tem que levá-lo ao médico com regularidade. Ele tem que: lavar as mãos, não brincar na terra, evitar carne de porco mal cozida, aliás qualquer carne de porco. Só por segurança. Evitar o contato com animais de rua. Lavar bem a salada e as frutas que ele come. O básico. O senhor é viúvo?

Sim.

43

Camilo nunca pulou o Carnaval. O Queím da infância queimava, eram os únicos dias em que a poeira bege virava amarelo-ouro. Mas ele nunca viu. A mãe não deixava — os bate-bolas eram mais cruéis naquela época. Uns marmanjos já, com fantasias coloridas e máscaras de demônios, arrastando bexigas de boi presas a barbantes, que eles batiam com força no chão, às vezes em bando. O cheiro de carne crua, o tecido morto espancado, espalhando sempre o pouquinho de sangue que restava do bicho. ✨ O sangue nunca se esvai inteiro. Hoje em dia, usam bolas de plástico, mas naquele tempo era o terror: assustavam, derrubavam, deixavam os meninos nus, aproveitavam para fazer maldades. Camilo cresceu apavorado de folia.

Quando tinha a loja de antiguidades, abria da sexta à Quarta de Cinzas, para ver os brincantes de Copacabana, os adolescentes, as recém-desquitadas meio perdidas, os solteirões que já passaram da idade. Os casais formados de acaso

iam se esconder na galeria, um ou outro bêbado se sentava nos banquinhos do corredor, um passante desavisado que precisava respirar um pouco. Uma colombina, um Capitão América, um bebê peludo, uma Frida Kahlo, uma Super Mario, um enfermeira.

Às vezes entravam na loja. A bagunça lá dentro, a sombra, os itens avulsos, alguns anedóticos, o aleijado atrás do balcão, tudo dava a impressão de outro Carnaval, mais fundo, mais quieto. Olhavam os álbuns de foto de desconhecidos eternos, os chapéus de gente provavelmente morta, os rádios que não funcionavam mais — olhavam tudo com cara séria, mesmo os trêbados e tetrêbados, mesmo os homens vestidos de sereia, com aquele passo desengonçado da fantasia que não deu certo. Saíam em silêncio. No máximo, um aceno de sorriso.

Nunca compraram nada.

O Renato sempre foi de Carnaval, desde pequeno solto na purpurina que os pés semidescalços levantam do chão, exuzinho acotovelando espaço nos blocos, entendendo quase nada. Sempre enfrentou os bate-bolas, com vergalhões e pedras, se necessário. Maria Aína dizia que no Carnaval as entidades não podem baixar à terra, mas algumas furam o bloqueio. Erês, exus e outros espíritos rebeldes vêm se divertir em cima dos carros alegóricos e dançar no meio do povo.

Quando chegasse fevereiro, alguma coisa no sangue do moleque se agitaria. Camilo podia prever. Ele quebraria três copos em casa, sem querer querendo, brigaria mais na escola. Se não o deixasse sair, ameaçaria voltar para a casa em que vivia antes, com a ex-mãe. As roupas novas, o quarto com brinquedos de R\$ 9,99, as manhãs penteadinhas com gel de cabelo e preste-atenções na escola, beijo, ficariam a perigo. As novas correntes familiares começariam a arder nos pulsos.

Ainda era o começo de dezembro, mas as baterias dos blocos já estavam ensaiando nas ruas. O menino queria ir, sem saber para onde. Os porquês que ninguém sabe. Camilo tentou negociar o Carnaval. Você não quer um cachorro? Não, já conhecia cães demais na rua. É perigoso. E o garoto riu. Você não vai. Vou sim. Não vai. Vou sim. Você não quer um computador?

Fechado. Um computador pelo Carnaval. Veriam o desfile pela TV, até de madrugada. Pediriam pizza, Coca-Cola. Este ano ganha a Portela ou o Salgueiro? Você viu a Mangueira entrar?, perguntou o menino, e riu.

Dez vezes de R\$ 71,55.

Na época do Camilo, a maioria dos blocos desfilava à beira-mar. Todos usavam farrapos de papel crepom sobre os corpos nus e, ao final, a bateria era a primeira a entrar na água, ainda em formação, em pleno batuque, que logo afogava, fileira a fileira, dos chocalhos aos surdos.

Quando o último tambor submergia, todos paravam de cantar e caíam no mar. Os corpos ainda na lembrança da batucada, dançando sem música. As fantasias se desfaziam, deixando umas poucas manchas coloridas na pele, como velhas chicotadas. Os instrumentos se perdiam nas ondas, retornados à areia, imprestáveis, oferendas.

Ele mesmo nunca viu. O mar anda longe.

41

Mas o Carnaval também andava longe. Ainda faltava o Natal, o Ano-Novo, as retrospectivas 2014 na tv. Há anos ele não comemorava nada. No Natal, jantava comum, fígado de boi ou moela de frango, o que estivesse mais barato. No máximo punha uvas-passas no arroz. Às vezes comprava um panetone. O telefonema obrigatório da irmã, que a cada ano durava mais, porque os dois, para compensar, enchiam a conversa com frases de cartão de boas-festas. No dia 31, dormia às dez.

Este ano tinha que ser diferente. O garoto. Chamaria o Grumá para a ceia, mas ele teria planos. Passaria o Natal com a irmã em Nova Iguaçu, mas deixaria um presente para o afilhado. Não tem mais ninguém para convidar.

Um jantar de verdade, pelo menos. Na mesa da cozinha, o peru, um pedaço de presunto espetado com cravos, arroz, farofa, um chocotone, frutas, doce de abóbora, canjiquinha. Banquete para dois. Nem ele, nem o menino dariam conta. Depois de três dias comendo as sobras, tudo para o lixo.

E tanta gente passando fome. Lembraria que a mãe costumava beijar o pão velho antes de jogar fora, porque pão é a comida de Deus. Mas se era de Deus não devia ficar duro de um dia para o outro.

Vestiriam roupa de sair. A tv ficaria ligada na novela. As festas na tela farão companhia. Os personagens também comemoram Natal e Ano-Novo, como se estivessem no calendário real, uma coincidência que ainda fascina o menino. Não chegou a entender totalmente as cordas por trás do teatrinho.

Camilo não sabe como o garoto passava os natais, se ganhava presente da ex-família, se a casa enchia de gente. Vai comprar mais uns brinquedos no armarinho, uma pipa, linha e cerol, um caminhão de plástico, uns dinossauros de borracha, mas o Renato vai gostar mesmo é do computador.

Quando a novela acabar, talvez ele fique mais quieto, mas o Camilo não vai perguntar o motivo. Numa outra casa, a ex-mãe dele talvez pense onde foi parar, será que está bem. Provavelmente sabe que agora ele vive com o aleijado rico da rua tal. Talvez, no Natal, algum instinto fermente nela. Talvez o queira de volta. Talvez fale com um primo que é policial. Talvez espalhe boatos.

40

O esquisito é que o menino nunca olhava pela janela, nem quando passava avião, helicóptero. Não esperava o pai na janela porque Camilo quase não saía de casa, mas, no fundo, sabia que não o esperava porque ele não era mesmo o pai.

CAMILO: Você gosta de mim?

RENATO: Gosto.

Ele nunca perguntava o quanto. Medo de que o garoto não respondesse como viu as crianças fazerem, abrindo os braços o mais que podiam e dizendo assim, assim de tanto, tantão, tantararão.

39

Entre o 2 de dezembro e o Natal, tem um ano inteiro. As férias da escola já se arrastam, Camilo tenta ler o *Viagem ao centro da Terra* para o garoto, mas a TV é tão melhor. Renato senta em todas as cadeiras da casa, experimenta todos os pós de tempero de R\$ 3,99 e tosse rindo. Isto é canela, isto é colorau, isto é cominho moído. Sai para a rua sem pedir permissão e volta com pedaços de pau, telhas quebradas, plantas arrancadas na raiz, vamos construir uma floresta.

Camilo não pode negar. A rua não morde. O menino precisa da rua.

Quando ele volta, deita no sofá e fica lembrando, ou está cansado, ou viu a mulher que cuidava dele antes e sente saudades. Nunca vai perguntar.

Onde é que começa o amor ninguém lembra. Os gatilhos do ódio são todos fáceis: o momento em que ela disse que você é um merda, a pedra que atiraram no restaurante kosher, a bomba na casa da tia em Rafah, o dia seguinte ao que não te convidaram. Um dia Camilo perguntou se ele gostava de sequilhos de nata e o menino riu. Riu por vinte segundos e disse que sim, depois riu por mais trinta. Riu dele. Apontou para sua cara. Por quê? Do que você está rindo? E ele riu mais. Aí poderia ter começado o ódio, mas não começou. Poderia ter começado quando o moleque berrou que ele não era seu pai porque foi proibido de ir para a rua às oito da noite. Mas não começou.

É assim que Camilo sabe que ama o filho.
O ódio nunca começa quando pode.

38

Na manhã do dia 14, começou a chover. O chiado o acordou, mas Camilo não abriu os olhos. Todo ano é parecido: faltando alguns dias para o Natal, o aguaceiro começa e só vai parar um pouquinho antes do Ano-Novo. A água imunda, regurgitada dos bueiros, alaga as ruas e invade as casas. Depois os repórteres chegam para perguntar se a gente perdeu tudo. Filmam a nossa cara em close, torcem para a gente chorar. “Como a senhora está se sentindo?”, “Qual é o sentimento?”.

Durante o ano, os moradores tentam se preparar para a chuva, erguem muros mais altos, diques, cavam canais. Não adianta. Nem eles próprios confiam. No finalzinho de novembro, quando começa a ventar mais forte à tarde, carregam os móveis para o segundo andar e ficam esperando.

A água vem marrom, com pedaços de pau, baratas mortas, cachorros afogados, ratos mortos e vivos, alguns parecem correr sobre as águas. Arrasta motos e carros, que batem nos muros como aríetes. Quando um muro cede, a casa desaba e morre todo mundo. Sorte do Camilo, que mora em apartamento.

A cada ano que passa, a coisa piora, é o que dizem. Começa a chover cada vez mais cedo. A água sobe cada vez mais. Na rua do Canela, chega a bater dois metros e meio. Os carros boiando. Os cães de estimação. Os fios soltos estralando no choque, um perigo. Deus proteja quem vive perto dos barrancos.

Se continuar assim, será preciso subir cada vez mais alto os móveis. Quem tem dinheiro hoje em dia para construir um terceiro andar em casa?

E depois, antes da noite de Ano-Novo, a gente lava o barro que fica nas paredes... O risco da leptospirose, você sabe que é causada pelo xixi do rato? Nas paredes, no teto das casas tem mijo de rato. Assim vivemos.

Dá para sentir o cheiro pelo resto do ano.

37

Às vezes bate sol, mas a água não baixa nem o céu abre inteiro. ☀ As crianças trepam no teto dos ônibus quase completamente submersos. Gritam, tapam o nariz e mergulham na água marrom. Os helicópteros da TV filmam: primeiro os moradores nos telhados, flamulando lençóis brancos em sos. Depois a fiação soltando chispas. Depois, os meninos nadando na enchente.

A âncora no estúdio pergunta: onde estão os pais dessas crianças numa hora dessas? Quando cortam de volta para o estúdio, a âncora olha para a câmera como uma mãe triste, mesmo se não for mãe, mesmo se for um homem. E segue: a Defesa Civil diz isso; o prefeito decreta isso. Outras notícias.

Camilo não quer ser alvo do olhar decepcionado da mulher na TV. No Queím, a enchente é boa porque cria anticorpos, é o que dizem. Mas o Renato não. Já proibiu, proibirá de novo. O menino vai rir, rarrarrir dele de novo.

36

Pela primeira vez, o Camilo vai pegar o filho olhando pela janela. Lá embaixo, a rua alagada, uns moleques nadando: mergulham de peixinho, barrigada, bomba nuclear. Chove, mas o sol ameaça. Estão presos, mas ainda há comida suficiente para duas semanas. Como vai fazer para comprar as coisas da ceia de Natal, Camilo não sabe. Nos anos anteriores, sempre tinha moela de frango no freezer.

O menino não quer ouvir o *Viagem ao centro da terra*, não está com fome, não quer ver TV. Camilo não pergunta mais.

O sol abre enquanto ele ainda está no parapeito. A luz deita uma lâmina amarela no chão da sala, com o recorte sombrio, alongado, dos ombros de criança. Ainda é uma criança, embora tenha boa memória.

Cosmim morreu com raladuras sangrando nas costas.

Um carinho na nuca do menino que olha pela janela. Camilo pergunta, para ter certeza, se ele não quer descer para nadar. A risada é menor, mas ainda risada.

RENATO: Sei nadar não.

35

RENATO: Você tem namorada?

CAMILO: Não tenho não.

RENATO: Sua namorada morreu?

CAMILO: Não.

Ele tinha dito ao médico que era viúvo e o garoto sabia o que queria dizer viúvo.

Voltavam do supermercado, Camilo carregando o pernil na mão livre de bengala e o filho, quatro sacos de plástico com o restante da ceia. Ainda faltava o presunto, que o Grumá prometeu pegar no açougue, não precisa pagar, deixa comigo, feliz Natal *etc.* e tal. Vai fazer farofa também, com banana e bacon.

As ruas cheias de lama. Camilo tem botas impermeáveis, dessas de açougueiro, mas preferiu ir de havaianas, como o garoto. Esqueceu de comprar um par para ele. O barro aguado se mete entre os dedos, as solas dos pés escorregam na borracha, ameaçam arrebentar as tiras dos chinelos. Cuidado com os cacos de vidro. Quando chegar em casa, lava bem, mete a esponja no meio dos dedos. O menino contorce a cara, tem nervoso no mindinho do pé. Talvez ele esteja morrendo, o pai, talvez ele, o garoto, se torne viúvo. Talvez não saiba mesmo o que a palavra quer dizer.

RENATO: Sua namorada não morreu?

CAMILO: Não.

Os moradores lavam as calçadas com mangueiras e rodos. Estão alegres, a enchente baixou antes da noite de Natal. Também estão de chinelos.

34

Um Natal com duas pessoas é sempre triste. Um aniversário. Um Ano-Novo. Não importa se as duas se amam, ou o quanto. Camilo e Renato não se amam tanto assim, não tiveram tempo.

O banquete na mesa da cozinha, iluminado por lâmpadas fluorescentes, o piso de azulejo branco brilhando clínico. Perfume quente das carnes, o desinfetante da faxina. Presunto cozido e cravo. Eucalipto toque de frescor. O som da TV vindo da sala, o jornal antes da novela, uma enchente não-sei-onde, a solidariedade do povo brasileiro. De vez em quando, gritos de alegria na rua. Em cada casa, há um tio engraçado; em cada tio, uma piada que eles não conseguem ouvir (“Mamãe, já tenho catorze anos, posso usar sutiã? Não, João”). Garfadas em silêncio. Camilo sorri, o menino sorri.

Vai ganhar um computador.

No dia seguinte, ou bem logo que os estômagos começam a pesar, ficam dois. Não ficam três nem fica o mundo. É triste. Veja como diferentes países estão se preparando para receber 2015. O telefone em silêncio. Ninguém toca a campainha.

Um vinho ruim vai virando vinagre na cabeça da ex-mãe do Renato, é o que o Camilo pensa. Algo supura. Um fluxo de sangue velho, a cada ano mais velho — em breve ela não poderá mais ter filhos. Anúnciação. De chinelos de borracha, as unhas feitas para o Natal que passou. Pensa no garoto enquanto toma café preto com rabanada de ontem, o açúcar que dormiu na geladeira na língua queimada de café. O telefone não toca.

Carla dorme ainda. Os parentes que vieram, uma tia e um primo, trouxeram

presentes para os dois: carrinhos, um pião e duas bonecas. Mas a menina já é quase mocinha, para que bonecas? É bom praticar. Essas garotas têm filho cedo hoje em dia. Disfarçaram os brinquedos para o menino ausente. Um sedãzinho de plástico azul e um pião de madeira clara, o barbante já meio encardido. Não falaram nada, não perguntaram. Levaram embora. Dá sempre para reutilizar. Sempre há meninos.

A menina a chama de mãe, Renato nunca chamou.

Não é bem saudade. Nem orgulho. Mas ela vai querer o menino de volta, é o que Camilo pensa. Está livre do peso, mas as costas ainda lembram, os braços. Ela o pegava no colo? Ele nunca conseguiria. Os membros se acostumam à dor. Gostam. Enchem-se de ácido lático e futuro: querem mais peso amanhã, ainda mais depois. O Camilo sabe, conhece os segredos dos músculos, porque os seus atrofiam. Ninguém toca a campainha.

É o que dizem as revistas que ele leu: “Os meninos têm uma ligação profunda com suas mães”. Revistas para um mundo sem mães não tem. Mas mãe é quem cria. Papai é quem cria. “Já as meninas costumam considerar seus pais os homens mais incríveis do planeta.”

A ex-mãe vai querer o garoto de volta. Se o telefone tocar no dia de Natal e ela avisar que um oficial de Justiça, que o primo policial, que ela mesma vai buscar. Renatinho vai se dar. Ainda é criança, tudo é definitivo e impotente. Vai chorar, talvez chore, tomara que chore. Mas ninguém bate à porta. O telefone.

O telefone vai tocar. Mas, se tocar, pode ser qualquer um.



Agradecimento

Quando comecei este *O amor dos homens avulsos*, pedi, publicamente, ajuda dos futuros leitores para escrever um parágrafo do livro. Abri um site na internet em que pedia que me contassem o nome do primeiro amor deles e, se quisessem, os próprios. Bastava preencher um formulário. A lista foi transcrita no romance. O endereço era <http://automatografo.org/oadha.html>

Eles responderam. É incrível o que as pessoas respondem quando você pergunta sobre o amor delas. Muitos me contaram histórias, alguns nem deram os nomes, só me escreveram sobre seus primeiros amores. Compreendi que não queriam aparecer no livro, só queriam que eu soubesse. Gente que eu nem conheço me contou coisas muito tristes ou engraçadas ou normais.

Fiquei com essas histórias para mim.

Aos que participaram, o meu agradecimento. Sou menos avulso por causa desses nomes. São o meu retorno à ternura. (*Pausa*) Não quero dizer que são amuleto. Digamos que são âncora.

Pouquíssimas pessoas preferiram permanecer anônimas, os nomes dos seus amados são os primeiros da lista. Os demais nomes foram enviados na ordem em que aparecem no parágrafo. Resultou como a quadrilha do Drummond, só que ninguém fica fora da história. Ou todo mundo fica.

Créditos das imagens

Os números de páginas desta seção referem-se à primeira edição impressa.

pp. [5](#), [19](#), [28](#), [29](#), [37](#), [39](#), [47](#), [50](#), [91](#), [106](#), [152](#): Acervo pessoal do autor p. [76](#) (acima): Popperpoto/ Getty

Images p. [76](#) (abaixo): Keystone-France/ Getty p. [78](#): Renato Soares

p. [98](#): Figura 44 do livro *Pistol and Revolver Shooting*, de A. L. A. Himmelwright. Nova York, 1908.



VICTOR HERINGER nasceu no Rio de Janeiro, em 1988. Prosador, poeta e ensaísta, tem uma coluna na revista *Pessoa* e publicou *Glória* (prêmio Jabuti 2013), *O escritor Victor Heringer*, *Automatógrafo*, entre outros.

Copyright © 2016 by Victor Heringer
*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Mateus Valadares

Foto de capa

CSA Plastock/ Getty Images

Preparação

Ana Lima Cecilio

Revisão

Isabel Jorge Cury
Carmen T. S. Costa

ISBN 978-85-438-0677-8

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras instagram.com/companhiadasletras twitter.com/cialetras

Sumário

[Capa](#)

[Rosto](#)

[O amor dos homens avulsos](#)

[Agradecimento](#)

[Créditos das imagens](#)

[Sobre o autor](#)

[Créditos](#)

MAIS DE 1 MILHÃO DE
EXEMPLARES VENDIDOS
NO BRASIL

O MUNDO DE SOFIA

ROMANCE DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA

JOSTEIN GAARDER


COMPANHIA DAS LETRAS

O mundo de Sofia

Gaarder, Jostein 9788580865189

568 páginas [Compre agora e leia](#)

Às vésperas de seu aniversário de quinze anos, Sofia Amundsen começa a receber bilhetes e cartões-postais bastante estranhos. Os bilhetes são anônimos e perguntam a Sofia quem é ela e de onde vem o mundo. Os postais são enviados do Líbano, por um major desconhecido, para uma certa Hilde Møller Knag, garota a quem Sofia também não conhece. O mistério dos bilhetes e dos postais é o ponto de partida deste romance fascinante, que vem conquistando milhões de leitores em todos os países e já vendeu mais de 1 milhão de exemplares só no Brasil. De capítulo em capítulo, de "lição" em "lição", o leitor é convidado a percorrer toda a história da filosofia ocidental, ao mesmo tempo que se vê envolvido por um thriller que toma um rumo surpreendente.

[Compre agora e leia](#)

Dorrit Harazim




COMPANHIA DAS LETRAS

O instante certo

Harazim, Dorrit 9788543806242

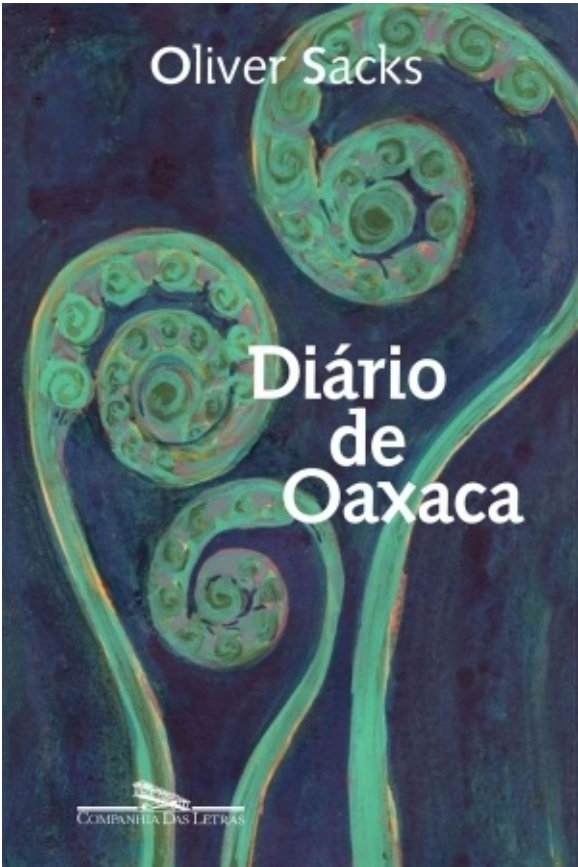
384 páginas [Compre agora e leia](#)

Com olhar arguto e sensível, a jornalista Dorrit Harazim fala de algumas das mais importantes fotografias da história.

Há cliques que alteraram o rumo da história e os costumes da sociedade. Neste O instante certo, a premiada jornalista Dorrit Harazim conta as histórias de alguns dos mais célebres fotogramas já tirados. Assim, registros da Guerra Civil Americana servem de base para analisar os avanços tecnológicos da fotografia; uma foto na cidade de Selma conta a história do movimento pelos direitos civis; e uma mudança na lei trabalhista brasileira tem como fruto um dos mais profícuos retratistas do país.

Em seu primeiro livro, Harazin nos guia não apenas através das imagens, mas de um universo de histórias interligadas, acasos e aqueles breves momentos de genialidade que só a fotografia pode captar.

[Compre agora e leia](#)



Oliver Sacks

Diário
de
Oaxaca


COMPANHIA DAS LETRAS

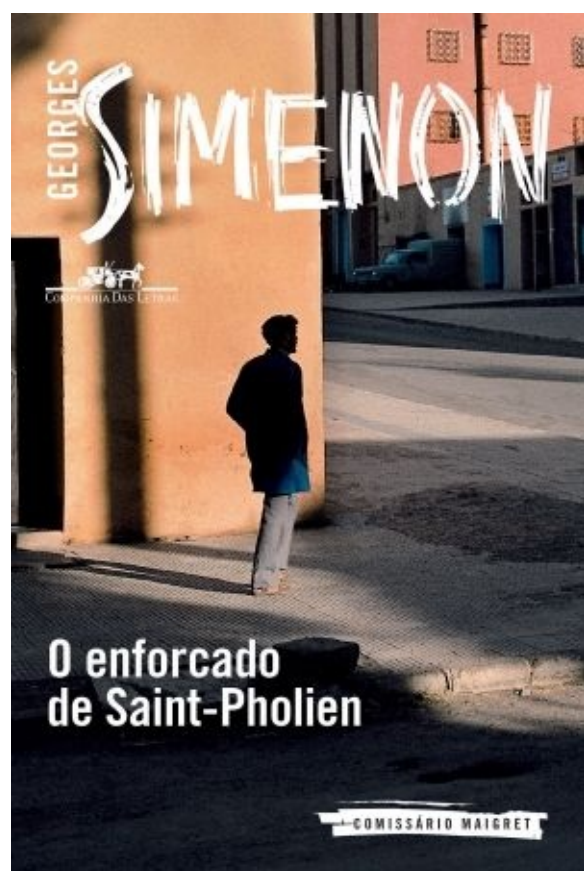
Diário de Oaxaca

Sacks, Oliver 9788580869026

128 páginas [Compre agora e leia](#)

Conhecido por seus relatos clínicos que desvendam grandes mistérios do cérebro humano, Oliver Sacks revela uma nova faceta em seu diário de viagem para o estado de Oaxaca, no México. Durante dez dias, acompanhou um grupo de botânicos e cientistas amadores interessados em conhecer o hábitat das samambaias mais raras do mundo. Entre descrições minuciosas da morfologia das plantas e uma ou outra digressão acerca de pássaros e tipos de solo, o texto concentra toda a sua força em desvendar um grande mistério da mente humana: a curiosidade científica. Ao observar de perto o comportamento de seus colegas de excursão, Oliver Sacks revela que a ciência, longe de ser uma seara de cálculos e experimentos, nasce do interesse genuíno e apaixonado de amadores, cuja erudição nem sempre supera a vontade de aprender e descobrir fatos novos. Os personagens que compõem a expedição são *sui generis*. O grupo é composto de tipos humanos diversos: homens e mulheres, americanos e ingleses, cientistas e curiosos circulam com desenvoltura por selvas e grutas, mas protagonizam cenas de verdadeira comédia ao tentar, sem sucesso, se imiscuir no cotidiano das cidades mexicanas por onde passam. É o caso da visita coletiva feita a um alambique onde se processa o mescal, bebida alcoólica extraída do agave, uma planta nativa que também dá origem à tequila. Levemente alterados pela degustação a que se submetem no maior "interesse científico", os expedicionários terminam sentados em uma pequena planície das redondezas, uivando para a lua e se "perguntando como será que os lobos e os outros animais se sentiram quando a lua, a sua lua, lhes foi roubada". Composto de uma gama variada de assuntos, Diário de Oaxaca versa ainda sobre a intimidade de Oliver Sacks, cujo mal-estar em relação aos meios oficiais e ultracompetitivos da ciência contemporânea fica evidente nas diversas passagens em que o autor externaliza sua admiração pelos amadores - classe de cientistas à qual, aliás, o livro é dedicado.

[Compre agora e leia](#)



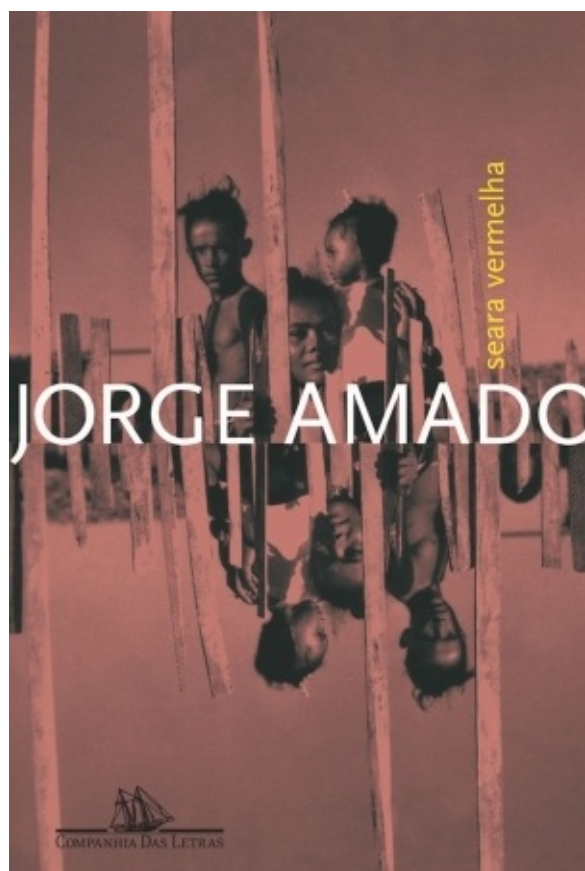
O enforcado de Saint-Pholien

Simenon, Georges 9788580869934

136 páginas [Compre agora e leia](#)

Maigret inadvertidamente causa o suicídio de um homem, mas seu remorso motiva a descoberta dos sórdidos eventos que levaram o homem desesperado a se matar. O que primeiro vem à mente quando se fala em Georges Simenon são os números: ele escreveu mais de quatrocentos livros, que venderam mais de 500 milhões de exemplares e foram traduzidos para cinquenta idiomas. Para o cinema foram mais de sessenta adaptações. Para a televisão, mais de 280. Simenon foi um dos maiores escritores do século XX. Entre seus admiradores, figuravam artistas do calibre de André Gide, Charles Chaplin, Henry Miller e Federico Fellini. Em meio a suas histórias policiais, figuram 41 "romances duros" de alta densidade psicológica e situados entre as obras de maior consistência da literatura europeia. Em O enforcado de Saint-Pholien, Maigret está em viagem para Bruxelas. Por acidente, o comissário precipita o suicídio de um homem, mas seu remorso é ofuscado pela descoberta dos sórdidos eventos que levaram o homem à decisão extrema de se matar.

[Compre agora e leia](#)



Seara Vermelha

Amado, Jorge 9788563397508

368 páginas [Compre agora e leia](#)

Escrito em 1946, quando Jorge Amado era deputado federal pelo Partido Comunista, Seara vermelha narra a luta dos sertanejos do Nordeste contra a fome e pela dignidade humana. Na primeira parte o romance descreve a penosa retirada rumo ao sul de uma família de lavradores pobres, expulsos da roça pelo novo latifundiário da região. Na caminhada pela inóspita caatinga, comandados pelo patriarca Jerônimo, vários vão ficando pelo caminho: uns morrem de fome, outros de doença; a irmã de Jerônimo junta-se aos seguidores de um profeta do apocalipse, o jovem Agostinho e sua prima ficam numa fazenda para trabalhar e casar, outra se prostitui. Poucos concluem a longa jornada até as terras míticas de São Paulo. Na segunda metade do livro, conta-se a história dos três filhos de Jerônimo que saíram de casa antes mesmo do grande êxodo: João vira soldado de polícia, José se torna o temido cangaceiro Zé Trevoada, e Juvêncio engaja-se na luta revolucionária. A ação se desloca do sertão nordestino aos confins da selva amazônica, do Mato Grosso ao Rio de Janeiro e São Paulo. Acontecimentos cruciais da história do país, como a Revolução Constitucionalista de 32 e sobretudo o Levante Comunista de 35, sem falar do cangaço e das revoltas místicas, são retratados de modo vivo e pulsante neste romance de amplo fôlego, que é também uma narrativa de extrema e dolorosa atualidade. Este e-book não contém as imagens presentes na edição impressa.

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[Rosto](#)

[O amor dos homens avulsos](#)

[Agradecimento](#)

[Créditos das imagens](#)

[Sobre o autor](#)

[Créditos](#)